



Universidade de Brasília

Ministério da Educação

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares

Centro de Formação Continuada de Professores

Secretaria de Educação do Distrito Federal

Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação

Curso de Especialização em Letramentos e Práticas Interdisciplinares nos anos finais (6º a 9º)

Rosária Rosa dos Santos Ramos

**O LUGAR, A MEMÓRIA E OS (MULTI) LETRAMENTOS: UM
REENCANTAR NO CED- OSÓRIO BACCHIN E SUA COMUNIDADE**

Identidade e Pertencimento

Brasília, DF

Dezembro/2015



Ministério da Educação
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
Centro de Formação Continuada de Professores
Secretaria de Educação do Distrito Federal
Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação
Curso de Especialização em Letramentos e Práticas Interdisciplinares nos anos finais (6º a 9º)

ROSÁRIA ROSA DOS SANTOS RAMOS

**O LUGAR, A MEMÓRIA E OS (MULTI) LETRAMENTOS: UM REENCANTAR NO
CED- OSÓRIO BACCHIN E SUA COMUNIDADE**

Identidade e Pertencimento

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Letramentos e Práticas Interdisciplinares nos Anos Finais como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Letramentos e Práticas Interdisciplinares sob orientação do Professor-orientador Ms Cristiano de Souza Calisto.

Brasília, DF

Dezembro/2015



Universidade de Brasília

Ministério da Educação

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares

Centro de Formação Continuada de Professores

Secretaria de Educação do Distrito Federal

Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação

Curso de Especialização em Letramentos e Práticas Interdisciplinares nos anos finais (6º a 9º)

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Letramentos e Práticas Interdisciplinares nos Anos Finais pela seguinte banca examinadora:

ROSÁRIA ROSA DOS SANTOS RAMOS

**O LUGAR, A MEMÓRIA E OS (MULTI) LETRAMENTOS: UM REENCANTAR NO
CED- OSÓRIO BACCHIN E SUA COMUNIDADE**

Identidade e Pertencimento

Aprovada por:

Profº .Mestre Cristiano de Souza Calisto
(Professor-orientador)

Profº. Dr .André Lúcio Bento
(Examinador interno)

Profa. Mestre Olga Cristina Rocha de Freitas
(Examinadora externa)

Brasília, DF

Dezembro/2015

DEDICATÓRIA

Primeiramente, a *Deus, Pai e Criador*, de todas as coisas.

À minha querida mãezinha **Ana (in memorian)**, que muito me incentivou e caminhou comigo durante algumas saídas a campo, embora já enferma, gostava de fazer-me companhia e não deixou que eu desistisse do curso. Momento difícil! Ao vê-la definhando pela doença que a cometia. Por várias vezes, eu quis sair do curso, mas ela insistia que não. Deus a levou para junto Dele. E agora? Onde encontrar forças para continuar? Na lembrança das suas palavras, mãezinha, que dizia: *-Você gosta de estudar minha filha, continua. Você já começou. Obrigada Mãe!*

As minhas filhas, Elen e Eloá, pela compreensão em deixar-me realizar esse trabalho por horas e horas, sem a minha atenção para com elas. Ao meu esposo, pela paciência, ajuda e respeito durante todo esse tempo de estudo.

Enfim, a todos os meus familiares: pai, irmãos, irmãs, sobrinhos e sobrinhas.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, nosso Criador, pela saúde, inteligência e permissão para a realização deste trabalho.

Na trajetória de elaboração à conclusão dessa pesquisa, fui auxiliada por várias pessoas entre amigos e familiares. Registro também o meu agradecimento a todos os professores do curso. Especialmente o meu orientador Cristiano Calisto, que desde o início desta construção, por repetidas vezes, leu, corrigiu e fez observações que contribuíram para a concretização do mesmo.

À coordenadora Paola Aragão, pela atenção e cuidado em todas as situações a ela direcionadas, para que fossem solucionadas, demonstrando muita competência e agilidade na resolução das diversas situações.

À minha secretária Sônia Maria, pelos relevantes serviços prestados na minha residência e o cuidado para com minhas filhas, facilitando o meu desenvolvimento com esta pesquisa.

Um especial agradecimento aos nossos entrevistados, que de forma simples e gentil, receberam-me em suas casas e forneceram-me, através de suas narrações, informações importantes para realização dessa pesquisa.

À direção escolar do (CED- Osório Bacchin), profissionais de educação e alunos pelo incentivo e participação nas atividades solicitadas.

Aos participantes desta pesquisa, os alunos das oitavas séries (A e B), pela brilhante participação em todas as atividades propostas.

De modo bem especial, às alunas Jaine (8^a B), Vanessa Nóbrega (3^o ano), pela ajuda nas entrevistas, depoimentos, vídeos e fotos. Às alunas Giovanna e Kelly Nayara (8^a A), pelo incentivo e belas produções textuais. E a todos que de maneira indireta deram a sua contribuição. **Muito obrigada!**

Jardim Morumbi
CED-Osório Bacchin
Vale Verde
Monjolo, Palmeiras
E Quintas do Maranhão
Por que não?
Foi nessa comunidade
Que há 21 anos vim trabalhar
Sendo bem acolhida por todos
De que vou reclamar?
E com esta pesquisa
Quero homenagear
Essa minha gente
Que dela quero falar.
Sinto-me à vontade de
Com ela me identificar
Tenho um forte sentimento
Por esse Lugar
Já em via de aposentar
Não gosto de imaginar
Que desse espaço
Terei que ausentar
Mas tenho uma certeza
Meu coração lá vai ficar
Comunidade escolar
E também o seu entorno
Quanta felicidade!
Dar pra se encantar
Com as várias histórias
Encontradas nesse lugar
Ah! Se eu pudesse
Não parava de falar!
Mas infelizmente
À minha gente
Um até logo
Vou deixar
Por muito tempo,
Com vocês
Pude contar
Da minha gravidez
Até quando
Enlutar-me
Foram momentos
Difíceis,
Mas com todos
Pude superar
Meu muito obrigada
Aqui quero
Registrar.

(Autoria: Rosária Rosa dos Ramos)

RESUMO

O presente trabalho propõe uma análise **histórico-socioambiental**, com vistas a percepção do **letramento** e da **valorização da memória local**, na perspectiva da re (construção) da identidade e pertencimento. Logo, buscou-se compreender o papel da escola e do professor na ressignificação do espaço e lugar. Portanto, fez-se necessário também um estudo das **práticas sociais de letramentos** presentes na comunidade escolar do CED-Osório Bacchin e seu entorno representado pelas comunidades: Jardim Morumbi, Vale Verde, Quintas do Maranhão e Monjolo. Nesse sentido, o aporte teórico que norteou esta pesquisa veio dos autores da Geografia Humanística e Fenomenológica, da História (Local, Memória e Oral), e dos (Multi)letramentos. Além dos que postulam sobre a Educação do/no Campo, urbano/rural. Os conceitos aqui trabalhados foram: lugar, espaço, identidade, pertencimento, História Memória e oral, rural/urbano, Educação do/no Campo e (Multi)letramentos. Diante das investigações e análises, propõe-se um trabalho pedagógico voltado para a realidade local e novos paradigmas, que atendam aos anseios da comunidade como um todo.

Palavras-chave: Geografia Humanística; Fenomenológica; Lugar; História Memória, Oral, identidade; pertencimento;(multi) letramentos; Comunidade e histórico-socioambiental.

ABSTRACT

The present paper proposes an historical and environmental analysis, with a view to awareness of literacy and the appreciation of local memory with a view to re (construction) of identity and belonging. Therefore, it sought to understand the role of the school and the teacher in the redefinition of space and place. Therefore, it was necessary also a study of the social practices of literacies present in the school community of the CED-Osorio Bacchin and its surrounding communities represented by: Jardim Morumbi, Vale Verde, Quintas do Maranhão and Monjolo. In this sense, the theoretical framework that guided this research came from the authors of humanistic geography and phenomenological, history (Local, Memory and Oral), of (Multi) literacies. In addition to that, postulate on Education of / in the field, urban / rural. The concepts developed here are place, space, identity, belonging, history and oral memory, rural / urban, education of / in the field and (Multi) literacies. In the face of the investigations and analysis, it proposes a pedagogical job facing the local situation and new paradigms that meet the community's desires as a whole.

Keywords: humanistic geography; Phenomenological; Place; History Memory, Oral identity; belonging, (multi) literacies; Community, historical and environmental.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: O crescimento exorbitante da população urbana em comparação com a população do campo.....	34
Quadro 2: Cronograma de atividades: Passeio Leitura (Saída a campo).....	48

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 - Produção textual da aluna Kelly Nayara (8ª série A). Fonte: Professora-pesquisadora/2015	27
Figura 2 - Mapeando a região: saída a campo (8ª série B). Fonte: Professora pesquisadora/2015	31
Figura 3 - A escolinha. Fonte: Professora Vera/1994	39
Figura 4 - Escola Classe Osório Bacchin. Fonte: Acervo da escola/1997	40
Figura 5 - O CED-Osório Bacchin. Fonte: Professora-pesquisadora/2015.....	41
Figura 6 - Mapa das áreas rurais de Planaltina DF. Fonte: Fonseca/2008	44
Figura 7 - Alunas da 8ª sérieB. Entrevista policial no Postoda DF 128.....	47
Figura 8 - Cachoeira do Morumbi. Fonte: Jaine 8ª série B/2015	50
Figura 9 - Espaço Fazendinha: Eventos e Futebol. Fonte: Professora-pesquisadora/2015	51
Figura 10 - Parada do Sítio São José. Fonte: Professora-pesquisadora/2015.....	51
Figura 11- Igreja São Sebastião Monjolo.....	51
Figura 12 - Pousada Bom Jesus - Quintas do Maranhão.....	51
Figura 13 - Chácara Pedacinho do Céu: a narrativa da Dona Maria (passeio-leitura).....	57
Figura 14 - Capela Nossa Senhora Rosa Mística. Fonte: Professora-pesquisadora/2015.....	58
Figura 15 - Faixa com convite à comunidade para a missa nas mediações do posto de saúde.....	60
Figura 16 - Faixa de aviso para início da catequese, nas mediações do CED-Osório Bacchin. Fonte: Professora-pesquisadora/ 2015	61
Figura 17 - Evento de letramento na missa (ensaio e leitura) e Primeira Comunhão dos catequisando em 2013 (Douglas, Ivan e Lídia - são nossos alunos) Fontes: Professora-pesquisadora e catequista (aluna: Jaine)/ 2013/ 2015.....	63
Figura 18 - As práticas e eventos de letramentos através das faixas, placas e letreiros. Fonte: Professora-pesquisadora/2015	64
Figura 18 (continuação) - práticas e eventos de letramentos. Fonte: Professora-pesquisadora	65
Figura 19 - Evento que mudou a estrutura na comunidade: Mercado Morumbi desde de 2005/2006/. Fonte: Professora-pesquisadora.....	67
Figura 20 - As placas ainda servem de suportes para bicicletas de trabalhadores da comunidade. Fonte: Professora-pesquisadora.....	68
Figura 21 - Foto de Reserva legal na comunidade. Fonte: Professora-pesquisadora/ abril de 2015	69

Figura 22 - O lixo nas comunidades: Jardim Morumbi, Vale Verde e Quintas do Maranhão Fonte: Professora-pesquisadora/2015.....	70
Figura 23 - Produtora do Jardim Morumbi, orgulhosa da produção e dos certificados. Fonte: Professora-pesquisadora.....	75
Figura 24 - Produtor do Vale Verde investe em tecnologia, para processar a couve e comercializar. Fonte: Professora-pesquisadora/2015.....	77
Figura 25 - Dona Leninha e seus (remédios caseiros). E os cursos (SENAR) para aproveitamento rural. Fonte: Professora-pesquisadora 2015.	79
Figura 26 - O letramento jurídico e de cidadania: comunidade quer o asfalto. Fonte: ex-aluna e moradora da comunidade/2015.....	79
Figura 27 - O uso do celular e as redes sociais (Whatsapp e Facebook) na comunicação dos moradores.	80
Figura 28 - Evento na ESCOLINHA embaixo do pé de Sucupira. Fonte: Professora Vera/1994.....	84

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico **A**- Como o aluno se sente estudando em uma escola do campo

Gráfico **B**- Como você se sente em uma escola rural

Gráfico **C**- Identificação do aluno com alguma associação

Gráfico **D**- Importância da associação rural para os alunos participantes da Pesquisa

Gráfico **E**- Percepção das associações locais pelos alunos

Gráfico **F**- Fico sabendo dos eventos comunitários

Gráfico **E**- Percepção da influência das associações locais na escola

Gráfico **G**- Contribuição destas associações à escola na visão do aluno

Gráfico **H**- Como o aluno se sente no espaço escolar

Gráfico **I**- Percepção dos alunos em relação à escola.

Gráfico **J**- Percepção dos profissionais de educação em relação à escola

Gráfico **L**- Letramentos escritos que o aluno têm em casa.

Gráfico **M**- Local de inserção da escola, percepção dos alunos e profissionais de educação do
CED-Osório Bacchin participantes da pesquisa

SIGLAS

CEB- Câmara de Educação Básica

CED-Osório Bacchin- Centro Educacional Osório Bacchin

CNE- Conselho Nacional de Educação

DF- Distrito Federal

GDF- Governo do Distrito Federal

GO- Goiás

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais

PDE- Plano Distrital de Educação

PPP- Projeto Político Pedagógico

PRONERA- Programa Nacional de Educação e Reforma Agrária

SEEDF- Secretaria de Educação do Distrito Federal

SIC- Advérbio latino que quer dizer “assim mesmo”.

UnB- Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1- EXPOSIÇÃO DOS TEÓRICOS QUE EMBASAM A PESQUISA.....	16
1.1 A Análise do Lugar/Espaço nas Perspectivas da: Geografia Humana e Fenomenológica	16
1.2 O Lugar como Construção Social.....	20
1.3 A Pedagogia dos Multi (Letramentos).....	20
1.4 Os Conceitos de Memória, Identidade, Pertencimento e Rural/Urbano.....	24
CAPÍTULO 2- CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA.....	28
2.1 Coletando Dados.....	29
CAPÍTULO 3- CED-OSÓRIO BACCHIN: UMA ESCOLA DO CAMPO, TEMPO E ESPAÇO.....	32
3.1 A Educação do Campo e a Busca de Sintonia Pela Comunidade Escolar do CED-Osório Bacchin	32
3.2 Da Escolinha ao CED-Osório Bacchin: O Que Mudou?.....	39
3.3 Caracterização: As Comunidades no Entorno da Escola.....	44
CAPÍTULO 4- AS NARRATIVAS E MEMÓRIAS: LETRAMENTO AMBIENTAL? AQUI TEM.....	47
4.1 É Hora de Contar	47
4.2 Lugares que Representam para suas Comunidades	50
4.3 As Associações Locais, como elas são Percebidas?	52
4.4 A Percepção dos Estudantes e dos Profissionais de Educação em Relação à Instituição Escolar	54
4.5 O Multi (Letramento): Nas Orientações da Professora, na Narrativa da Dona Maria, na Casa do Aluno e em seus Registros.	55
4.5.1 A capela Nossa Senhora Rosa Mística e o letramento: catequese e a missa.....	58
4.6 As Placas, Faixas e Letreiros. O que isso Significa para a Comunidade?.....	64
4.7 Falta de Conscientização, Gera Lixo: Por Que Você Está Aqui?.....	69
4.8 O Letramento no Cotidiano Do Lugar: Os Moradores e Seus Saberes	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	89
ANEXOS	96
ANEXO A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	96
ANEXO B- QUESTIONÁRIO PARA O ALUNO/ 8ª SÉRIE.....	97
ANEXO C- QUESTIONÁRIO PARA FUNCIONÁRIOS DA EDUCAÇÃO DO CED-OSÓRIO BACCHIN.....	99

ANEXO D- ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PESQUISA COM MORADORES ...	101
ANEXOS E- LUGARES ONDE A PESQUISADORA ESTEVE.....	102
ANEXO F- ALGUNS ENTREVISTADOS E A PESQUISADORA	107
ANEXO G- AS NARRATIVAS DAS PROFESSORAS ANTIGAS (MEMÓRIA) E A PERCEPÇÃO DAS NOVATAS NA ESCOLA	108
ANEXO H- NARRATIVA SOBRE O EVENTO DA FESTA DE SÃO SEBASTIÃO E A HISTÓRIA DO “MEU LUGAR”	115
ANEXO I- UMA HISTÓRIA, UM LUGAR, UMA VIDA	117
ANEXO J- AS ASSOCIAÇÕES RURAIS E COMUNITÁRIAS	119
ANEXO K- GALERIA DE FOTOS DOS EVENTOS DA METODOLOGIA DA PESQUISA	122
ANEXO L- CÓPIA DA 3ª PARTE DA ESCRITURA DO TERRENO ONDE ESTÁ LOCALIZADA A ESCOLA (CED-OSÓRIO BACCHIN)	123

INTRODUÇÃO

O CED- Osório Bacchin está localizado na Gleba G, chácara 22, Núcleo Rural, Jardim Morumbi, Planaltina DF, próximo à Estação Ecológica de Águas Emendadas. Dista de Brasília mais ou menos 50 km. A maioria dos seus profissionais reside em Planaltina DF, Planaltina de GO e Formosa GO. Seu quadro é 36 servidores e 273 estudantes. Em seu entorno constam as comunidades: Núcleo Rural Jardim Morumbi, Quintas do Vale Verde, Quintas do Rio Maranhão e Monjolo (Palmeiras, Vila Taquaril e Assentamento).

Nesse contexto buscou-se investigar o *letramento histórico-socioambiental por meio da valorização da memória local*, com vistas à (re) construção identitária e pertença, por parte dessa comunidade escolar e seu entorno. Para isso tornou-se necessário compreender o papel da escola e do professor nesse trabalho de (re) construção.

De acordo com Callai (2010, p.2), “[...] a pesquisa na escola se apresenta como possibilidade busca/investigação e produção de conhecimento”. Logo, um estudo voltado para o *letramento histórico-socioambiental e de valorização da memória*, com vistas a percepção de *identidade* e o vínculo de *pertença* ao lugar/espço pela comunidade escolar e seu entorno foi profícuo. Pois esses dois sentimentos tem uma estreita ligação com o território, que é o lugar de vida. Lugar de construção de histórias e concretização desse espaço construído e produzido pelos seus sujeitos.

Este tema brotou de uma curiosidade da pesquisadora, sobre o grau de sentimento identitário e de pertença, que nutria os moradores e a comunidade escolar. Isso se deve ao fato de que muitas atitudes existentes na comunidade escolar ali presenciadas, sugeriam que o sentimento identitário e pertença, era pouco ou quase nulo.

Este trabalho parte-se de uma perspectiva que considera a construção histórica, social, ambiental e cultural do indivíduo. Portanto, assume-se que o processo de (re) construção de conhecimento é mediado por ferramentas culturais, sociais e ambientais. Propondo aqui uma construção histórica, à medida que se constitui num processo traçado por influências socioculturais, presentes nas tradições orais e letradas em que se insere o indivíduo no contexto de seu desenvolvimento.

O percurso da pesquisa se deu na linha interpretativista, quantitativa e qualitativa, com cunho etnográfico e histórico-socioambiental e cultural. Direcionada pelos teóricos-metodológicos da corrente interpretativista, em oposição aos postulados e princípios do positivismo clássico.

Nessa direção essa análise apoiou-se nos fundamentos da Geografia Humanística, que têm como características a valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao ambiente e ao favorecimento à compreensão para o conceito de lugar.

Para essa vertente o lugar é um conceito central à medida que lhe confere significados particulares; é somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas (BUTTIMER, 1985, p.228; SASAKI, 2010, MELO, 2012, apud LEITE, 2012, p.2).

Partindo da perspectiva que cada lugar responde aos estímulos externo, pode-se afirmar que a organização desse grupo em seu habitat, está imbricada ao um contexto gestado globalmente, mas que traz um significado particular. Para facilitar o nosso entendimento a esse respeito, aliou-se a essa análise autores que trabalham: a história memória, história oral como metodologia de pesquisa, os conceitos de multi (letramentos): rural/urbano, identidade e pertencimento e Educação do e no Campo. Pierre Nora (1993, p.13), “sinaliza a necessidade de criação de “santuários de memória”, [...] Os lugares de memória seriam assim signos de reconhecimento e pertencimento do grupo a uma sociedade”. O que justifica esta pesquisa.

O trabalho está assim organizado: no capítulo 1 é feita a exposição dos teóricos que fundamentam a pesquisa. No capítulo 2, evidencia-se a metodologia, o contexto da pesquisa, os participantes, os procedimentos e instrumentos utilizados na condução da análise/investigação: produção de textos, entrevistas, questionários, saída a campo (passeio-leitura), relato da professora/pesquisadora e narrativas das professoras. O capítulo 3 traz breves históricos da escola, comunidades adjacentes à escola, Educação do/no Campo. O capítulo 4 trata-se dos eventos e das práticas histórico- socioambientais de letramento, presentes na comunidade escolar e seu entorno. E nas considerações finais apontam-se os resultados e os desafios.

CAPÍTULO 1- EXPOSIÇÃO DOS TEÓRICOS QUE EMBASAM A PESQUISA

“Existe na sociedade, dois tipos de regiões, totalmente ou moralmente distintas: a área rural e o perímetro urbano. Entre as mesmas, não existe a menos importante, pois uma área é dependente da outra [...]” (Aluno da 8ªB/CED-Osório Bacchin /2015)

1.1 A Análise do Lugar/Espaço nas Perspectivas da: Geografia Humana e Fenomenológica

Recorreu-se para as nossas discussões os conceitos de lugar, com os olhares da Geografia: Humanística, Fenomenológica e Crítica e da História Memória; com vista a questão “identitária e pertença”. Ressalta-se que haverá um recorte de teóricos, já que há um campo muito vasto. Nessa lógica, aponta-se alguns pensadores de cada área do conhecimento. Outras bases teóricas foram utilizadas como: (multi) letramentos, rural /urbano e Educação do Campo.

Acerca dessa discussão no alinhamento da fenomenologia, temos expoentes que valorizam a subjetividade como Sauer¹ e Lowenthal. Sauer afirma que “o último agente que modifica a superfície da Terra é o homem”². Assim, o ser humano deve ser considerado como um “agente geomorfológico”, que intervém e ressignifica as feições superficiais terrestres. A consolidação dos estudos humanístico e cognitivos sobre a percepção vem com David Lowenthal na década de 1950.

A partir da produção saueriana, a subjetividade tornou-se um constituinte da relação ser humano e seu espaço, especialmente, a paisagem que é por ele construída e reconstruída em seu habitat. Por isso, traz uma grande contribuição no que diz respeito a estudos que envolvem a percepção ambiental.

Com Yi Fu Tuan um contemporâneo de Lowenthal, um novo conceito de lugar e espaço surgem como categorias da geografia que vão além do limite espacial real. Para ele, espaço e lugar são duas categorias. E assim define: “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN 1983, apud SASAKI, 2010, p.116).

¹ SASAKI (2010, p.114)- Sauer (1889-1975) publicou obras como: no âmbito da Geografia Cultural e Humanística, são elas: *Recent Developments in Cultural Geography*, de 1927, que denotou a sua posição teórica em direção á Geografia Cultural e Histórica, e *Foreword to Historical Geography*, de 1941, na qual Sauer demonstrou amadurecimento intelectual do seu pensamento e fortaleceu a valorização dos elementos temporais e históricos intervenientes da relação entre o ser humano e a paisagem. Lowenthal foi seu discípulo.

² PENA, Rodolfo F. Alves. "Carl Sauer"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/geografia/carl-sauer.htm>>. Acesso em 18 de setembro de 2015.

Tuan (1983, Id.ibid.) sustenta ainda que, o lugar atinge a realidade concreta quando a experiência do sujeito com ele é total. Afinal, a experiência para o autor:

[...] implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experenciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido na sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento (TUAN 1983, apud SASAKI, 2010, p.116).

A configuração da realidade se volta para a experiência vivida pelos sujeitos. O autor ainda trouxe uma obra espetacular e que nos ajuda a compreender a afetividade do homem pelo seu lugar. Esse sentimento *topofílico*, cujo significado é: “amor por algum lugar”.

Nessa visão, o homem constrói referenciais afetivos com o lugar que é desenvolvido ao longo da vida, a partir da convivência. Esses lugares são cheios de emoção, mas cada um tem sua representatividade. Um lar pode ser um “porto seguro”, para a família. Em consonância com essa fala está Buttimer (1985, apud, Id, ibidem, p.117), ao afirmar que, “lugar é o somatório das dimensões simbólicas emocionais, culturais, políticas e biológicas”.

Na ótica de Tuan (1983), o lugar é marcado por três palavras-chave: **percepção**, **experiência** e **valores**. Os lugares guardam e são núcleos de valor, por isso eles podem ser totalmente apreendidos através de uma experiência total englobando relações íntimas, próprias (insider) e relações externas (outsider).

O autor supracitado distingue espaço e lugar: enquanto o espaço pode transformar-se em lugar, na medida em que se atribui a ele valor e significação; o lugar não pode ser compreendido sem ser ‘experenciado’.

O reforço de Relph (1979, p.19), está na ideia de que o sentido de lugar ultrapassa o sentido de localização espacial. O lugar, dessa maneira, se refere a um “tipo de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança. Cita ainda que “[...] lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiência e envolvimento com o mundo”.

O teórico Edward Relph propõe uma Geografia Fenomenológica, cuja preocupação central estaria na compreensão do mundo e seus significados. O autor acrescenta o fato cultural e as intenções humanas como pontos importantes no conhecimento geográfico com base fenomenológica. A subjetividade seria uma contraposição ao racionalismo objetivo, ou seja, a análise deveria levar em consideração o caráter subjetivo e não apenas o objeto em si. Todavia, esse viés não permite uma interpretação racional e dialética da realidade. O subjetivo, por si só, é algo vago e pautado em particularidades. O mesmo se pode atribuir à análise restrita ao objetivo, pois esta geraria uma compreensão estática e reduzida. Nessa linha

interpretativa de Relph, o lugar deveria ser compreendido com base na autenticidade e inautenticidade. A localização, a paisagem e o envolvimento pessoal são pontos centrais da concepção de lugar. “O lugar seria, então, o ‘centro profundo da existência humana’, cuja essência estaria na ‘intencionalidade grandemente não-autoconsciente’” (FERREIRA, 2002, p. 47, apud MOREIRA e HESPANHOL, 2007, p.50).

Tanto Tuan como Relph, consideram que o lugar é criado pelos seres humanos. Ou seja, a identidade e significado de lugar são configurados através da intenção humana e no cenário físico e atividades ali desenvolvidas.

Relph (apud MOREIRA e HESPANHOL, 2007, p.52) menciona que a relação entre o indivíduo e a comunidade com o seu lugar permite e reforça a identidade destes, mesmo com as modificações introduzidas.

Na fala de Moreira e Hespanhol (2007, p.52) “um exemplo ilustrativo refere-se aos bairros rurais, pois, mesmo diante das mudanças sociais, econômicas e espaciais, os indivíduos guardam na memória o passado e incorporam o sentimento de pertencimento ao lugar”. O lugar seria o centro de valores indispensáveis para a nossa identidade. O lar, por exemplo, expressa a relação do indivíduo com seu lugar. Todavia, o lar é mais amplo que o objeto - casa. Essa relação entre a percepção de lar, o objeto casa e como a casa aparece em nossa consciência (valores, bem-estar, significados) é o que se chama de princípio de intencionalidade ou a intencionalidade da consciência.

Já para Harvey (1989, apud CAVALCANTI 1998, p.16-18), o conceito de *compressão de tempo-espço* justifica-se por haver indícios de que a história do capitalismo tem se caracterizado pela aceleração do ritmo de vida, ao mesmo tempo em que venceu as barreiras espaciais em tal grau que por vezes o mundo parece encolher sobre nós. À medida que o espaço parece encolher numa “aldeia global” de telecomunicações e numa “espaçonave terra” de interdependências ecológicas e econômicas - para usar apenas duas imagens conhecidas e corriqueiras -, e que os horizontes temporais se reduzem a um ponto em que só existe o presente (o mundo do esquizofrênico), temos de aprender a lidar com o avassalador sentido de compressão dos nossos mundos espacial e temporal.

Para Milton Santos (1979, apud PENA 2008), o espaço é organizado socialmente, com formas e funções definidas historicamente, pois se trata da morada do homem e do lugar de vida que precisa ser constantemente reorganizado. Os processos sociais e tecnológicos modelam o espaço de acordo com os sistemas incorporados e estes vão dando lugar a outros sistemas que gerarão uma nova organização do espaço. Este é reconstruído histórica e constantemente. Ele recorta o espaço para compreender o território, porém, com uma

concepção mais ampla e profunda deste conceito. Para Santos (1979, id, ibidem), como o espaço é organizado socialmente, *espaço e natureza* são sinônimos, desde que se considere a natureza como uma instância transformada, uma segunda natureza, conforme Marx a denominou. O espaço, dessa maneira, corresponde às transformações sociais feitas pelos homens.

O espaço reproduz a totalidade através das transformações determinadas pela sociedade, modos de produção, distribuição da população, entre outras necessidades, desempenham funções evolutivas na formação econômica e social, influencia na sua construção e também é influenciado nas demais estruturas de modo que torna um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos (SANTOS, 1979, p.10, apud PENA, 2008, p.8).

O geógrafo Milton Santos deixou uma preciosidade no que tange o estudo do espaço. Para isso ele trilhou os seguintes trechos: o meio **natural**, passando pelo **meio técnico** e finalmente alcançando o **meio técnico-científico-informacional**.³

No meio natural seria o estágio inicial do processo de produção das atividades humanas. No meio técnico, as bases se assentam nas revoluções industriais. E o último meio Revolução Técnico-Científica Informacional. Atualmente convivemos com a presença das descobertas científicas e das tecnologias da informação. Fator esse que, proporciona alterações não só do espaço geográfico em si, mas da forma como o percebemos e lidamos com ele.

É salutar compreender que tais transformações não se manifestam pelo mundo de maneira homogênea, isto é, não se consolidaram em todas as partes do planeta de maneira igualitária. Aliás, o desenvolvimento das diferentes técnicas em um número restrito de localidades permitiu o avanço das desigualdades e a intensificação das relações de dependência política e econômica entre os diferentes espaços.

O que se percebe nessas interpretações, é que estamos vivendo em um espaço “sem rumo” e em um tempo sem previsão, que torna imprescindível uma reorientação na análise tempo-espaço, para melhor explicar a realidade atual, pelos seus teóricos. Por esses olhares, nota-se muitas transformações em todas as esferas da vida, e em todos os campos, (natural, social, global e local).

³ PENA, Rodolfo F. Alves. "Meio técnico-científico-informacional"; *Brasil Escola*. Disponível em <http://www.brasilecola.com/geografia/meio-tecnico-cientifico-informacional.htm>. Acesso em 18 de setembro de 2015.

1.2 O Lugar como Construção Social

O lugar apresenta-se tanto como expressão de resistência como de adaptação a ordem global. A globalização da economia propiciou as singularidades dos lugares. Podemos assim dizer que o lugar é o palco dos eventos.

Na Geografia Crítica, o lugar deixa de ser visto apenas como o espaço vivido, de tendência fenomenológica, e tende a ser considerada uma construção social. O lugar a partir do materialismo histórico e dialético parte de uma abordagem ontológica⁴ do conhecimento da realidade. Por isso, a fundamentação ontológica adequada para a construção de nossa imagem de mundo pressupõe o conhecimento de cada modo do ser, bem como de suas interações com outros seres. O ser aqui é revelado, na vida cotidiana, como um ser autêntico.

Na perspectiva geográfica, Cavalcanti (2010, p.50) diz que: o lugar é, portanto, o habitual da vida cotidiana, mas, por outro lado, é por onde se concretiza relações e processos globais. O lugar produz-se na relação do mundial com o local, que é ao mesmo tempo a possibilidade de manifestação do global e realização de resistência à globalização.

Na mesma direção de Cavalcanti, Filizola (2009, p.112) afirma que a dialética entre o local e o global valoriza a ideia de que a vivência dos lugares cria identidades territoriais, fortalece o sentimento de pertencimento a algo que nos pertence e reforça o sentido de lugar enquanto espaço de resistência aos mecanismos perversos da globalização.

Enrique Leff (2001) em sua obra *O saber ambiental*, deixa claro que o mundo moderno está saturado de problemas socioambientais e que é preciso buscar caminhos alternativos para a composição de um saber devotado à reapropriação subjetiva pela população de um mundo em reconstrução.

1.3 A Pedagogia dos Multi (Letramentos)

O registro dos depoimentos e narrativas (escritos e orais), dos sujeitos participantes desta pesquisa, constitui como *evento de letramento*, pois foi através desses discursos, que foram desvendadas algumas *práticas sociais de letramento*. Mostrando os conceitos de

⁴ **Ontologia** significa “estudo do ser”. A palavra é formada através dos termos gregos “*ontos*” (ser) e “*logos*” (estudo, discurso). Consiste em uma parte da **filosofia** que estuda a **natureza do ser**, a **existência e a realidade**, procurando determinar as categorias fundamentais e as relações do “**ser enquanto ser**”. <http://www.significados.com.br/ontologia/>. Acessado em 18/09/2015.

letramentos ou sobre letramento, eles podem ser vistos nas mais variadas atividades cotidianas. As práticas de letramento fogem ao conceito formal de escolarização.

O conceito de letramento, muito divulgado no Brasil, nas pesquisas da área de educação pela professora Magda Soares, Kleiman, Tfouni, Rojo (2009/2012), entre outras, deixou de lado o contraste entre pessoas que sabem e que não sabem ler.

Kleiman (2005, p.11), nos diz que o letramento não é alfabetização, mas a incluem. Em outras palavras, letramento e alfabetização estão associados.

A discussão acerca dos letramentos múltiplos embasa-se em Rojo (2013 em entrevista ao Cadernos AFT, 2013), buscando conceituar e apresentar as especificidades desse novo fenômeno das práticas sociais de leitura e escrita.

[...] O que é chamado de letramento não envolve somente as capacidades de leitura e escrita individuais que a escola desenvolve: é mais que isso Compreende práticas variadas e díspares que estão além da escola, como pagar compras com cartão de banco e circular no trânsito. A evolução mais recente é o conceito de multiletramentos (ROJO, 2013 em entrevista ao Cadernos AFT, 2013, p.8).

De acordo com Soares (2004, p.90) embora correndo o risco de uma excessiva simplificação, pode-se dizer que a inserção no mundo da escrita se dá por meio da aquisição de uma tecnologia – a alfabetização, e por meio do desenvolvimento de competências (habilidades, conhecimentos e atitudes) de uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvam a língua escrita– letramento.

Segundo Soares (2010, p.39), o surgimento de novos termos faz parte da necessidade que a sociedade tem para nomear coisas e objetos para que realmente eles existam, assim, a palavra “letramento” nasceu para caracterizar aquele que sabe fazer uso do ler e do escrever, que responde às exigências que a sociedade requer nas práticas de leitura e de escrita do cotidiano. Hoje, saber ler e escrever de forma mecânica não garante a uma pessoa a interação plena com os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade, deve-se entender os significados e usos das palavras em diferentes contextos.

Na década de 70, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO), já havia recomendado o uso da expressão “analfabetismo funcional” para designar quem sabe apenas ler e escrever, sem conseguir utilizar essas técnicas no dia a dia.

Na sociedade brasileira tal termo só passou a ser usado a partir de 1990.

À medida que o analfabetismo vai sendo superado, que um número cada vez maior de pessoas aprende a ler e a escrever, e à medida que, concomitantemente, a sociedade vai se tornando cada vez mais centrada na escrita (cada vez mais grafocêntrica), um novo fenômeno se evidencia; não basta aprender a ler e escrever. As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente

incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com práticas sociais de escrita... (SOARES, 1998 p.45-46).

Já para Tfouni (2006), estudos sobre o letramento:

Não se restringe somente àquelas pessoas que adquiriram a escrita, isto é, aos alfabetizados. Buscam investigar também as consequências da ausência da escrita a nível individual, mas sempre remetendo ao social mais amplo, isto é, procurando, entre outras coisas, ver quais características da estrutura social tem relação com os fatos. Pois, a ausência tanto quanto a presença da escrita em uma sociedade são fatores importantes que atuam ao mesmo tempo como causa e consequência de transformações sociais, culturais e psicológicas às vezes transformações sociais, culturais e psicológicas às vezes radicais (TFOUNI, 2006, p.21).

Soares (2010, p.21) afirma que letrar é mais do que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno, nesse processo não basta apenas juntar letras para formar palavras e reunir palavras para compor frases, deve-se compreender o que se lê, assimilar diferentes tipos de textos e estabelecer relações entre eles.

De acordo com Soares (2008, p.57), um grave problema é que existem pessoas que se preocupam com a alfabetização sem se preocupar com o contexto social em que os alunos estão inseridos. A escola deve criar as condições necessárias para o letramento, pois temos consciência de que ela não forma leitores sozinha, mas sabemos também que a instituição educacional é fundamental para ajudar nessa formação já que as crianças muitas vezes aprendem o código, a mecânica, mas depois não aprendem a usar. Assim sendo, a tarefa de alfabetizar letrando significa dar subsídios aos alunos para que estejam preparados para usar vários tipos de linguagem em qualquer tipo de situação, havendo assim uma escolarização real e efetiva, desenvolvendo nos alunos um conjunto de habilidades e comportamentos de leitura e escrita que lhes permitam fazer uso, de forma mais eficiente das capacidades técnicas de leitura e de escrita.

Na ótica de Kleiman (1995),

[...] Para realizar uma atividade rotineira como uma compra no supermercado, por exemplo, escrevemos uma lista dos produtos que precisamos comprar, lá, já no local das compras, lemos e comparamos rótulos, preços, datas de validade, ingredientes e cartazes promocionais, ainda usamos algum método para calcular e fazer contas e depois de tudo isso preenchemos um cheque (KLEIMAN, 1995, p.7-8).

Essas atividades que, para um sujeito letrado, são apenas mais uma forma de se comunicar com os outros e de agir sobre o meio, são quase tão automáticas que não requerem, portanto, grandes esforços de concentração ou interpretação, porém, representam um imenso obstáculo, para uma grande maioria de brasileiros não-escolarizados. Essa escrita ambiental e

rotineira representa, entretanto, apenas uma das funções da escrita e da leitura, das mais básicas.

Do ponto de vista de Tfouni (2006, p.23), não existe nas sociedades modernas, o letramento “grau zero”, que equivaleria ao “iletramento”, o que existe de fato nas sociedades são “graus de letramento”, sem que isso pressuponha a sua inexistência. A cultura e os costumes de uma sociedade também devem ser considerados como níveis de letramento, pois tanto quanto a escolarização é importante em uma determinada cultura, a luta por manter rituais e costumes em outras sociedades também deve ser valorizada, pois para ela, ali está o letramento, o saber viver e transmitir ensinamentos, como exemplo podem destacar a cultura e rituais de algumas aldeias indígenas.

Outra observação interessante é feita por Soares (2010), quando fala de uma versão fraca e de uma versão forte do conceito de letramento. Na *versão fraca*, assim ela explica: é uma visão que está ligada no conceito de alfabetismo funcional, ou seja, pessoas que não sabem fazer o uso correto da leitura e da escrita para funcionar dentro de uma sociedade. Já a *versão forte* de letramento, estaria próximo, ao enfoque ideológico e da visão paulo-freiriana de alfabetização, esta versão forte seria revolucionária e crítica, na medida em que colaboraria não para a adaptação do cidadão, às exigências sociais, mas sim para o resgate da autoestima na construção de uma identidade forte e para a valorização de sua cultura.

Outra fala bastante pertinente é de Alencar (2012 apud CAMPOS, 2015, p.16), para ele os letramentos vernaculares têm como característica o fato de serem constituídos de práticas cotidianas de letramento, ou seja, não dependem do contexto institucional para ocorrer os chamados eventos de letramento. Diferentemente do letramento autônomo que materializa dentro da formalização das agências de letramentos (escolas, igrejas, repartições burocráticas, e judiciárias), onde há o rigor do domínio da escrita padrão.

O grande Paulo Freire, na sua obra *A importância do ato de ler* (1989), mostra que a alfabetização deve considerar o contexto dos sujeitos envolvidos, de forma que o aprendizado da leitura e da escrita fosse realizado de forma crítica e reflexiva, onde segundo ele “*a leitura do mundo precede a leitura da palavra*”. Com isso demonstra que o conhecimento deve ser crítico e relacional.

Segundo Marcuschi, o letramento:

Envolve as mais diversas práticas da escrita(nas mais variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado à medida que identifica o valor do dinheiro, identifica o ônibus que deve tomar, consegue fazer cálculos complexos, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas etc., mas não escreve cartas nem lê o jornal regularmente,

até uma apropriação profunda, como no caso do indivíduo que desenvolve tratados de Filosofia e Matemática ou escreve romances. *Letrado* é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz uso formal da escrita (MARCUSCHI, 2004 apud CAMPOS idem, p.10).

Logo o letramento não está apenas na escola, ele se faz presente na vida dos sujeitos sociais, surgindo e desenvolvendo à margem da escola, portanto, a escola precisa valorizá-los em suas práticas pedagógicas, cabendo ao professor ser o mediador desse processo, adotando em suas práticas a eficácia para a construção de competências na leitura, escrita, tornando seus alunos letrados. É preciso que haja a *interação e o diálogo*, pois eles são ferramentas úteis para a construção do letramento.

Portanto, na busca pela ampliação do conhecimento por parte do aluno, a professora pesquisadora, adotou uma postura interdisciplinar ao propor um trabalho de investigação de história lócus, onde a *memória nos* reportou a um diálogo com outras áreas do conhecimento. Bortone (2012) em seu artigo, *Letramento e competências: construindo novos paradigmas na escola*, coloca que:

A escola tem o papel fundamental de aceitar, valorizar a cultura do aluno, inseri-la no ambiente escolar [...] a abordagem sociointeracional, é primordial para que o aluno se torne um indivíduo crítico e criativo, fazendo-se sujeito historicamente capaz (BORTONE, 2012, p.197).

Reitera-se que essa pesquisa contou com a participação direta dos alunos das 8ª séries “A e B” e de outros alunos de séries diferentes do CED-Osório Bacchin, na disciplina de História, em que a professora-pesquisadora é a titular da cadeira.

Diante das abordagens aqui referidas por todos autores, far-se-á posteriormente, uma apresentação de *gêneros textuais* que traz um significado de *letramento ambiental* à comunidade pesquisada.

1.4 Os Conceitos de Memória, Identidade, Pertencimento e Rural/Urbano

O relato oral, a história de vida traz um arcabouço de relevância e riqueza que nos deixa entrever o modo como os indivíduos, num dado tempo e espaço, percebem o mundo ao seu redor. Com essa perspectiva buscamos as considerações de alguns teóricos que recorrem a temática memória. A palavra memória é entendida como a capacidade de conservar e preservar dados, em referência ao conjunto de funções cerebrais que nos permite reter

informações adquiridas e impressões vividas. Esse conceito faz menção aos campos do saber com uma concepção biológica.

Para as ciências humanas, a aceção de memória que tem mais interesse é aquela ligada à ideia de memória social e coletiva. Segundo Le Goff (2003, apud FIGUEIRA e MIRANDA, 2012, p.47), “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento”.

Recentemente a historiografia passou a considerar a memória individual ou mesmo dos grupos sociais como um recurso valiosíssimo para a reconstituição de histórias de vida. Resgatar a memória se fez necessário para uma leitura dos (multi) letramentos e saberes ambientais. O fato, o acontecimento de caráter histórico e social é uma das camadas constitutivas da memória.

A memória é entendida como elemento para a afirmação da identidade étnica e cultural, quando ela é solicitada às reivindicações de grupos sociais, que almejam a cidadania através dos direitos civis e sociais. E que dela fazem uso. Como nos alerta Le Goff, a memória coletiva, além de uma conquista, é também “um instrumento e um objeto de poder” e deve servir “para a libertação, não para a servidão dos homens”. Nesse sentido e pensando nas diversas narrativas e com os textos multimodais, que denotam as formas de letramentos através da memória é confirmado por Rojo (2009)

O “significado do letramento” varia através dos tempos e das culturas e dentro de uma mesma cultura. Por isso, práticas tão diferentes, em contextos tão diferenciados, são vistas como letramento, embora diferentemente valorizadas e designando a seus participantes poderes também diversos (ROJO, 2009, p.99).

Para Nora, os lugares de memória, são lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra: material, simbólico e funcional, simultaneamente e em graus variados. Em sua complexidade pertencem ao domínio do simples e do ambíguo; do natural e do artificial; do diretamente oferecido à experiência sensível e, ao mesmo tempo, a abstrata elaboração. Os lugares da memória nascem da vontade de memória. “Lugares, portanto, mas lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade” (NORA, 1993 apud OLIVEIRA & TEDESCHI, 2011, p.52).

Para Bittencourt (2004), a constituição de identidades associa-se à formação da cidadania, problema essencial na atualidade, ao se levar em conta as finalidades educacionais mais amplas e *o papel da escola em particular*. A construção de identidade está relacionada

também à memória. E a busca de significados para determinado tempo tem suporte, justamente, na memória e na História, pois elas são esteios das identidades.

Como aqui pretende-se vincular as categorias: “*lugar/espço, memória, multi(letramentos)*” como canal de ressignificação para identidade e pertencimento de uma comunidade escolar e seu entorno. Torna-se pertinente significar o termo pertencimento.

Dentre os vários significados para o verbo pertencer, encontramos o *ato de pertencer*, do qual deriva o substantivo masculino “pertencimento”⁵.

Brandão introduz o assunto em sentido ampliado referindo-se a ao planeta Terra:

Houve um momento em que eu nasci (...) em que você, eu e todas e todos nós nascemos e começamos a viver a *aventura da vida* em algum lugar do Planeta Terra. E a Terra é a casa de todas e de todos nós. Ela é o nosso lar. Nascemos em um dia, em um lugar. E, a partir de então, nós existimos. Somos alguém. Somos uma pessoa no mundo em que nascemos e onde vivemos (BRANDÃO, 2005, p.12).

E pela sensação de nascer, existir, viver em algum lugar e ser alguém no Planeta Terra, desde os primeiros tempos da história humana, vivemos e transformamos sem cessar o meio natural em espaços e lugares, socializando-o. Por uma necessidade latente de sentir-se parte, *pertencente*, o ser humano se organiza para conviver relacionando-se com o outro e consigo mesmo, compartilhando uma cultura tecida por visões de mundo, regras de convivência, em suas preces, cantos, danças, culinária, com uma maneira singular de viver no ‘seu mundo’.

De acordo com teóricos culturais, nos tempos modernos e pós o “sujeito se tornou fragmentado” com identidades abertas, contraditórias, inacabadas e fragmentadas, em oposição ao sujeito dos teóricos iluministas que pregavam um sujeito com identidade fixa e estável. A discussão aqui é a tensão entre “o global e o local” na mudança das identidades. As identidades nacionais representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares. Elas representam o que denominamos de vínculo ou pertencimento.

A comunidade escolar e seu entorno, como já mencionado na introdução desta pesquisa, está situado em núcleos rurais, onde ocorre o encontro com o urbano. Aliás, uma das minhas inquietações, em relação a identidade e pertencimento, daqueles que ali habitam ou trabalham. E para as quais buscava resposta. E lembro de vários comentários entre nós professores assim: “*aqui parece mais urbano que rural*”, fazendo referência ao jeito de viver (práticas sociais), dos que ali moram. Portanto, esclarecimentos feitos por teóricos, parece ter

⁵ Do dicionário Candido de Figueiredo, 1913. <http://www.dicio.com.br/pertencimento/>. Acessado em: 29/08/2015

deixado compreensível, as mudanças nas paisagens ali presenciadas e vivenciadas. Mas primeiro observa-se os conceitos frutos do letramento do aluno e morador:

Rural onde existem vários animais, casas, chácaras, fazendas onde nem sempre as pessoas trabalham na terra para tirar seu sustento, mas as pessoas fazem muitas coisas erradas com a natureza. Embora seja um lugar bom pra se viver (Aluno da 8ª B, CED-Osório Bacchin/2015).

Graziano da Silva (2002, apud ALVES, 2013, p.32) nos reporta que a urbanização do campo é iminente e irreversível, tendo em vista, que o campo pode ser entendido como um *continuum* do urbano, pois com a urbanização, o rural encontra fadado ao desaparecimento. Entende-se por urbanização a inserção de elementos, técnicas e atividades pertinentes às cidades, no campo. Assim o modo de vida e a cultura rural não resistirão à invasão da cidade, o que, para o autor, acarretará uma urbanização física rural.

Alves (2013) faz uso da visão de Graziano (2002) para a seguinte explicação:

[...] está cada vez mais difícil delimitar o que é rural e o que é urbano. Mas isso que aparentemente poderia ser relevante, não o é: a diferença entre o rural e o urbano é cada vez menos importante. Pode-se dizer que o rural hoje só pode ser entendido como um *continuum* do urbano do ponto de vista do espacial; e do ponto de vista da organização da atividade econômica, as cidades não podem ser mais identificadas apenas com a atividade industrial, nem os campos com a agricultura e a pecuária (GRAZIANO, 2002 apud ALVES, 2013, p.32).

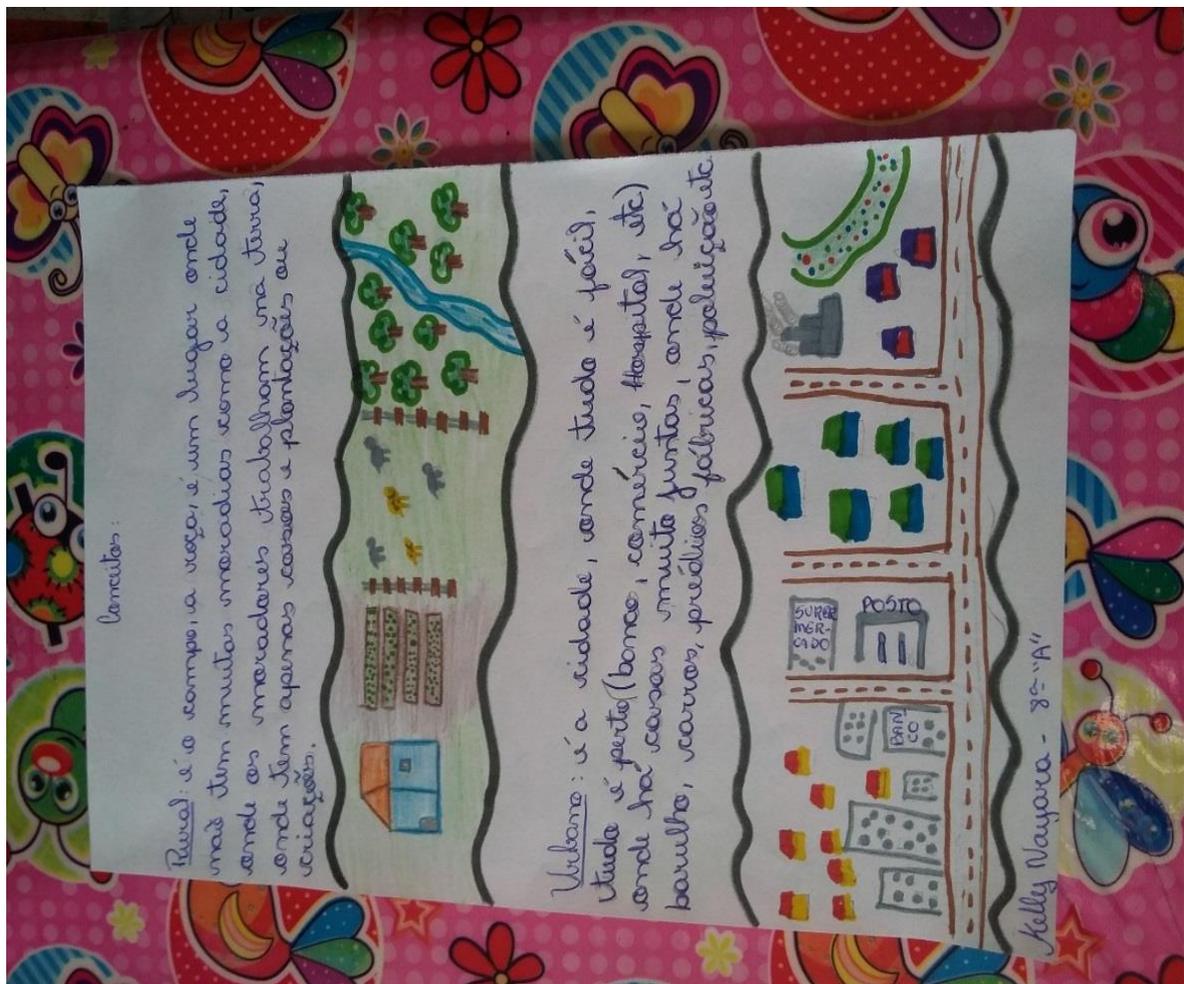


Figura 1 - Produção textual da aluna Kelly Nayara (8ª série A). Fonte: Professora-pesquisadora/2015

CAPÍTULO 2- CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA

Neste trabalho os aspectos qualitativos e quantitativos serviram de subsídios à análise interpretativa dos dados coletados. Ele teve como modelo de discussão o *materialismo histórico dialético* e o *fenomenológico*.

O primeiro é o materialismo histórico dialético: O método dialético se apoia numa concepção materialista do mundo, em que se postula que o mundo, em todos os seus fenômenos e objetos, é material, que a matéria é anterior à consciência (e que esta, por conseguinte, é determinada por aquela), e que o mundo pode ser conhecido (TRIVIÑOS, 1995).

De acordo com as colocações e definições dadas pelos teóricos mencionados, notamos que a fenomenologia trabalha com as causas e significados. Ela escuta todos os envolvidos em um determinado campo de estudo. E a dialética também busca a resposta nos locais, onde o problema está acontecendo. Então é bastante profícua uma pesquisa que segue as linhas da fenomenologia e da dialética. Principalmente quando o seu campo de investigação é em lócus.

A investigação da qual a pesquisa trata é compreender o papel da escola e do professor no trabalho com os *(multi)letramento ambiental, valorização da história/memória e práticas sociais de letramentos*, com vistas ao sentimento de identidade e pertencimento, pelo “lugar/espço vivido” que nutre a comunidade escolar do CED-Osório Bacchin e o seu entorno. Verificar os letramentos presentes nessa comunidade e descobrir se as associações locais contribuem para o processo de (re) construção de identidade e pertencimento da comunidade. O trabalho será pautado por meio de documentos (estatutos, atas, mapas e croquis), fontes bibliográficas e pesquisas de campo.

Sair a campo significou, no contexto da presente pesquisa, ir além da imaginação. Não ficar em suposições, mas entrar e sondar o universo dos sujeitos e suas relações com o lugar onde moram. O contato com os colaboradores (entrevistados) se deu em suas casas, locais de reuniões (outras escolas), posto de saúde e o próprio CED-Osório Bacchin.

Buscando compreender o universo de significações dos moradores e comunidade escolar, foram utilizados os diversos instrumentos de pesquisa. São eles: entrevistas, questionários, produção de texto contando a história do lugar onde vive (alunos), participação em reuniões de duas associações locais, passeio-leitura pelos arredores da escola com os alunos das 8ª séries, a observação direta que sem dúvida é uma técnica privilegiada para

investigar os saberes e as práticas na vida social e reconhecer as ações e as representações coletivas na vida humana. É engajar-se em uma experiência de percepção de contrastes sociais, culturais, e históricos.

Logo, essa pesquisa é de cunho etnográfico, pois contou com a participação efetiva da professora-pesquisadora, tanto como executora, quanto membro participante do objeto de pesquisa em um processo dialógico.

2.1 Coletando Dados

Em um primeiro momento essa busca aconteceu com o objetivo de diagnosticar, o que os alunos traziam de conhecimento sobre sua comunidade. Conforme a atividade proposta a seguir:

A) Produção de texto com 273 participantes: Como professora de História da escola, propus aos alunos do Ensino Fundamental séries finais (6º ao 9º) Ano e Ensino Médio nas turmas do 1º, 2º e 3º anos, algumas produções de textos sobre a história do lugar, onde eles moram. Esse trabalho aconteceu de forma individual e coletiva. Em algumas turmas, os alunos foram divididos de acordo com a comunidade dele, e em outras os textos foram feitos individualmente.

Essa proposta está de acordo com o que pensa Magda Soares (2010) quando diz que: o letramento não é só responsabilidade do professor de Língua Portuguesa, mas de todos os educadores que trabalham com leitura e escrita, pois cada área do conhecimento tem suas peculiaridades, que só os professores que nela atuam é que conhecem e dominam.

Tendo essa consciência de que o papel da leitura e da escrita cabe a todos os professores, é que a leitura e escrita devem ser estimuladas, pois a produção textual estimula os alunos a pensarem criticamente e a refletirem sobre o que estão escrevendo.

B) Entrevistas com 24 participantes: Grupo 1, onde utilizou-se o código C1 até C19, (moradores das comunidades e lideranças comunitárias: Jardim Morumbi, Quintas do Vale Verde Quintas do Rio Maranhão, membros das associações locais: Jardim Morumbi, Vale Verde e Monjolo, funcionária do Posto de Saúde local: Jardim Morumbi, e servidora do CED-Osório Bacchin) e Grupo 2: Código D1 até D5, ele formado por: pais de alunos da comunidade, que participaram de um bate-papo coletivo com a professora-pesquisadora.

As entrevistas foram utilizadas como técnica de coleta de dados para moradores antigos, presidentes e ex-presidentes das Associações Comunitárias locais, moradores proprietários, caseiro, profissionais da educação: servidores e professores e pais de alunos. Elas foram feitas com base em um roteiro previamente preparado, mas muitas vezes se deu de forma livre, em que o entrevistado ia contando a sua história. Embora conduzidos, com base no roteiro, para não fugir do Tema. A maioria das entrevistas foi gravada, outras poucas foram respondidas pelos entrevistados de maneira escrita. Um grupo de mães e um pai participaram de uma conversa coletiva gravada, em uma sala de aula, e contribuíram com informações significativas para a pesquisa. Os entrevistados demonstraram boa vontade e ânimo para a realização do trabalho.

Outra modalidade dessa coleta foi a narrativa de histórias de vida das 4 professoras, que se prontificaram a corroborar com este trabalho. Sendo que duas delas (veteranas), que já não trabalham mais na escola e as outras duas são recém-chegadas à escola. Apesar de alguns obstáculos, houve também momentos “aconchegantes” em lugares e com pessoas que deleitavam com o trabalho.

C) Questionários para 75 participantes: Instrumento aplicado para 22 profissionais da escola e para os alunos das 8ª séries, “A e B”, num total de 53 alunos. Esses questionários foram aplicados na escola. As questões que compunham o questionário dos profissionais da educação levaram em consideração a percepção do lugar e da escola enquanto espaço vivido, por meio de perguntas fechadas e abertas.

Para os alunos, o questionário também contemplou perguntas fechadas e abertas. Seu teor foi a percepção dos alunos quanto as associações comunitárias locais, influência dessas associações locais para o CED- Osório Bacchin, visão dos alunos em relação à escola (espaço/lugar social e físico).

As questões voltadas para os funcionários da escola foram: a percepção em relação ao “lugar/espaço”, o rural /urbano, o ambiente escolar: o grau de identificação e identidade, a história do lugar, a preservação histórico-socioambiental do lugar e a relação “espaço” físico/imaginário, onde se insere a comunidade escolar. E ainda a percepção de identidade e pertencimento dos alunos em relação ao espaço escolar e sua comunidade e a participação da comunidade nos projetos pedagógicos da escola.

D) O Passeio-Leitura/Saída a Campo (nos arredores da escola), realizado com os 53 alunos da 8ª série - Tendo em vista que se discute nos currículos e Projeto Político-Pedagógico (PPP) a formação para a cidadania, buscou-se usar metodologias que levem o aluno a compreender o mundo criticamente, com a proposta de trabalho com o lugar onde o

aluno vive e por meio da pesquisa de campo. Esse trabalho, além de fomentar no aluno o gosto pelo estudo e a valorização do seu espaço, percebendo o despercebido no vaivém do dia a dia. É um aliado do trabalho de campo como uma proposta metodológica de Ensino das diversas áreas do saber (interdisciplinar), pois com a convicção que essa metodologia pode contribuir significativamente no processo de ensino aprendizagem, instigando o aluno a olhar de forma mais crítica para a realidade que o cerca, e, principalmente, compreender que a paisagem visualizada é resultado de relações sociais, políticas e econômicas, percebendo assim, as múltiplas relações humanas, sendo o próprio estudante morador e co-participante dessa dinâmica. A intenção também foi a possibilidade dos alunos participarem da realização de um trabalho científico, ou seja, criar condições para o alunado se inserir nesta prática.

Uma aula de campo traz muitos benefícios para os alunos não importa a disciplina. Os alunos que são alvos desse trabalho tiveram a oportunidade de participar do evento na disciplina de História, porém com um olhar histórico-geográfico, pode também dar significado as diversas formas de *letramentos ambiental* presentes na sua comunidade, por meio de placas, faixas e letreiros, histórias de vida, etc.

Sabemos que o lugar é defendido por muitos autores como *espaço vivido, concebido e percebido*, e dessa forma entendido como uma parte do espaço onde vivemos em interação com o meio, é nessa linha que os alunos enquanto sujeitos criam vínculos e ou/identidade com seu lugar. Esse local pode ser coletivo ou individual.

Procurou-se aprofundar nas questões da região e da escola por meio de fontes como livros que falam da comunidade, projetos desenvolvidos pela escola, fontes primárias como estatutos, escrituras, certificados e outros, além do conhecimento empírico que a pesquisadora dispunha, já que a mesma se sente parte da comunidade escolar. Abaixo uma amostra da prática do letramento.



Figura 2 - Mapeando a região: saída a campo (8ª série B). Fonte: Professora-pesquisadora/2015

CAPÍTULO 3- CED-OSÓRIO BACCHIN: UMA ESCOLA DO CAMPO, TEMPO E ESPAÇO

3.1 A Educação do Campo e a Busca de Sintonia Pela Comunidade Escolar do CED-Osório Bacchin

“Eu sou sem-terra mesmo, digo com muito orgulho! Apesar dos 14 anos de luta, da minha mãe e do meu pai para conseguirem, hoje a gente tem 4 hectares de terra, graças a ajuda do próprio governo (expressão de alegria) e fora os anos de luta aí também, produzindo e trabalhando bastante. Posso dizer que: sem-terra não é gente preguiçoso, é gente que sabe trabalhar, que tem garra e coração! (Sandy 6ºano/ Projeto na Tela do Campo/ CED-OSÓRIO BACCHIN/2014)

Neste capítulo propôs-se mostrar os históricos sobre: a Educação do Campo, do CED-Osório Bacchin e das Comunidades adjacentes, em diálogo com alguns resultados da coleta de dados. Na parte que trata da Educação do Campo, mostrou-se resultados dos questionários aplicados aos alunos e profissionais de Educação, e depoimentos de participantes do Projeto na Tela do Campo da escola. Nas partes seguintes procurou-se mencionar alguns dados obtidos com as entrevistas, narrativas e depoimentos.

O conceito de Educação do Campo surge do processo de luta pela terra empreendida pelos movimentos sociais do campo, no âmbito da luta pela Reforma Agrária. Nesse sentido o campo é entendido como “um lugar de vida, cultura, produção, moradia, educação, lazer, cuidado com o conjunto da natureza e novas relações solidárias que respeitem a especificidade social, étnica, cultural, ambiental dos seus sujeitos” (CONFERÊNCIA, 2004).

A expressão Educação do Campo passou a ser utilizada a partir da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo realizada em 1998 em Luziânia - GO. Essa discussão tinha como objetivo dar identidade à luta do movimento camponês, diferenciando o que se pensava para formação dos trabalhadores do campo daquilo que o poder público vinha ofertando, que era a educação rural. Esta era, na verdade, a implantação da escola urbana no meio rural sem nenhuma adaptação para a realidade do campo.

Em relação à educação do campo, é salutar ressaltar que a concepção de educação que vem sendo empregada pela cultura dominante e elitista, não tem favorecido satisfatoriamente para combater o analfabetismo, elevar a escolaridade dos sujeitos, sua cultura e seu padrão de vida. Há ainda insatisfação, ocasionada pelo acesso tardio à escola que na maioria das vezes, nas regiões mais pobres do Brasil, são oferecidas sem condições de oportunizar saberes para a

criança, o adolescente, os jovens e adultos devido à precariedade de investimentos dessa política pública.

Pensando nesta situação de exploração do trabalhador e nas condições que oportunizam uma educação conscientizadora, Paulo Freire (2007) nos possibilita observar o sistema educacional da sociedade brasileira, dentro do processo de mudança, quando identifica a educação como elemento fundamental para o sujeito do campo ou da cidade. E considera como necessidade primordial dessa mudança, a leitura de mundo com o sujeito que aprende, mas que também ensina. Ele desenvolveu uma metodologia de ensino para a alfabetização e conscientização do trabalhador do campo que partia dessa leitura de mundo. Uma iniciativa surgida na década de 50, que continua presente na ação educativa de muitos professores do campo e da cidade. Ao fazer uma apologia à educação da cultura dominante comentava Freire:

Na concepção bancária a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos; Se o educador é o que sabe, se os educandos são os que não sabem, cabe aquele que dá entregar, levar, transmitir o seu saber aos segundos. Saber que deixa de ser “experimento feito” para ser “experiência narrada ou transmitida” (FREIRE, 2007, p.59-60).

Articulado a esse pensamento, Arroyo acrescenta:

A crença que a função da escola é transmitir o saber socialmente construído hoje está sendo revisto não superada. Não se trata de superar o direito de todo ser humano ao saber socialmente construído, a cultura de vida, a herança cultural. Trata de que isso passou a ser um slogan, que precisa ser mais trabalhado, mais pesquisado. Até onde os saberes escolares são saberes construídos ou apenas parte e até filtram esse saber construído? Até onde há seletividade dessa construção? Até onde em nome do direito aos saberes escolares, negamos os saberes construídos? Até onde são saberes mais mortos do que vivos? (ARROYO, 2006, p.111 apud PINHEIRO, 2014, p.3).

A população camponesa esteve ao longo da história do Brasil excluída de todas as políticas públicas, principalmente as da área de educação e saúde. O resultado disso, ainda hoje, é o alto índice de analfabetismo e a baixa escolarização no campo. Como mostram dados do Censo Demográfico 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o percentual de pessoas de 15 anos ou mais que não sabiam ler e escrever em 2010 era de 9,6% no país, Nas regiões urbanas brasileiras, esse percentual é de 7,3%, e, no campo, chega a 23,2% (BRASIL, 2011).

A Resolução CNE/CEB n. 01, de 3 de abril de 2002, que institui as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo, a qual estabelece:

Art. 4º O projeto institucional das escolas do campo [...] constituir-se-á num espaço público de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o mundo do trabalho, bem como para o desenvolvimento social, economicamente justo e ecologicamente sustentável. Art. 5º As propostas pedagógicas das escolas do

campo, respeitadas as diferenças e o direito à igualdade [...] contemplarão a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia (BRASIL, 2002).

Essa resolução é uma tentativa de orientar as escolas do campo para que estas, ao organizar o seu PPP, construam-no focalizando a realidade e os interesses dos alunos do meio rural. Com isso, os alunos terão contato com conteúdos mais condizentes com a sua realidade, tornando-se as aulas mais atrativas e produtivas, o que pode contribuir para evitar o grande número de alunos evadidos e de repetentes, situações muito presentes nas escolas do campo.

No Distrito Federal, essa proposta tem sido bastante discutida nos Fóruns de Educação Distrital. E cabe a Ele, elaborar sua Política Pública, em acordo com os marcos legais vigentes, considerando a formação histórica da relação entre urbano e rural no Brasil e as particularidades do território desta unidade da Federação.

No final do século XIX, o Brasil era um país rural com cerca de 90% de seu povo vivendo nas áreas rurais. Mas no século XX a mudança vem com a industrialização, que traz para a vida urbana uma grande parcela da população. E foi dentro deste contexto histórico, que o Brasil e o DF sofrem na década de 1960, o processo da Revolução Verde, e conseqüentemente o êxodo rural, desequilibrando a relação campo/cidade e mudando todo cenário anterior.

Nas áreas rurais do Distrito Federal, a ocupação espacial encontra-se relacionada ao processo histórico da implantação de Brasília. Os órgãos responsáveis por essas áreas foram: Fundação Zoobotânica e Terracap. O espaço rural foi ocupado por núcleos rurais.

No momento, o território rural do DF, tem cerca de 250.000ha, 46% são agricultores familiares e ocupam 4% das terras. Esse mesmo espaço rural é marcado por contradições entre os seus atores: os ruralistas, os latifundiários, os produtores familiares, os camponeses com ou sem terra. No quadro abaixo é perceptível o crescimento exorbitante da população urbana em comparação com a população do campo, no Distrito Federal.

Distrito Federal	1991(**)	1991(**)	2000 (**)	2000(**)	2010(**)	2010(**)
	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural
	1.513.470	84.945	1.954.442	88.727	2.482.210	87.950

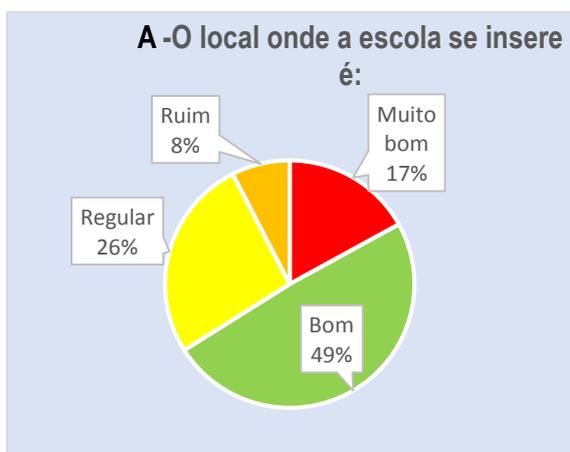
Quadro 1: O crescimento exorbitante da população urbana em comparação com a população rural. Fonte: IBGE apud Fórum Distrital, p.87 – Censo Demográfico (**) população residente (1991, 2000 e 2010).

Para garantir o direito à Educação das crianças, jovens e adultos do campo, a Rede Pública de Ensino conta com 75 escolas, sendo 10 de Ensino Médio. O EJA de acordo com o censo escolar de 2013, só tem em 1 escola.

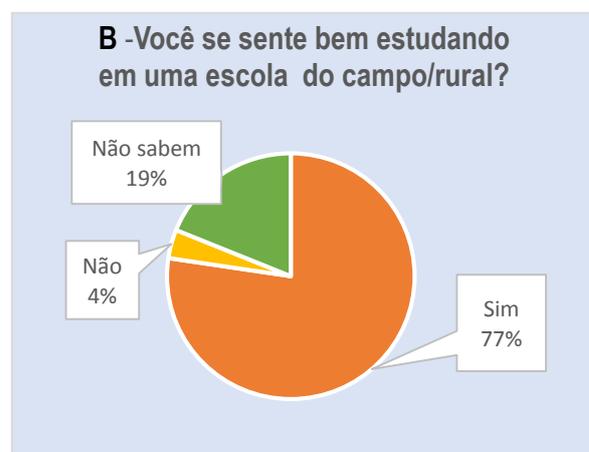
A proposta da Educação do Campo vem permeada de novidades: a matriz e a referência é o campo, e seu pilar tem que ser de matrizes formadas pelos sujeitos do campo e adequadas à necessidade dos sujeitos do campo.

Dentro do plano de estratégias da Educação do Campo no DF, são elencados compromissos do Governo do Distrito Federal e da Secretaria Estadual de Educação do Distrito Federal, dos quais se mencionam três: a) Garantir formação específica para os profissionais da Educação do Campo; b) Identificar e disseminar processos pedagógicos inovadores e experiências bem-sucedidas de Educação do Campo; c) Construir bibliotecas e laboratórios de informática nas escolas do campo, assistidos por profissionais e ampliar o acervo das bibliotecas, principalmente, para aquisição de livros paradidáticos, materiais de pesquisa e recursos metodológicos, transformando-as em lugar de referência cultural para a comunidade local, a partir da aprovação do Plano Distrital de Educação - PDE (Fórum Distrital, p.94-95).

Nós, como profissionais da Educação e atuantes na Escola do e no Campo, precisamos estar atentos ao cumprimento dessas metas estratégicas referidas acima. O CED-Osório Bacchin, uma das escolas dessa natureza, não conta nem com o básico para um atendimento aos nossos alunos, que são moradores de núcleos rurais. Refere-se aqui, os itens infraestrutura física (ampliação do prédio, laboratório e biblioteca) e a formação continuada dos profissionais da Educação local. Também percebe-se que apesar dos desafios encontrados estudantes ainda nutrem-se de um sentimento de aprovação pelo seu espaço. Conforme os gráficos abaixo:



Fonte: Professora-pesquisadora/2015



Fonte: Professora-pesquisadora /2015

A organização de um PPP específico deve respeitar e contemplar as peculiaridades de uma escola do campo e está de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, que

no seu escopo tem como finalidade “apontar metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres” (BRASIL, 1997, p. 4). Além disso, o Decreto nº 7.352, de 04 de novembro de 2010, que dispõe sobre a política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), estabelece no artigo 2º os princípios da Educação do Campo:

- I - respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracional e de raça e etnia;
- II - incentivo à formulação de projetos político-pedagógicos específicos para as escolas do campo, estimulando o desenvolvimento das unidades escolares como espaços públicos de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o desenvolvimento social, economicamente justo e ambientalmente sustentável, em articulação com o mundo do trabalho;
- III - desenvolvimento de políticas de formação de profissionais da educação para o atendimento da especificidade das escolas do campo, considerando-se as condições concretas da produção e reprodução social da vida no campo;
- IV - valorização da identidade da escola do campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdo curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos alunos do campo, bem como flexibilidade na organização escolar, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- V - controle social da qualidade da educação escolar, mediante a efetiva participação da comunidade e dos movimentos sociais do campo (BRASIL, 2010).

De certa forma, observa-se que a “ausência” de legislação parece não ser mais “o problema” para a Educação do campo no Brasil. Além dos princípios estabelecidos na Constituição Federal em vigor e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (BRASIL, 1996), outras leis mais específicas, Resoluções do CNE/CEB e o Decreto 7.352/2010 estão fortalecendo e dando o direcionamento de como deverão se organizar as escolas do campo, tanto quanto aos seus princípios pedagógicos e metodológicos como os da gestão democrática e a sua relação “estreita” com a comunidade.

É notório que há um grande distanciamento entre aquilo que está previsto ou estabelecido na legislação e a realidade da educação para as comunidades camponesas. Há um número muito grande de escolas situadas no meio rural sem o mínimo de condições de um atendimento digno aos seus alunos.

Como ressignificar nesse espaço (CED-Osório Bacchin) tal proposta? Se a escola ao chegar a esta comunidade e seu entorno trouxe toda concepção urbana de educação, desde os livros didáticos com mensagens carregadas de simbolismos que discriminam a cultura camponesa, até a homogeneização dos cursos de formação aos profissionais da educação. O professor Miguel Arroyo, dentro deste contexto faz os seguintes questionamentos:

Como a escola vai trabalhar a identidade do homem e da mulher do campo? Ela vai reproduzir os estereótipos da cidade sobre o homem e a mulher rural? Aquela visão de jeca, aquela visão que o livro didático e as escolas reproduzem quando celebram

as festas juninas? Ou a escola vai recuperar uma visão positiva, digna, realista, dar outra imagem do campo? (ARROYO e FERNANDES, 1999, p.31).

Essas indagações de Arroyo são as mesmas que trago para o seio deste trabalho, só que acrescidas de outras motivações. Já que atualmente, podemos ver muitas situações em que são oferecidos cursos de formação continuada dentro dessa temática de Educação do Campo e no Campo, mas infelizmente, não parece despertar naqueles que nele atuam (campo/área rural), um interesse por sua formação e conseqüentemente uma mudança de paradigma, em relação à sala de aula. Um exemplo é o curso de formação na área de Especialista em Letramentos e Práticas Interdisciplinares nos Anos Finais, ofertado pela UnB, MEC e SEEDF.

Notamos que há uma falta de comprometimento por parte de muitos da área de Educação, no aperfeiçoamento formativo. O que dificulta a adoção de novas roupagens na escola.

Nas escolas do DF, inclusive na Regional de Planaltina DF, responsável pelo CED-Osório Bacchin nos anos de 2013 e 2014, vários eventos aconteceram com objetivo de atualizar as escolas rurais, conforme as diretrizes da Educação do e no Campo. Inclusive o CED-Osório Bacchin foi palco de um desses encontros.

Nesta perspectiva Molina e Brito em uma reflexão feita à Revista *Presença Pedagógica*, esclarece com uma citação de Freitas (2006) que:

A escola precisa integrar a realidade aos processos ensino-aprendizagem. Ligar os conteúdos escolares com as tensões e contradições presentes na realidade, como objeto permanente de compreensão e reflexão. [...] No que diz respeito a produção de conhecimentos, as práticas pedagógicas devem ser construídas em cima de atualidades e da realidade da escola do campo. É preciso aprofundar o conhecimento da realidade atual.

Com base nesse pensamento, começou-se a discutir outro perfil de escola do campo, não uma educação para os sujeitos do campo e sim uma educação com os sujeitos do campo. Reitera Molina e Fernandes (2004), que a Educação do Campo como novo paradigma, está sendo construída por diversos grupos sociais e universidades, rompem com o paradigma rural cuja referência é a do produtivismo, ou seja, o campo como lugar da produção de mercadorias e não como espaço de vida, o lugar da dialetização da cultura, do saber e da formação de identidades.

Foram pautadas na proposta de Educação do Campo e aproveitando de um saber ambiental, que as professoras da sala de recursos (Patrícia e Luciana) e da disciplina de matemática (Edinalva), construíram um projeto intitulado: *Na Tela do Campo*, onde trabalharam com o turno vespertino (6º ao 8º ano), temas variados que contemplasse a

realidade do campo (local). Um trabalho espetacular! Dentro de uma perspectiva de ressignificar o espaço, sentido percebido na epígrafe da professora, Patrícia Monteiro: “Iniciamos o que chamamos a escola da felicidade, sim, entender que para ensinar a aprender e aprender a ensinar é necessário fazer brotar o pertencimento e o reconhecimento do LUGAR onde vivemos” (Projeto Na Tela do Campo/2014).

Embora, as professoras tivessem uma experiência exitosa com o projeto na escola, o mesmo não está sendo trabalhado este ano, na modalidade de origem. O PPP da escola traz uma proposta de se trabalhar a temática em um Projeto Maior, isso quer dizer que, ao juntar os projetos já existentes na escola, poderia estar associando ao mestre: Projeto da Educação do Campo.

Com isso as ações em relação a Educação do Campo, parece meio isolada. Avalia-se que deixar de trabalhar com o projeto “*Na Tela do Campo*”, trouxe prejuízos pedagógicos, uma vez que ele abarcava outras áreas do conhecimento, trazendo para o estudante um saber totalizado e não fragmentado. Aliás, uma aspiração do curso: o trabalho com a interdisciplinaridade.

Contudo, a escola caminha a passo lento nessa direção. As ações são pulverizadas, com alguns projetos interdisciplinares em que se apropriam de questões ambientais para se trabalhar. No que essa proposta da pesquisa pode contribuir no sentido de um trabalho voltado para os multiletramentos, histórico- socioambiental.

Sobre esse assunto a depoente faz o seguinte esclarecimento: “*É mais do Campo do que no campo. Penso que a Educação Ambiental, poderia ser mais trabalhado, pois temos a cachoeira, que muitas áreas rurais não têm*” (C 18/2015).

Ao que tudo indica o CED-Osório Bacchin, no momento, tem uma visão de formação do estudante na direção do oposto, preparar o jovem para enfrentar os centros urbanos. Talvez por estar bem perto de núcleos urbanos, os nossos alunos são vocacionados ao trabalho na cidade.

Assunto para uma investigação mais aprofundada (os jovens estudantes e o trabalho) nessa comunidade. Quem sabe uma opção para futuros pesquisadores. Proposta confirmada na fala abaixo:

“A escola aqui, preocupa em preparar os alunos para a vida fora. Fazer a faculdade. Enfrentar a realidade do mundo. Temos vários alunos que foram nossos e fizeram faculdade ou estão fazendo. Os nossos alunos tiveram visão de mundo, nossa Comunidade é muito urbana. Não vejo essa comunidade muito rural.” (C18 /20015)

Na seção abaixo a memória entra em cena, através do discurso de quem vivenciou as práticas sociais e o letramento na comunidade desde o seu início.

3.2 Da Escolinha ao CED-Osório Bacchin: O Que Mudou?

“A escola não brotou. Quem trouxe foi a Associação”. (C9/sic)



Figura 3 - A escolinha. Fonte: Professora Vera/1994

Criada em 1986, a Associação Rural e Comunitária dos Jardins do Morumbi, trazia em suas aspirações, a instalação de equipamentos comunitários para uso dessa comunidade (Escola Rural, telefonia rural, lazer comunitário, assistência médica, eletrificação rural). Isso nos mostra a sua importância para a implantação da nossa escola, já que traz desde a sua origem um dispositivo para aquisição da escola rural local. Na riqueza do contexto histórico presente nos discursos de quem vivenciou o momento, aqui reporta-se alguns desses discursos:

Cheguei em fevereiro de 1988 e sai fevereiro de 2006. No ano de 1987 trabalhei numa escola grande no Gama. Quando cheguei na escolinha, olhei deu vontade de voltar, era uma casa com 2 salas, uma cozinha e 1 banheiro interditado. Tínhamos que usar o mato. Quando chovia tínhamos que ficar encostados na parede, pois molhava tudo. Na época ainda tinha o turno da fome (três turnos). As turmas de 1ª série frequentavam alunos de 7 até 14 anos. Quando iniciou havia apenas uma professora conhecida como “Responsável”, ela assumiu a parte administrativa e a pedagógica. Na época não havia servidora, a professora limpava a sala, fazia a merenda e também dava aula. (Prof.ª T./narrativa memória/2015)

No Cartório do 1º ofício de Notas, no ano de 1991, na cidade de Brasília DF, estiveram tendo como Outorgante Doadora, a Bacchin Empreendimentos Imobiliários LTDA (Sede em São Paulo) e a Outorgada Donatária: a Associação Rural e Comunitária Jardins do

Morumbi, Fazenda Bonsucesso Planaltina DF, seu presidente na época era o senhor Irazy Felipe Navarro, para lavrar a escritura pública de doação do terreno onde hoje se encontra a escola (CED-Osório Bacchin). Com uma área de 2.5299 ha, conforme dados da escritura. Em homenagem ao doador do terreno, a escola recebeu esse nome, Osório Bacchin.

De acordo com os escritos, a Outorgante Donatária, se pronunciou na pessoa do presidente que: *“aceitava agradecida esta doação”*. Ao que parece, esse imóvel havia sido doado por meio de um Decreto nº 93.240 de 09/09/86. A presente escritura foi registrada em 12/06/92.

Em 1991, a Fundação Educacional incluiu a unidade escolar no plano de obras para 1992, visando corrigir e melhorar as instalações físicas e validar os atos escolares praticados pela escola desde o início de seu funcionamento, com base nas normas aprovadas pela rede oficial de ensino do Distrito Federal. Essa mudança beneficiou a comunidade como um todo.



Figura 4 - Escola Classe Osório Bacchin. Fonte: Acervo da escola/1997

Com a construção de aproximadamente 420 m²; distribuídos entre: 04 (quatro) salas de aula, 01 (uma) cozinha; 01 (uma) salinha para servidores; 01 (uma) sala de professores; direção; secretaria; 01 (um) depósito para merenda; 05(cinco) banheiros. Com a construção do prédio em aproximadamente 1.993/94 e ampliação do quadro de funcionários, foram criados os cargos de Diretor, Vice-diretor e Assistente Administrativo.

Até 1996 funcionou de pré a 4ª série. Implantou-se em 1999 o ensino fundamental de séries finais (5ª a 8ª) séries, embora esta fosse ainda escola classe. E em 2009, tornou-se Centro Educacional, de acordo com a Portaria N°323, de 21 de agosto de 2009, publicada no DODF nº 163 de 24 de agosto de 2009.

O Centro Educacional Osório Bacchin atualmente atende as seguintes modalidades: o Ensino Fundamental Séries Finais (6º ano ao 9º ano) e o Ensino Médio.



Figura 5 - O CED-Osório Bacchin. Fonte: Professora-pesquisadora/2015

Com a mudança para Centro Educacional, os alunos que eram atendidos pela escola foram remanejados para outras escolas do entorno, Escola Classe Vale Verde, Escola Classe Monjolo e Escola Classe Palmeiras. Momento difícil para muitos pais que questionavam a saída, pois para muitos, a escola era bem pertinho e boa. E agora ir para um lugar que nem conheciam. As crianças pequenas irem estudar tão longe, na Palmeiras, ainda ter que ir de ônibus?! Eram inúmeras visitas à escola, em demonstrações de resistência à mudança de ambiente.

Mas não foram só os pais. Muitos profissionais tiveram suas vidas envoltas por um emaranhado de dúvidas. Como seria esse ambiente fora? Tantos anos na instituição, e agora sair dela, como tive a oportunidade de ouvir vários comentários à época: *“Era aqui que eu queria ficar, até me aposentar”*, falava reiteradas vezes, uma das minhas colegas, que nos deixaria em questão de dias. Foi muito complicado! Para quem ficou também. Pois considerávamos como uma “família”. Nota-se nessa fala, um sentimento de identidade e pertencimento ao lugar/espço.

É salutar nesse momento informar que a escola, em relação a estrutura física não mudou quando passou a ser Centro Educacional. Apenas a nomenclatura. E a nova realidade exige transformações:

“A escola é muito boa! Mas os pais e os alunos pedem socorro para a reforma da escola (ampliação). Falta biblioteca, não tem quadra para educação física e segurança para professores e alunos”. (C16/sic)

“[...] a escola no início era só para o primário. O projeto que a gente pensava era ter um 2º grau profissionalizante, para a comunidade. Expressão fechada, como

funciona uma escola sem laboratório?! É um absurdo! Mas o que a gente pode fazer? A qualidade deixa muito a desejar”. (C5/sic)

“Crescer mais (ampliar), ter professores de alto grau, a nossa escola passou no teste de todas. Ela é a mió. (Falando do CED-Osório Bacchin) [...] A escola é boua demais”. (C4/sic)

É nesse espaço com tantos desafios que as inter-relações acontecem, comunidade, pais, alunos, professores e demais profissionais da área da educação. São anos vividos e convividos nesse “espaço” escola.

Mas, os desafios na questão estrutura física parecem para alguns, não incomodar tanto, pois está perto de casa, traz uma certa segurança, tanto em relação econômica (não pagar passagem), quanto na segurança (a violência na cidade). O que é evidenciado nas falas:

“Aqui pra nós é tudo maravilhoso! Professores bons, escola maravilhosa, né. Temos tudo aí, né. Não precisa ficar preocupado com o aluno pra ir pra cidade, e (lá tem violência, é perigoso)”. A escola tá na porta de casa. (C7/sic)

“A escola é muito boa! Os professores são excelentes, os professores são atenciosos! Acho muito bom a evolução da escola, tendo o Ensino Médio. Pois assim, as famílias não precisam pagar passagem.” (C12/sic/2015)

“A única preocupação dos pais é ter uma escola perto e uma escola boa. Eu gostei e gosto da escola”. (D1/sic)

Nos anos de 1998/2002, participou do projeto *Educação e Pesquisa Ambiental Participante: uma comunidade em defesa de sua cachoeira / A Preservação da Cachoeira do Morumbi (Bacia do Rio Maranhão) em parceria com a UnB (Departamento de Ecologia com o professor Carlos Saito).*

A escola participou em 2002 do projeto Reeditor Ambiental, Junto à Estação Ecológica de Águas Emendadas, com tema: *O cerrado e o seu uso sustentável*, (6º ao 9º ano) pelas professoras, Vera Lúcia (Geografia) e Ziziléia (Ciências), onde as *práticas sociais de letramentos* estiveram presentes conforme essa fala:

“Na pesquisa vimos que algumas coisas pessoas tem horta. E nas hortas algumas usam produtos caseiros ou químicos. E uma coisa importante é a nossa saúde. Eu vi que as pessoas plantam e consomem seu próprio alimento, isso é muito bom, porque a maioria dos produtos que nós compramos estão contaminados. Por isso temos que aprender a reagir, a plantar, produzir nosso próprio alimento.” (Revista Educação Ambiental, Jéssica dos Santos Xavier CED-Bacchin 5ª série A/2009, p.21)

Sabemos que o espaço de ação representa um conjunto de locais em relação aos quais os indivíduos têm alguma familiaridade. Buscando na Geografia Comportamental de Wolpert (1965, apud DINIZ, BORGES e BRANDÃO, 2013, p.175) que traz uma discussão sobre o sentimento de insegurança e sua relação com espaço, explica a comodidade de alguns pais em relação ao “espaço escola”.

A cidade aqui, é pontuada como símbolo da violência, quando se depara com a situação de ter que sair para estudar. Por isso, é melhor ter uma escola próxima de casa e tranquila, mesmo sem estrutura adequada, do que se arriscar em centros urbanos, com melhor estrutura e sem a segurança.

Com esse raciocínio podemos mencionar que a contribuição dos Geógrafos para o estudo das percepções, sobretudo do medo a partir dos anos 1970, quando várias análises focadas na insegurança, enquanto indutor de transformações urbanas construídas. Como Yi Fu Tuan e seu enfoque humanístico.

Geralmente, os espaços mais bem conhecidos tendem a ser mais escolhidos com base nas diversas atividades (moradia, trabalho, estudo, lazer). Sobre isso, Wolpert (Idem, ibidem, p.175-176) mostra que as pessoas tomam decisões em relação ao espaço avaliando as localizações dentro de um determinado espaço de ação, atribuindo a cada local uma certa utilidade espacial. A utilidade espacial representa a importância que cada lugar tem para uma pessoa. Fatores como moradia, economia, amenidades, características de vizinhança são percebidos por pessoas e famílias como sendo satisfatórios ou insatisfatórios.

Outro aspecto que ficou evidenciado foi a presença de um forte “*laço de amizade*” entre alguns pais e moradores antigos da escola e seus profissionais, percebe ainda até a inversão de valores, o professor é visto como pai e mãe. Conforme os discursos a seguir:

“Voceis são como parentis, e para a comunidade é tudo bom, não tenho o que reclamar (...) Que Deus abençoe a todos que educaram meus filhos. Eu fico tranquilo na escola, voceis me alegram” (direciona o seu olhar à minha pessoa. Sou também professora de suas filhas e netos). E continua: O carinho é grande por voceis”. (C4/sic)

“[...] Eu tive que sair dela para estudar em Planaltina, que aqui não tinha Ensino Médio. Lá em Planaltina, ninguém nem conhece. Aqui há intimidade uns com os outros, faz a diferença acolhimento é muito muito escola excelente! (D2/sic) Meus fi tão zelados, vocês incentivam meus fi.Vocês é excelentes mães! Eu sinto privilegiado. Tenho um maior carinho por voceis lá. A Marça (a diretora da escola Márcia) tenho maior carinho por ela”. (C4/sic)

Essa realidade apregoada nos dizeres dos nossos pais e mães de alunos é possível em uma escola de área rural, porque há uma familiaridade, devido o tempo em que os seus profissionais permanecem no ambiente. Muitas vezes, alguns de seus professores, hoje, são professores de seus filhos. E isso favorece a confiabilidade de nossos pais na escola como um todo. Outro fator também é que a diretora mora na comunidade e está na escola há muito tempo.

As ressignificações aqui percebidas estão no fato que, a escola ao mesmo tempo que é um lugar do conhecimento, é também um espaço de sentimentos. As transformações de modalidade Séries iniciais (Pré a 4ª série), para as Séries Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, geraram a satisfação, mas também a insatisfação.

3.3 Caracterização: As Comunidades no Entorno da Escola

Os lugares dão identidade às pessoas, essa identidade pode levar a adjetivos como bom, mal, feio, bonito, sujo, branco, preto, índio, amarelo, levando cada um a ser olhado como o “outro”, o estranho àquele lugar, passando a ser rejeitado. O enraizamento do homem com o lugar produz uma territorialidade que é refletida no dia a dia (NOGUEIRA, 2013, p.88).

É nesse universo que se encontram as práticas sociais de letramento, fora do domínio da escola e dos quais teve-se o interesse em saber, por meio de um olhar sobre o “lugar” enquanto espaço vivido e experimentado.

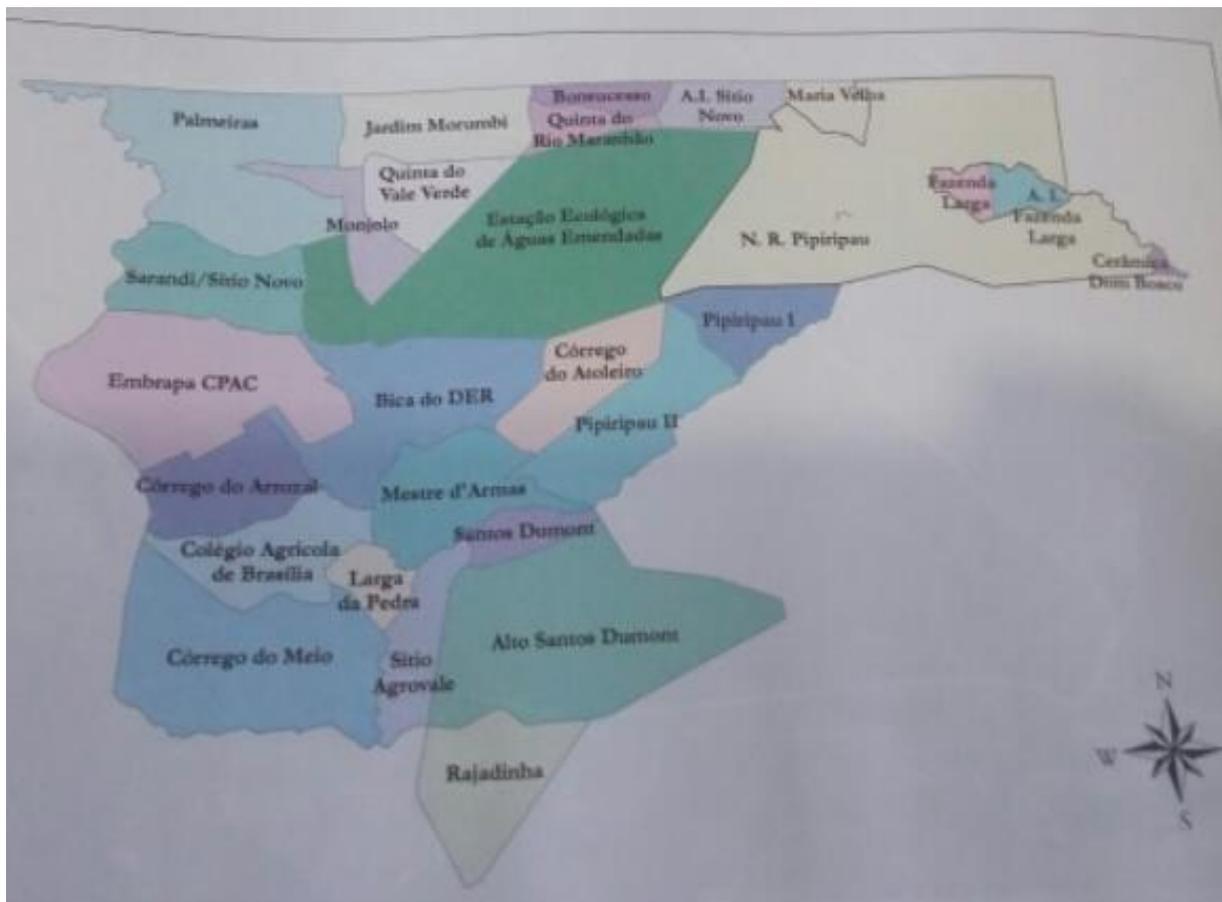


Figura 6 - Mapa das áreas rurais de Planaltina DF. Fonte: Fonseca/2008

Jardim Morumbi “ <i>É o único rural do DF regularizado</i> ” (Recorrente na fala de todos os entrevistados/ moradores)
Localização: à margem esquerda do Rio Maranhão, limita-se a oeste com a comunidade Quintas do Maranhão.
Economia: criação de animais como: chinchilas, javalis, produção industrial de frangos, propriedade de produção de hortaliças orgânicas e propriedade com atividade de turismo e lazer. Atividades de subsistência com exploração de pomares e hortas domésticas, produção de milho, feijão e mandioca e animais como galinhas caipiras (regime extensivo) porcos e cavalos. Comércio: Mercado, bares, mercearias em casas, produção de manilhas e tijolos de cimento.
Relevo: O relevo varia de suave a ondulado.
Acesso: DF 128 e 205 Situação fundiária: Regularizado /Associação Rural e Comunitária Jardins do Morumbi (1986)

Monjolo
Localização: faz limite a oeste com a Estação de Águas Emendadas.
Economia: produção de grãos (milho e soja), piscicultura, muitos de seus moradores são funcionários públicos e trabalham fora. Plantações de subsistência: milho, feijão e hortaliças e criação de animais de pequeno porte. Comércio: pequenos bares e mercearia. Associação: ARCON (Associação Rural e Comunitária do Monjolo/1988)
Acesso: DF 128, 131 e 205.

Vale Verde
Localização: confronta a leste com a comunidade Quintas do Rio Maranhão. E faz vizinhança com o Jardim Morumbi.
Economia: produção de hortaliças com sistema de irrigação e aspersão; uma agroindústria de processamento de leite; avicultura de corte industrial em dois galpões, com produção de 25.000 frangos a cada 45 dias. Criação de gado de corte e de leite; piscicultura; estufas para produção de cogumelo Shitake e viveiro para produção de plantas ornamentais, pomares, hortas domésticas, milho, feijão e mandioca e criação de galinhas caipiras, suínos, equinos contribuindo para a geração de emprego e renda. Associação: APROVALE (Associação Rural e Comunitária dos produtores Rurais do Vale Verde /1984).
Relevo: é suave com declive entre 2 e 4 %. O lençol freático é raso e as cisternas têm profundidade de 5 a 8 metros.
Acesso: DF128 e DF 205.

Quintas do Rio Maranhão
Localização: às margens esquerda do Rio Maranhão
Economia: produção de hortaliças folhosas utiliza-se o sistema de micro aspersão e irrigação. As outras propriedades têm hortas domésticas e pomares. No comércio pequenos bares. Associação: APROCRIMA (Associação de Produtores Rurais e Comunitária do Rio Maranhão)
Acesso: DF 128

Ponto Turístico: Hotel Fazenda

A apresentação dessas comunidades objetiva mostrar que o valor, o significado do lugar, depende de uma relação humana particular. O lugar vazio de pessoas não tem significado histórico e cultural. Os homens e os lugares se co-pertencem.

CAPÍTULO 4- AS NARRATIVAS E MEMÓRIAS: LETRAMENTO AMBIENTAL? AQUI TEM

4.1 É Hora de Contar



Figura 7 - Alunas da 8ª série B. Entrevista policial no Posto da DF 128. Fonte: Professora-pesquisadora/2105

Realizou-se um questionário com as turmas das oitavas séries do CED-Osório Bacchin, no turno matutino, num total de 53 alunos. Objetivando saber como eles percebiam o lugar onde vivem (histórico e geograficamente), o seu espaço escolar e as organizações que representam essas comunidades. Com a perspectiva de re(construção) da identidade, pertencimento e multiletramentos.

Além dos alunos, os profissionais da área da educação do CED-Osório Bacchin, responderam a um questionário para melhor embasamento deste trabalho. No questionário proposto aos profissionais da educação a busca foi pelas impressões acerca do lugar (comunidade escolar) e o seu entorno, em relação aos aspectos histórico-socioambiental, para a re(construção) ou ressignificação da identidade e pertencimento ao lugar.

As entrevistas feitas junto aos moradores da comunidade escolar e local tiveram por objetivo trazer informações, que nos ajudassem a compreender o espaço vivido pelos moradores das comunidades do entorno da escola e também a relação dessas comunidades com a instituição escolar do CED-Osório Bacchin e as associações rurais e comunitárias.

O trabalho de campo realizado com os alunos da 8ª série buscou desenvolver o gosto pela leitura e escrita e levar o estudante a se sentir um sujeito histórico consciente, a partir do

momento que ele conta e reconta a sua realidade de vida. E confronta essa realidade com outras de cunho nacional e global. É notório o exercício dos múltiplos letramentos na condução desta pesquisa, uma vez que os alunos foram os principais atores desse teatro, que o conhecimento histórico-socioambiental e cultural puderam ser investigados, vivenciados por eles e os demais que habitam o lugar.

Outros instrumentos também foram importantes, como as fontes bibliográficas e primárias como, (escrituras, croquis, estatutos, atas, livros, fotografias, trabalhos de tese), consulta em sites na internet, etc.

Para Mesquita Filho (2006, p. 64) “o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”.

Foi nessa perspectiva que iniciou-se um trabalho de investigação na comunidade escolar do Centro Educacional Osório Bacchin e seu entorno, e contou com a participação dos alunos das oitavas séries do Ensino Fundamental, séries Finais.

O trabalho foi planejado conjuntamente. As decisões ocorreram de maneira coletiva: direção, coordenadora, professora e alunos. Decidimos então fazer um passeio-leitura nas mediações da escola a pé. Saímos durante as aulas de História já que a professora responsável pela pesquisa também atua na escola com essa disciplina. Porém, os aspectos observados abarcam o histórico, o social e o cultural, num olhar histórico-geográfico e cultural.

Data	Série/turma	Saída/ chegada	Local visitado
22/06	8ª “B”	7:50 min -Conferência de bilhetes (autorizações) e chamada em sala de aula. 8:00h -Saída a Campo. 8:45 – Chegada.	Escola até a entrada da chácara da diretora, próximo à Agropecuária, pela DF 205.Rumo ao Quintas do Rio Maranhão.
23/06	8ª “B”	Conferência de bilhetes (autorizações dos responsáveis, pela professora, ainda em sala de aula, às 7:50 e saída à campo às 8:00h.Retorno às10: 15min.	Continuação do passeio. Seguimos o mesmo roteiro do dia 22/06, até o Posto Policial Rodoviário na DF 128.Rumo ao Quintas do Rio Maranhão.
23/06	8ª “A”	10:30min- Conferência de bilhetes (autorizações dos responsáveis, pela professora, ainda em sala de aula). 10: 40min- Saída a Campo. 11: 56- Chegada.	Passeio pela DF 205, agora subindo rumo ao Vale Verde e entorno da escola.

25/06	8ª “A”	7:50min- Conferência de bilhetes (autorizações dos responsáveis, pela professora, ainda em sala de aula e chamada. 8:00h-Saída a Campo. 8:45min- Chegada à Escola.	O local de pesquisa foi as mediações da escola e a capela Rosa Mística, pela estrada de chão, adentrando às chácaras.
-------	--------	--	---

Quadro 2: Cronograma de atividades: Passeio Leitura (Saída a campo). Fonte: Professora-pesquisadora.

O trabalho de forma interativa, tanto com os alunos, quanto com os entrevistados, favoreceu a pesquisadora na compreensão dos significados que as mudanças e permanências nas paisagens locais, adquirem na vida dos indivíduos que experienciam o lugar.

E com isso foi possível ver quantos desafios essa comunidade vivencia, conforme algumas reivindicações feitas às associações rurais e comunitárias das comunidades locais:

“Agente de saúde para a região do Morumbi, ampliação da escola (Osório Bacchin) com biblioteca e informática, quadra de esporte e espaço de lazer, melhorias nas estradas (patrolar, fazer aceiros, asfaltar as principais), para o escolar passar, os entrevistados se refere ao transporte escolar da região. O asfalto é pedido por uma moradora do Vale Verde, que pede o asfalto até a Escola Classe Verde” (reivindicações às Associações Locais/ moradores e alunos).

As questões reivindicadas refletem também os momentos vividos, conforme nos reportam teóricos da fenomenologia e da geografia. Dentro da linha fenomenológica, o pesquisador e ‘pesquisado’ se unem entre sujeitos e objetos, pois a realidade observada, assim o é, incluindo o próprio observador, parte dela. Para compreendermos melhor essa perspectiva, utilizamos o trecho de Husserl (apud NITSCHKE e KOZEL, 2006)

Percebo os outros – e percebo-os como existindo realmente- em séries de experiências simultaneamente variáveis e concordantes; e, por outro lado, percebo-os como objetos do mundo. [...] percebo-os ao mesmo tempo como sujeitos para esse mesmo mundo: sujeitos que percebem o mundo, esse mesmo mundo que eu percebo- e que tem por isso experiência de mim, como eu tenho a experiência do mundo e, nele, dos outros. Dessa forma vemos o pesquisador como um indivíduo que percebe o ambiente, filtrando-o por intermédio de sua experiência. Dentro dessa linha de pensamento, verificamos que fenomenologia não valoriza apenas o subjetivo, mas ela também adere ao objetivo, e com isso a intersubjetividade se faz presente, conforme menciona Buttimer (1982, p.175) como alternativa que reconhece a validade de ambos: “Enquanto o modo subjetivo concentra-se na experiência única individual, o modo objetivo procura a generalização e proposições testáveis acerca da experiência humana agregada, o modo ‘intersubjetivo’ ou modo fenomenológico esforçar-se-ia para elucidar um diálogo entre pessoas individuais e ‘subjetividade’ do seu mundo (HUSSERL, apud NISCHE e KOZEL, 2006).

Era dia de reunião de pais na escola e a pesquisadora e professora da Instituição Escolar, aproveitando a oportunidade convidou alguns pais presentes para uma conversa sobre o lugar onde vive e a escola onde o seu filho estuda. E os pais se prontificaram a realizar o trabalho, que se deu da seguinte forma: Um grupo de 7 pessoas, formado por 6 mães e 1 pai, sendo que dois são representantes do Quintas do Rio Maranhão, dois do Núcleo Rural Jardim

Morumbi, 3 do Núcleo Rural Quintas do Vale Verde. Onde os mesmos assim pontuaram em relação aos lugares mais importantes em suas comunidades.

Com o olhar da Geografia humanística podemos vislumbrar o conhecimento empírico, como fonte de estudo da comunidade escolar e seu entorno, já que são os objetos desta pesquisa, e, portanto espaços vividos, já que são habitados e experimentados.

Ao atribuir sentido ao “lugar” como categoria de estudo, Tuan revela que há uma relação afetiva deste com o indivíduo, marcado pelas suas experiências pessoais ligadas a valores e ao modo como percebe o meio ambiente. O sentimento de afeição (topofilia) ou de rejeição (topofobia) aos lugares está ligado a este modo de perceber preconizado pelo autor.

4.2 Lugares que Representam para suas Comunidades



Figura 8 - Cachoeira do Morumbi. Fonte: Jaíne 8ª série B/2015

De acordo com Calisto e Vargas (2006, p.2) “*são as sensações de pertencimento que possibilitam a conversão do “espaço” em “lugar”, ou do contrário o sentimento de não-pertencimento possibilita a transformação de “lugar” em “espaço”*. Nessa linha de pensamento as *emoções* e os *sentimentos* são ingredientes essenciais para a mudança de “espaço em lugar.”

É preciso interdisciplinar para compreender o que é letramento. Nesse sentido uma viagem pelo mundo dos discursos, da memória comunitária e da escola, fez-nos utilizar o *trem das áreas do conhecimento*, para assim aporta-se nos *multiletramentos*.



Figura 9 - Espaço Fazendinha: Eventos e Futebol. Fonte: Professora-pesquisadora/2015



Figura 10 - Parada do Sítio São José. Fonte: Professora-pesquisadora/2015



Figura 11 - Igreja São Sebastião Monjolo



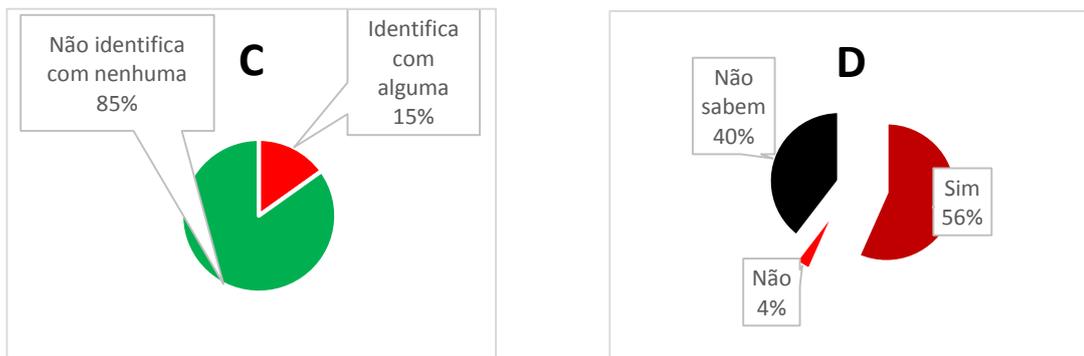
Figura 12 - Pousada Bom Jesus – Quintas do Maranhão

4.3 As Associações Locais, como elas são Percebidas?

Um aspecto relevante foi saber como os alunos e a comunidade percebiam *as associações locais* e se elas contribuíam para o fortalecimento do vínculo de identidade e pertencimento ao lugar. Aliado a isso, a questão letramento por elas fomentadas na comunidade. A seguir alguns gráficos com os resultados.

C- Qual é a associação rural e comunitária que você se identifica?

D- Você acha importante uma associação rural e comunitária?



Fonte: Professora-pesquisadora/2015

Bem temos aqui um paradoxo, pois embora a maioria dos alunos não se identificam com nenhuma das associações, acham-nas importantes. Isso se explica, pelo fato de a maioria dos alunos serem filhos de caseiros, uma das principais características da região. Ser habitada por não proprietários. Além disso, alguns alunos conseguiram classificá-las entre boa e regular.

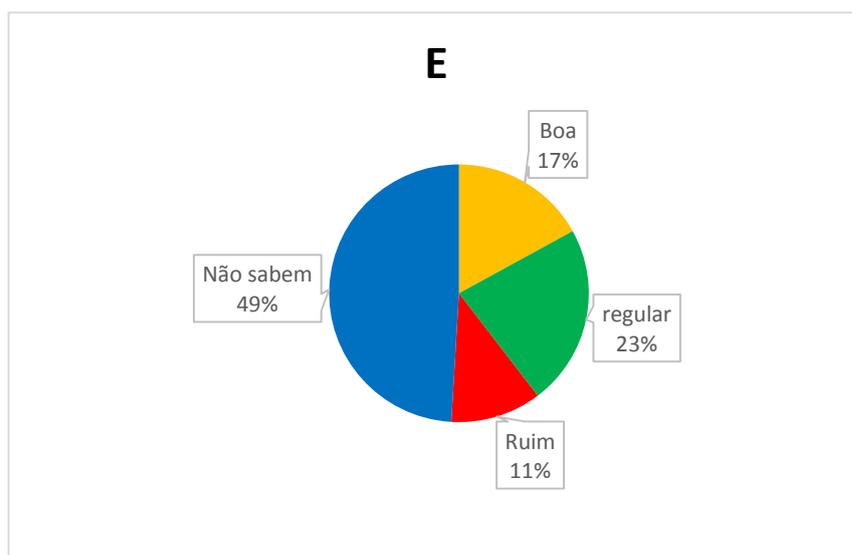
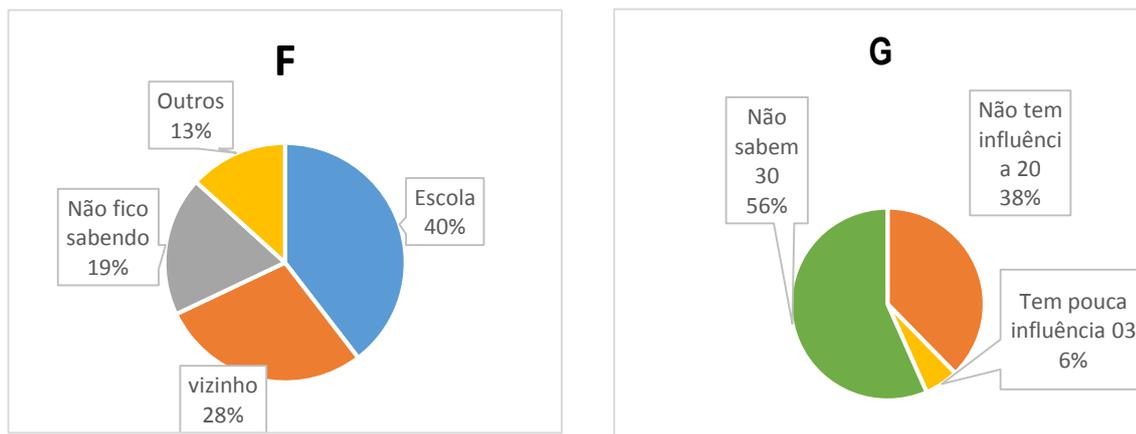


Gráfico E: Como você percebe a Associação Rural e Comunitária da sua comunidade? Fonte: Professora-pesquisadora/2015

Em uma conversa com os alunos durante a análise de dados, a professora-pesquisadora fez o seguinte questionamento: Por que vocês acham boa e regular se não identificam e nem participam das associações locais? A resposta foi: “*Professora, mas eles é que têm que nos representar, assim fica mais fácil a gente conseguir as coisas pra cá*”. Então percebe-se que há por parte dos alunos um certo conhecimento do *letramento político e jurídico*, uma vez que tais associações lidam com cartas de convocação (bilhetes) para reuniões, elaboração de estatutos, atas, etc. A escola sempre foi propagadora de notícias à comunidade. Mesmo que nem todos os nossos alunos participem, mas há um evento de letramento. O que é confirmado nos gráficos abaixo.

F- Como fico sabendo dos eventos da comunidade?

G- Você percebe alguma influência das associações locais na escola?



Fonte: Professora-pesquisadora/2015

Sabe-se que uma escola, que tem como aliada a sua clientela pode alcançar bons êxitos. É uma organização que pode representar a comunidade local, como uma Associação Rural e Comunitária, acredita-se que podendo contar com elas, os desafios podem ser superados com mais facilidade. Porém, a realidade da comunidade, alvo desta pesquisa, nos traz um alerta, que algo está na contramão.

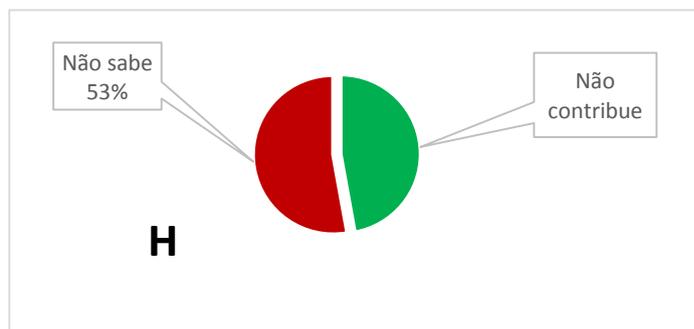


Gráfico H – Contribuição das associações locais à escola. Fonte: Professora-pesquisadora/2015

Nota-se que há pouca integração entre as organizações associativas da comunidade e escola. Apesar da escola sempre que solicitada atende pedidos das associações.

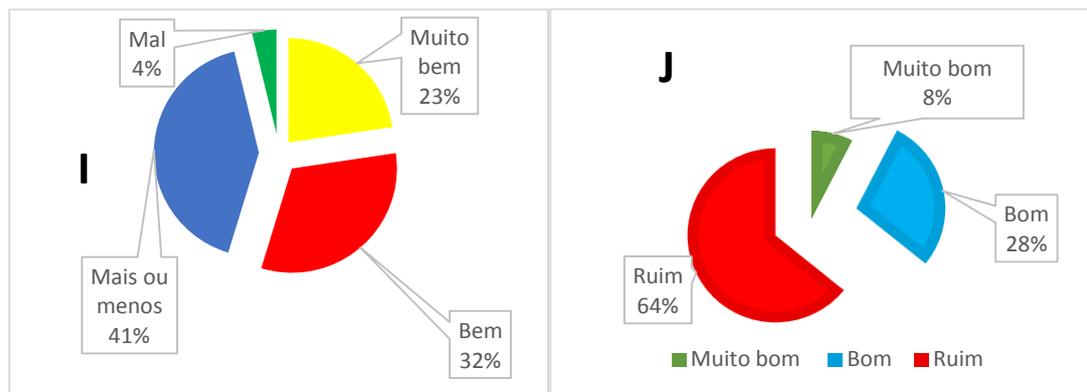
“A associação precisa mais da escola, do que a escola dela. No sentido da comunicação. Muitas vezes, fizemos bilhetes para entregar os alunos para a associação daqui. E outras associações também vem entregar seus informes (bilhetes). No caso de apoio, de conquistas e melhorias, a escola precisa muito mais das associações locais. Há falta de união das associações para o bem comum. Mas as associações já fizeram um documento coletivo para a transformação da escola, para o Ensino Médio. Falta é cobrar as melhorias para a ampliação da escola” (DC. /2015).

Na fala acima percebe-se que se tiver uma maior interação por parte de todos, talvez a comunidade ganhe o jogo, em relação a tantos desafios que ela tem.

4.4 A Percepção dos Estudantes e dos Profissionais de Educação em Relação à Instituição Escolar

I - Como você (aluno) se sente no espaço escolar?

J - Se você (aluno) tivesse que sair da escola o que você acharia?



Fonte: Professora-pesquisadora /2015

Pelo que observa a maioria deles se sentem bem. Mas, temos um número bem representativo daqueles que se diz mais ou menos.

Diante dos dados acima, parece-nos que há uma boa relação escola e aluno. O que pode ser visto em relação à evasão escolar, que praticamente não existe na escola no momento. E o acolhimento pela escola de modo geral, ficou evidente que é bom para com os alunos. Talvez o que ainda faz com que os alunos relevem a falta de infraestrutura. Ressalta-se que o prédio escolar ainda se encontra da mesma forma de quando foi construído para a escola classe. Faltam biblioteca, laboratório, sala de coordenação, auditório e salas de aulas e

uma quadra de esporte para a prática da Educação Física. Mas mesmo assim, é um Centro Educacional, que atende as séries finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

Em seguida apresenta-se alguns resultados do 3º grupo de pesquisa pelo instrumento questionário, que contou com 22 participantes, dentre eles *professores, servidores públicos e terceirizados da escola*.

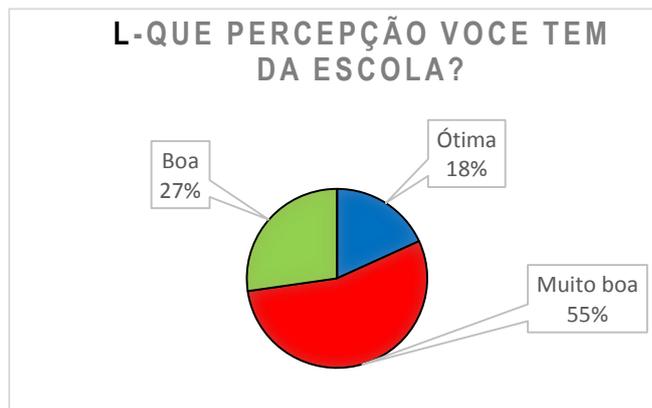


Gráfico L: A percepção dos profissionais de Educação em relação à escola

Fonte: Professora-pesquisadora/2015

De acordo com os profissionais de educação, quase unanimidade, a escola é muito boa, boa e ótima. Para eles, os alunos sentem pouco pertencentes. Tanto no que tange ao espaço escolar, quanto as suas comunidades. Percebe-se que aluno e profissionais têm uma percepção positiva em relação à escola. Esses profissionais mencionam ainda que se sentem pertencentes, embora conheçam pouco a história do lugar, onde a escola se insere. E também poucos gostariam de conhecer.

4.5 O Multi (Letramento): Nas Orientações da Professora, na Narrativa da Dona Maria, na Casa do Aluno e em seus Registros.

Ainda em sala de aula foram dadas todas as orientações necessárias para que a saída fosse proveitosa pela professora e pesquisadora. O primeiro passo seria observar tudo. E depois fazer as anotações sobre o que lhes chamassem mais atenção. O segundo passo seria uma socialização de como teria sido a observação, por meio de uma roda de conversa gravada. E posteriormente foram feitas produções de textos em grupos sobre as percepções acerca do lugar (área da escola e seu entorno). O que vem ao encontro do conceito de letramento proposto por Roxane Rojo,

[...] para ler (...) não basta conhecer o alfabeto e decodificar letras e sons da fala. É preciso também compreender o que se lê, isto é, acionar o conhecimento de mundo para relacioná-lo com temas do texto, inclusive o conhecimento de outros textos/discursos (intertextualizar), prever, inferir, comparar informações, generalizar. É preciso também interpretar, criticar, dialogar com o texto: contrapor a ele seu ponto de vista, detectando o ponto de vista do autor, situando o texto com o contexto (ROJO, 2009, p.44).

Foi assim que iniciou a roda de conversa: Quais os elementos que mais lhes chamaram a atenção na caminhada?

K1- *“(risos) observei as placas, e elas ajudam muito, porque tipo os parentes das pessoas que moram aqui, e não conhecem e vem visitar olha pelas placas. Os motoristas andam em alta velocidade, não obedecem as placas de sinalização, é 80km andam a 120km. Mas o que mais me chamou atenção foi a entrevista da dona Maria, que disse sobre o dinheiro que comprou a chácara que era o cruzeiro. Perguntei se era tranquilo morar aqui, ela disse que era. Mas depois do asfalto, houve assaltos e muita movimentação. E ela até fechou o comércio. Ela falou que o sonho dela era morar aqui.*

G- *“O que mais me chamou atenção foi a construção que tem ali (referência a uma área bem próxima à escola, que está sendo murada e farão uma construção), que até o momento diz que vai ser uma clínica para recuperação de drogado. Aí vai ficar um movimento meio estranho. E por ser uma região que as pessoas não dão valor, talvez vai tirar a identificação daqui. De um lugar tranquilo, que as pessoas vem pra ter paz. Vai ficar uma movimentação muito estranha!*

A- *“Foi bom, porque tinha pessoas que não conheciam alguns lugares por aqui, e no dia que saímos conhecemos e também foi bacana, porque vimos muitos erros de ortografia, [...]Uma maneira diferente de mostrar os lugares e uma forma diferente, para descontrair a turma”*

B- K2 - *“Foi a mulher lá, a dona Maria. Porque ela mora aqui há muito tempo. Aí ela contou um pouco da história dela pra gente. O jeito que ela falou que quando fez o asfalto mudou muitas coisas. “Risos. E a fala dos assaltos que vieram junto com os asfalto.”*

Buscou-se verificar por meio de diferentes leituras, as práticas sociais de letramento ambiental e de memória. Com isso, almejava-se a mudança de atitude por parte dos alunos, em relação ao seu espaço/lugar, (escola e comunidade), produzindo assim, conhecimentos e desenvolvendo competências por meio das histórias, memórias, saberes, as lutas e as formas de organizações. Com isso, procurou-se abrir a escola para outros tempos do viver, onde o aluno também se viu valorizado dentro de sua região.

Durante a realização desta pesquisa a professora - pesquisadora contou com o subsídio das diversas práticas de letramentos presentes na vida dos estudantes, utilizou-se das mídias, com isso os alunos puderam fotografar, enviar mensagens, fotos o que segundo Rojo (2013 apud Cadernos AFT, 2013):

Os textos sofreram mudanças significativas. Agora, imagem e som também devem ser considerados nas leituras e a escola necessita incorporar práticas a um conceito

nascido há mais de 15 anos: o de multiletramentos (ROJO, 2013 apud Cadernos AFT, 2013, p. 7).

Com isso procurou sintonizar a realidade vivida com a tecnologia como instrumento de letramentos. E ainda completa Rojo: “[...] Assim, tratar os textos, compreendê-los e produzi-los passa a levar em conta linguagens como fotografia, áudio e o vídeo”.



Figura 13- Chácara Pedacinho do Céu: a narrativa da Dona Maria (passeio-leitura)

Segundo Campos Almeida (2010, p.2), os letramentos podem ocorrer nas seguintes situações: Letramento Familiar- no lar: calendários, fofoca, agendas, lista telefônica, receitas, etc. Letramento religioso- na igreja: hinos, bíblia, folhetos, orações, cartazes etc. Letramento jurídico-fórums, cartórios, documentos etc.

Ainda na perspectiva do letramento ambiental foi feito com as duas turmas focos desta pesquisa, durante a aula de Língua Portuguesa e História a seguinte pergunta para os 43 alunos das 8ª séries A e B: M- Quais os instrumentos de letramentos escritos vocês utilizam ou têm em casa?

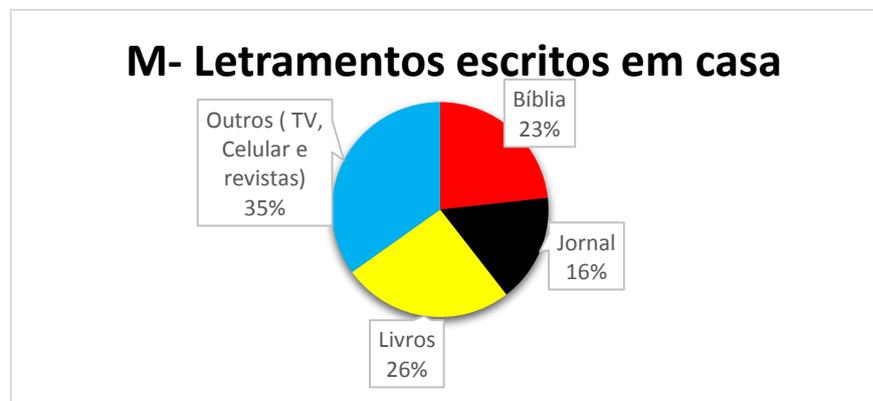


Gráfico M: tipos de letramentos existentes nas casas dos alunos/ Fonte: pesquisadora/2015

Conforme apresenta o gráfico, boa parte dos alunos tem em casa ou faz uso da Bíblia como prática de letramento. O que nos levou a querer saber mais sobre a influência religiosa nos eventos de letramento da comunidade local. Embora os dados não mostrem, mas praticamente 100% dos nossos alunos pesquisados dispõem de TV e celular. E muitos contam com a internet. Por estar bem próxima às cidades de Planaltina DF e Planaltina GO, a comunidade local pode fazer uso da internet, mesmo com a qualidade do sinal ruim.

Com isso podemos ver que essa comunidade tem convivência com o que há de mais moderno no mundo da tecnologia, quando o assunto é a internet. O significado para os estudantes em ter o celular/internet é que eles estão vivendo e acompanhando o “novo”.

Um fato relevante é que os nossos alunos fazem o que podem para conseguir entrar no mundo virtual. Alguns conforme relato dos mesmos, vão até o posto policial, para acessar por meio do Wi-Fi a internet. O que nos mostra que não dá mais para desconsiderar essa realidade dos nossos dias, em nossas práticas pedagógicas em sala de aula. Porém, torna-se necessário, alertá-los quanto ao perigo, em relação ao mau uso, quanto pelo local onde eles vão, por ser próximo à rodovia e com muito fluxo de carro.

Nesse sentido, nota-se que o multiletramento está presente na vida dos estudantes, que tem tido acesso ao uso das redes sociais, inclusive observamos que quase 100% dos nossos alunos têm o celular, e que uns 90% fazem uso da internet. Embora a escola não dispunha de internet para o uso coletivo. Os alunos têm particular e recorrem conforme já relatado a outros meios para esse acesso.

4.5.1 A capela Nossa Senhora Rosa Mística e o letramento: catequese e a missa



Figura 14 - Capela Nossa Senhora Rosa Mística. Fonte: Professora-pesquisadora/2015

“Agora temos o nosso cantinho”. (C12/sic)

Mas um acontecimento mudou o rumo dessa história: a doação de um terreno no Jardim Morumbi, uma área bem próxima à escola. Onde será construída Capela. Essa doação foi feita por uma pessoa da comunidade e religiosa (freira). A escolha do nome da capela foi por votação pela comunidade. E o nome escolhido foi: *Nossa Senhora Rosa Mística*.

Com a doação a comunidade empolgou-se e colocou a mão na massa. Com a realização de bingos, leilões, rifas e doações do trabalho de pedreiros, começou a erguer o que chamam de Salão Paroquial.

Produzindo aí o que Tuan (1983), denomina de experiência íntima com o lugar. Ele aponta ainda que todos os lugares “*são pequenos mundos [...] lugares podem ser símbolos públicos ou campo de preocupação, mas o poder dos símbolos para criar lugares depende, em última análise, das emoções humanas*” (TUAN, 1999 apud HOLZER, 1999 p.71).

O que deixa claro que a nossa intimidade com o lugar deve-se, contudo a nossa relação com as pessoas do lugar.

Para Nogueira (2010, p.221) “o lugar deve ser pensado em todas as suas dimensões, dos significados simbólicos e míticos à dimensão material e visível”. Cada ser constrói uma relação de intimidade com os lugares e cada lugar tem um significado.

Hoje as missas e casamentos são celebrados no salão paroquial inacabado (simples), mas pelo visto sem nenhum preconceito, o fato de estar no espaço próprio, dá a entender que as demais situações são superáveis.

Assim sendo, a religiosidade está intimamente relacionada com a experiência e com o espaço “sagrado”, ali representado por um lugar de encontro com Deus, nos 2º e 4º sábados de cada mês e muito sonhado pela sua comunidade, conforme expressa uma adolescente: *A capela é uma parte do sonho que nós tínhamos há muito tempo, o que está se realizando*” (Depoimento dado em 08/09/15, adolescente da catequese). A importância da capela está atrelada a necessidade dos católicos ter esse encontro com Deus, mas também com os irmãos. Ao falar do seu início uma líder comunitário assim se expressa: “*Foi assim que começou, com a autorização por parte da Diocese de Brasília, fomos atrás de padres em Brasília, pois não podíamos ficar aqui sem missas*”. (Depoimento de uma liderança da comunidade/C9).

Por mais ou menos 18 anos, a escola (CED-Osório Bacchin), cedeu o espaço para missas e hoje a catequese acontece ainda na escola. Outra fala:

E para cá veio “*o nosso querido Pe.João, que em meio a tantos percalços, nos acolheu com seu amor de Pai*”. Celebrava as missas, fazia os sacramentos da crisma, primeira comunhão, unção dos enfermos, batizados e aconselhamentos. Mas teve que sair, pois ia ser transferido de Brasília, para outra localidade. E agora? Mais uma vez, sem padre na comunidade. Foram uns 4 anos, me relatou a depoente.

Até que veio o padre da Imaculada Conceição, do Paquetá. “Graças a Deus, agora tínhamos um padre para celebrar as missas.” (C9 /sic)

Para os moradores da comunidade, “*ter a missa aqui é bom demais, pois nem sempre dá pra gente ir à cidade*”. É muito bom para os jovens participarem dos grupos e catequese, afirma uma jovem que também é catequista.

Outra moradora e líder de atividades na capela, assim coloca: “Com a vinda da missa para a capela, aumentou a quantidade de participantes, se era umas 10 pessoas, agora é de 25 a 30. Mais só temos é que agradecer a acolhida na escola. Muito obrigado! (Sic/ Dona Irani/52 anos, moradora da comunidade desde o seu início/Jardim Morumbi) A comunidade é convidada a participar dos eventos religiosos por meio de cartazes e faixas afixadas nas áreas de circulação da comunidade como a escola, posto de saúde e na estrada principal DF205.



Figura 15-Faixa com convite à comunidade para a missa nas mediações do posto de saúde. Fonte: Professora-pesquisadora/2015



Figura 16-Faixa de aviso para início da catequese, nas mediações do CED-Osório Bacchin. Fonte: Professora-pesquisadora/ 2015

A Igreja/missa é um lugar dos conhecimentos e sentimentos vividos, espaço de relações entre sujeitos e destes com os símbolos. Ela é uma maneira de apropriação de tempo e de espaço, porque nela se realizam práticas que garantem representação e identificação social e cultural e permitem a transcendência, ultrapassar o meramente material e alcançar o espiritual.

O valor atribuído ao evento religioso também está no cuidado em carregar os seus utensílios que fazem parte do ritual. Mas nem sempre era possível cuidar, devido a precariedade local. Observei isso nesta fala: “*os objetos de devoção eram carregados em caixas*”, no momento desse anúncio eu pude ver que a expressão de quem dizia, era triste. Pois o sentimento de não zelar como deveria pelo sagrado, despertava nela um “ar” de impotência, diante de um momento tão sublime.

Registra-se que seguir as narrativas de duas depoentes para essa construção e que ambas são lideranças que estão à frente da organização religiosa na comunidade do Jardim Morumbi. Além disso, participei como pesquisadora e cristã católica de uma missa na comunidade, na qual levei o meu esposo e filhas. Foi um momento encantador! Lá encontrei membros da comunidade escolar e também local.

Foi a partir desse momento, que verificou-se que havia uma contribuição para os *multiletramentos* dos nossos estudantes, já que muitos deles são atuantes nos eventos como: ensaios, missa e catequese. Neles os jovens leem a Bíblia, folhetos, missal, ensaiam cânticos, dramatizam, catequisam, fotografam, gravam vídeos, etc.

Logo abaixo encontram-se dois depoimentos feitos por alunos da escola e participantes dos eventos religiosos.

A catequese é sempre 2º e 4º sábado do mês, e começa de 14:00 às 16:30.

A catequese é dividida em três salas, os iniciantes primeira comunhão e crisma que sou eu.

Eu acho muito legal, a catequese é celebrada aqui mesmo na escola, são 2 horas e 30 minutos de muito estudo, depois que termina a catequese a gente vai para a missa que começa 5 horas e termina 6 horas.

Tem 3 professoras na catequese, a minha irmã, a Beatriz e a Bianca. A Jaíne que é minha irmã e professora dos iniciantes (que fazem catequese) a Bianca dos que fazem a primeira comunhão e a Beatriz que é minha professora de crisma.

Infelizmente os pais não estão colocando as crianças na catequese. A missa é celebrada aqui pertinho da escola. Eu já estou fazendo catequese a sete anos atrás e graças a Deus ano que vem eu já sou um, professor de catequese.

(Catequisando e aluno do CED-Osório Bacchin)

Bom as missas quando começou aqui eram poucas pessoas e era uma vez no mês, quando era no natal vinha o Papai Noel ai enchia a escola de crianças.

A catequese no começo também era poucos, nem todos que começava concluía, o tempo foi passando e as pessoas foram aumentando, era a catequista Izânia e Simone e agora são 3 catequistas. Beatriz, Bianca e eu Jaíne, temos muitos catequizantes, nosso galpão está sendo concluído fazemos missa lá todo segundo e quarto sábado do mês.

O galpão foi construído com doações que o povo fizeram, está faltando pouca coisa para terminar, em breve ele estará terminado.

*Temos em cerca de 25 catequisando na catequese, evitamos muito copiar e fazer mais dinâmicas mas tudo conforme a palavra. ***(Catequista Jaíne)****

Na seção abaixo representação de letramento:



Figura 17- Evento de letramento na missa (ensaio e leitura) e Primeira Comunhão dos catequisando em 2013 (Douglas, Ivan e Lídia - são nossos alunos) Fontes: Professora-pesquisadora e catequista (aluna: Jaine)/ 2013/ 2015

Nessa missa estiveram presentes a pesquisadora e familiares. Ela foi realizada no dia 10 de maio de 2015 às 17h. Onde a equipe da catequese fez uma bela homenagem às mães da comunidade. Ali mesmo, de maneira simples, foi oferecido um lanche e panetone para as mães. O que nos mostra um sentimento topofílico pelo espaço vivido e experienciado, conforme aponta Tuan (1980) no seu livro *Topofilia*. Esse momento nos reporta também, a uma confraternização e uma valorização das mães, o que pode levar aos filhos e para a comunidade uma mudança de atitude diante do *letramento de cidadania e valores*.

De acordo com Tfouni (2006),

“A cultura e os costumes de uma sociedade também devem ser considerados como *níveis de letramento*, pois tanto quanto a escolarização é importante em uma determinada cultura, a luta por manter rituais e costumes em outras sociedades também deve ser valorizada, pois para ela, ali está o letramento, o saber viver e transmitir ensinamentos como exemplo, podemos destacar a cultura e rituais de algumas aldeias indígenas” (TFOUNI, 2006, p. 23).

Na busca por conectar a escola com a vida, dar sentido ao conhecimento escolar e valorizar os saberes existentes, dando ao aluno a oportunidade de atuar de forma crítica no meio em que vive, dentro do passeio-leitura, fez-se uma releitura de algumas placas, letreiros

e faixas nas práticas sociais da comunidade. A seguir vê-se leitura imagética e frases relacionadas à comunidade.

4.6 As Placas, Faixas e Letreiros. O que isso Significa para a Comunidade?

Com vistas ao letramento, buscou-se trabalhar os gêneros textuais e sua função social como uma ferramenta para o letramento e a educação ambiental, sob o olhar da história local.



Figura 18 - As placas e faixas, como práticas e eventos de letramentos. Fonte: Professora-pesquisadora/2015



Figura 18 (continuação) - práticas e eventos de letramentos. Fonte: Professora-pesquisadora /2015

Na perspectiva de descobrir como os alunos sujeitos e colaboradores da pesquisa se envolviam com essas práticas e eventos letramentos na comunidade, é que foi proposto um olhar sobre os gêneros multimodais.

Durante o passeio-leitura como os alunos releram o que a escrita lhes diziam? Numa roda de conversa e produções textuais, assim definiram:

“(risos) observei as placas, e elas ajudam muito, porque tipo os parentes das pessoas que moram aqui, e não conhecem e vem visitar olha pelas placas. Os motoristas andam em alta velocidade, não obedecem as placas de sinalização, é 80km andam a 120km’. (Aluna 8ª A/ 2015)

“As placas indicam a localização de cada residência, caso alguém compre algum material de construção ou móveis eles necessitam das placas para entregar, as faixas servem para dividir os lados das pistas, as sinalizações onde podemos andar com segurança[...]A associação está em situação precária, o mato está quase cobrindo tudo, muitas aqui do Morumbi tem suas caixas de correios, o que está muito difícil para nós e a pichação o mato está cobrindo tudo inclusive a associação.” (Alunos da 8ª B)

Fica evidente que as placas têm uma função social na comunidade, pois ao comprar qualquer objeto que tenha que ser entregue em suas casas, precisam informar endereços, os quais são utilizados pelos entregadores. E muitas vezes, a escola serve de referência.

Durante o percurso puderam observar as mudanças e permanências, o que faz o aluno adquirir competência para o estudo de temporalidades, o que também contribui para o letramento histórico. Ao fazer uma análise de uma placa de inauguração do asfalto na DF 205, eles puderam imaginar como era a pista sem o asfalto, e como é hoje. O que mudou? O que permaneceu?

Outra observação foi uma caixa de correio comunitária que existia na associação comunitária do Jardim Morumbi, que hoje não tem utilidade para a comunidade local, ou seja, encontra-se abandonada.

Rojo (2013) traz o seguinte conceito para multiletramentos e que vem de encontro com alguns letramentos presentes e que faz parte do dia a dia dos moradores, trabalhadores, estudantes e visitantes da comunidade.

São práticas de trato de textos multimodais ou multissemióticos contemporâneos-majoritariamente digitais, mas também impressos- que incluem procedimentos (como gestos para ler, por exemplo) e capacidades de leitura e produção que vão muito além da compreensão e produção de textos escritos, pois incorporam a leitura e (re) produção de imagens e fotos, diagramas, gráficos e infográficos, vídeos, áudio etc. (ROJO, 2013, p. 21).

Sobre isso esclarece Rojo: “*a escola em primeiro lugar deveria partir do que a gente chama de repertório do aluno*”, ou seja, da cultura local que esse aluno traz pra sala de aula, que deve ser, não só valorizada, mas incorporada no tratamento do objeto de ensino. Inclusive ela propõe uma pedagogia de projeto ao invés de uma pedagogia de conteúdo.

Em cada uma dessas placas traz uma informação, cujo significado depende de quem a elas recorrem. Dentro do espaço em que elas se encontram e por mim investigado, representa o cotidiano dos moradores, na medida em que eles são beneficiados. Retratam ainda o lugar e o que nele existe, nos contextos políticos, sociais, econômicos.

O letramento histórico foi necessário, já que na análise em andamento, requer esse pontuamento. Para se entender conceitos presentes em um texto específico a qualquer área do conhecimento é imprescindível um grau de letramento dentro da área do conhecimento.

No caso dos textos históricos, o entendimento envolve a mobilização de elementos presentes na consciência histórica, ou seja, elementos que fazem parte da nossa base de conhecimentos históricos e conceitos históricos.

O modelo ideológico de letramento tem como base a natureza social do letramento e considera a leitura e a escrita como práticas sociais. Kleiman (1995) considera que a leitura e a escrita fazem parte das atividades sociais, tais como ler um manual ou pagar contas. A leitura e a escrita não podem ser encaradas como atividades como um fim em si mesmas, mas como atividade que servem a um propósito. O que está em consonância com as nossas inferências.

O mercado Morumbi, instalado na comunidade desde 2005, simboliza o “novo.” Ele trouxe à comunidade certo conforto, à medida que atende as necessidades dos moradores, que agora não tem que ir tão longe para comprar os gêneros de primeira necessidade. Além de gerar emprego e renda àquela comunidade. Conforme relatos dos alunos da 8ª B, *“outra situação que nos chamaram atenção foi um grande fluxo de pessoas indo ao mercado”*. Percepção de uma mãe e moradora da comunidade Jardim Morumbi, *“Fazia muita falta né, aqui um supermercado, só necessidade mesmo ele é muito caro”*. Muitos trazem o letramento econômico, quando dizem: *é muito caro, só mesmo necessidade*. O que significa, que nem sempre ou tudo ela compra ali.



Figura 19 - Evento que mudou a estrutura na comunidade: Mercado Morumbi desde de 2005/2006/.

Fonte: Professora-pesquisadora

Outro significado que as placas trazem para alguns moradores e usuários de bicicletas, é que elas servem de suporte para prender suas bicicletas, quando vão trabalhar ou resolver problemas. De acordo com uma usuária o local é o único,

“Porque aqui fica mais seguro né, do posto policial. Porque é único lugar pra gente colocar. Tem gente que mora mais distante. Minha cunhada, meu pai, meu

irmão, todos colocam aqui. Roubaram a do R, a do A, e do meu irmão do L. Tinha uma época, que tinha uns malandros aqui. Agora só roubam bicicleta nova né, velhinha assim não (sic / (risos))”.



Figura 20 - As placas servem ainda de suportes para as bicicletas de trabalhadores da comunidade.

Fonte: Professora-pesquisadora/2015

Também tem importância quanto a questão do letramento, enquanto prática social na comunidade, *as associações rurais e comunitárias*, não para a maioria, já que nem todos são associados ou participam, mas àqueles que delas são membros ou por relação de vizinhança e amizade, conseguem participar de cursos para formação do produtor rural, oferecidos pela Emater, Senar, Sebrae, etc. Aliás, as mulheres da comunidade têm cobrado muito a falta de cursos direcionados a elas. Por várias vezes, ouvi esse discurso “*me lembro quando a Associação e a EMATER, promoviam cursos para as mulheres. Era muito bom!*” (C2/sic/2015).

O letramento foi percebido em alguns dos entrevistados em relação à experiência com o trabalho na terra e sua vivência no campo. Demonstrando cuidado ambiental:

“Eu que sigo o sistema, não faço nada pra agravar o ambiente. Não faço coisa assim, que é proibido pelo meio ambiente. Eu tenho a reserva legal, não corto nada nela, eu cuido dela, Não planto não ponho animal.” (C11/sic/2015).

“Tenho o Projeto Mandala, em que as plantações são feitas em forma de círculos, a EMATER me ajudou, é um projeto do governo e aqui tem nascente de água e eu cuido” (C4/sic/2015)

“Os proprietários fazem o curso administrativo para manutenção da chácara, a gente ver que tem camarada que não faz nada. E a terra improdutiva, traz prejuízo ao país[...] Ali é a reserva legal e a gente tem cuidar”. (C3/sic/2015).

Eis algumas fotos das propriedades dos entrevistados e o letramento jurídico e ecológico.



Figura 21 - Foto de Reserva legal na comunidade. Fonte: Professora-pesquisadora/ abril de 2015

4.7 Falta de Conscientização, Gera Lixo: Por Que Você Está Aqui?

“O que mais nos chamou atenção é o descuido que as pessoas têm quando vão colocar o lixo na lixeira, isso pode prejudicar a saúde dos moradores que moram perto”. (Alunos 8ª B/sic)

Diante do problema ambiental encontrado na comunidade fez-se necessário, uma reflexão acerca do lixo nas mediações da escola e seu entorno. Nesse sentido, este trabalho, através do letramento, procurou também contribuir para a reflexão sobre o meio ambiente a fim de preparar o indivíduo para viver e trabalhar de maneira sustentável. Portanto, como prática pedagógica, a professora- pesquisadora, alunos do CED-Osório Bacchin, juntamente com os demais profissionais de Educação, iniciou um projeto de intervenção para a situação do lixo, em que as ideias de mudanças de atitudes serão transformadas em busca de uma melhor qualidade de vida pra todos.

O projeto ainda encontra-se em fase de planejamento, mas já sendo posto em prática por alguns alunos e moradores, antes mesmo de ser colocado no papel. Exemplo: o aluno que antes jogava o lixo sem mesmo descer de sua bicicleta, agora desce e cuidadosamente deposita na lixeira. Esse já é um fruto colhido por meio deste trabalho.

Embora antecipando o resultado do trabalho, as menções sobre o problema do lixo, são narradas abaixo, conforme a figura a seguir:



Figura 22 - O lixo nas comunidades: Jardim Morumbi, Vale Verde e Quintas do Maranhão. Fonte: Professora-pesquisadora/2015

Durante as saídas a campo pela pesquisadora e até mesmo em momentos de idas/voltas a Planaltina de Goiás, em visita a familiares, foi aproveitado para observações dos lugares e espaços, para uma melhor compreensão a respeito do vivido naqueles lugares alvos da investigação. E diante dessa realidade, propôs-se aos alunos em um trabalho coletivo, algumas reflexões acerca do problema. Na expectativa de que sendo eles moradores, adotem uma nova atitude, para mudar a situação do lixo.

O que causa uma grande preocupação foi a questão de como o lixo é posto para coleta. E aliado a isso, o descaso por parte de alguns das comunidades, com o meio ambiente. Espaço construído e vivido por todos que ali habitam.

Nas minhas observações pude acompanhar por 6 meses o ato de jogar o lixo, por alguns moradores e como esse material vinha de suas residências, para aquelas minúsculas cestas serem depositadas.

Foram analisadas três localidades nas comunidades. Duas no Jardim Morumbi e uma no Vale Verde, onde a coleta é feita às segundas-feiras e sextas-feiras. Em todos esses ambientes, as lixeiras são insuficientes para o recolhimento dos elementos produzidos pela

comunidade. Portanto, muito lixo é esparramado pelo chão. Sendo remexido por cachorros e levados por todos os lugares . O que causa danos ambientais à natureza e às pessoas.

Outro ponto que merece ser destacado é a falta de seleção do lixo.Todos os tipos são jogados à céu aberto , sem nenhum critério. Móveis , eletrodomésticos e resto de material de construção.

Mas pude também compartilhar um pouco com alguns dos moradores participantes desta pesquisa de suas preocupações e sugestões para com o lixo produzido na região:

“Eu que sigo o sistema, não faço nada pra agravar o ambiente. Não faço coisa assim, que é proibido pelo meio ambiente. Eu tenho a reserva legal, não corto nada nela, eu cuido dela, Não planto não ponho anima[...]. o povo joga de qualquer jeito, na lixeira. Lembra de um dia que colocou todo o lixo no cesto e logo depois o caminhão veio e pegou. Falou ainda dos catadores de latinhas que vem de Brás e bagunça o lixo todo, desmancha todo, devia ter uma fiscalização” (C11/sic)

“Outra mudança aqui no Morumbi, é que as pessoas alugam até casas. Muitas pessoas alugam suas chácaras para eventos, o que torna o ambiente sujo e muito barulhento nos finais de semanas”. (L/sic)

“[...] Outra coisa é o lixo, na parada tem uma lixeira com tamanho insuficiente, para os moradores depositarem seu lixo. Seria bom um contêiner. É falta de conscientização. Aqui até bichos mortos são jogados a arremesso, por alguns moradores. Sugiro uma coleta seletiva aqui na comunidade”. (C2/sic)

Ressalta-se que muitas iniciativas antes já foram tomadas na região, com a perspectiva de uma conscientização dos bens (patrimônios) histórico-socioambientais com os fenômenos: Cachoeira, Bacia Hidrográfica do Rio Maranhão, Estação Ecológica de Águas Emendadas, por parte da UnB, EMATER e SENAR, junto à comunidade. O que demonstra que já houve, ou há alguém que ainda se preocupa com as questões ambientais locais.

Para a análise tornou-se relevante uma breve reflexão sobre o tão desejado desenvolvimento de uma consciência ecológica nos diferentes segmentos, que compõem as comunidades e que deve surgir a partir da formação de novos sentimentos e valores em seus agentes com relação ao meio ambiente, refletindo conseqüentemente em novas posturas, comportamento e no surgimento de uma relação de alteridade entre a natureza e os humanos, aliás assunto referido na entrada desta seção.

Na busca de fundamentar a temática para esse entendimento, apresenta-se um diálogo com Brandão (2005) e outros, que em suas reflexões discutem significados que através do tempo e do espaço permeiam o subjetivo sentido de pertencimento, pois vivemos a cada momento de nossas vidas interagindo com o meio ambiente natural ou construído.

A questão do abandono está presente nas falas dos entrevistados. Seus espaços de representações elaborados sobre a sua comunidade giram em torno da percepção do

esquecimento e da ausência do poder local (representado pelas associações) e do poder público, representado pelo governo.

“Não tem mais a organização (associação) de antes, aqui as ruas eram bem patroladas, tinha a caixa postal, no que se diz poder público, não vejo muita coisa, só a escola e o posto de saúde [...]. Não há mais congressamento, digo a união das pessoas. Hoje é só estranhos” (C2/sic)

“Nós temos dentro do que a gente pode. A gente tem coleta de lixo, não é seletiva. Já tivemos um trabalho junto ao Comitê das Bacias Hidrográficas do Maranhão, com isso a região foi conhecida pelo Poder Público.”

“Encontramos o lixo mal armazenado e de forma inadequada e todo espalhado pelo caminho” (Aluna da 8ª “A” / Passeio-Leitura no entorno da escola).

Verifica-se que há dois pontos a serem confrontados: de um lado moradores insatisfeitos com os seus representantes locais e o governo, e do outro aqueles que se parecem conformados com a situação e gratos com o pouco que têm conseguido do Poder Público.

Mas, independente dos confrontos urge uma intervenção educativa e prática na região no que tange a questão ambiental. Apesar de inúmeros trabalhos e projetos, feitos no lugar.

Uma escola inserida num contexto de Educação do Campo jamais poderia deixar de lado uma oportunidade de trazer para sua comunidade um modelo de conscientização e formação de temas ambientais, aliás uma exigência dos temas transversais, que por ora, parece adormecido. *‘Um resgate de sentimento de identidade e pertença, talvez possa fazer desse espaço o melhor pra se viver’ (grifo meu).*

Outro aspecto que me causou um certo espanto foi quando saímos a campo (Passeio-Leitura) e os alunos não se atentaram para a questão do lixo. Propositamente, não falei nada sobre o lixo nas orientações prévias. Mas vendo que eles não parariam no local onde se encontrava uma lixeira repleta e com todo lixo espalhado pelo chão, intervi pedindo que observasse e registrasse a situação. E infelizmente não percebi muita preocupação por parte da maioria. ‘Momento triste’ para uma Educadora e uma Instituição Educacional bem ao lado.

É pela apropriação que o sujeito sente que de alguma forma está ligado ao lugar e que este lhe pertence, mesmo que dele não tenha a posse legal. A relação vem a ser recíproca, pois ele também pertence ao lugar. E é essa apropriação do espaço que faz o indivíduo se enraizar. *“Ninguém me tira daqui, Aqui eu planto milho, feijão, faço minhas hortinhas, crio minhas galinhas”*. Trecho confirmado pelo discurso do entrevistado, que luta pela posse da terra na região. E quem sabe, se pudéssemos despertar nos nossos alunos esse sentimento de amor ao espaço, teríamos realidades transformadas, pelos sujeitos fabricantes de sua própria história. Ressignificando assim, a vida de toda a comunidade.

Na definição de Ana Fani, o lugar assim é definido:

“O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar. A cidade por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com o espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo” (CARLOS, 2007 apud SOUZA et al, 2009, p.07).

Na proposição de Santos ao analisar o lugar deve-se levar em conta a sua história.

“A Geografia deve preocupar-se com as relações presididas pela história corrente. O geógrafo torna-se um empirista, e está condenado a errar em suas análises, se somente considera o lugar, como se ele tudo explicasse a si mesmo, e não a história das relações, dos objetos sobre os quais se dão as ações humanas. Já que os objetos e as relações mantêm ligações dialéticas, onde o objeto acolhe as relações sociais, e estas impactam os objetos. O geógrafo seria funcionalista se levasse em conta apenas a função; o estruturalista se apenas indicasse as estruturas, sem reconhecer o seu movimento histórico ou a relação social sem o conhecimento do que se produziu. Impõe-se, na análise, apreender objetos e relações como todo, e só assim estaremos perto de ser holístas, isto é, gente preocupada com a totalidade” (SANTOS, 1988, p.9).

Menciona-se que o título sobre a questão do lixo foi de autoria de um grupo de alunos do 3º ano do Ensino Médio, em uma proposta de trabalho, para encontrar a solução para o problema, através de um projeto interdisciplinar feito na escola, com a participação de todos. Que aliás, já fomentado para a sua inserção no PPP, para 2016 continuarmos com projetos frutos deste trabalho.

4.8 O Letramento no Cotidiano Do Lugar: Os Moradores e Seus Saberes

“Gosto de viver na área rural, porque já criei meus filhos tudo na área rural, e quero permanecer ainda. Aqui é um lugar calmo e tranquilo”. (C11 /sic)

“*Eu gosto! Eu adoro! É tranquilo. Toda vida a gente quis ter uma chácara, morar mais afastado e ter contato com a natureza. Eu gosto da roça.*” ((D1/sic)

“*É um lugar muito bom, né. Apesar das dificuldades. Viver aqui é muito bom, calmo, tranquilo. É um lugar, que acho que todo mundo queria morar.*” (D2/sic)

Não é pretensão aqui abordar todo contexto histórico em relação a questão do rural, mas trazer para o estudo o resultado das nossas investigações, no que tange o modo de vida nesse “espaço”. Para essa discussão toma-se por base um artigo de Alfio Brandenburg (2010), “Do rural tradicional ao rural socioambiental” (TUAN, 1993; FILIZOLA, 2009; SILVA, 2002 apud ALVES, 2013), dentre outros.

Aproveita-se também para relatar alguns contextos e seus significados, presentes nos discursos dos sujeitos participantes da pesquisa, a percepção em relação ao viver na área rural, e como percebem as características do espaço onde habitam. Para obter essas respostas, fez-se a seguinte indagação: Você gosta de viver na área rural? Por quê? Que tipo de produção você tem na propriedade? Como é feita essa produção? Você é caseiro ou proprietário? E como ela (produção) se organiza, se é grande ou pequena? E com isso, pode-se ter uma ideia geral, de como essa comunidade relaciona com o lugar onde vive, e qual o significado desses espaços. Outro fator foi verificar se as cidades próximas trazem influência à comunidade, interferindo na questão identitária e de pertença.

O que torna viável uma análise de aportes teóricos na temática rural/urbano. Uma vez que, muitos moradores, alunos e comunidade escolar vivenciam alguns eventos com caracteres do urbano/moderno, em lócus.

Um aspecto percebido ao longo do percurso é que os processos de diferenciação social no interior das comunidades, a expropriação de pequenos produtores por conta de uma política de modernização conservadora, que privilegia grandes propriedades rurais. O que vem tornando cada vez mais dificultoso a lida no campo, mesmo que os produtores sejam de pequeno porte, como é o caso. Essas dificuldades também são atreladas, ao pouco envolvimento dos proprietários rurais, na luta pela melhoria no campo, a falta de mão-de-obra especializada para as atividades campesinas, nos moldes atuais e o desinteresse do trabalhador em permanecer na atividade, já que tem pressa em receber o seu seguro desemprego. Aliás, agora isso poderá quem sabe diminuir com as novas regras, impostas pelo governo. O que me faz lembrar uma fala desse depoente e seu semblante de satisfação, *“agora até que enfim, o governo faz uma coisa boa”* Conforme esse primeiro depoimento.

Outra descoberta é que alguns moradores proprietários não sobrevivem apenas da produção rural. Eles têm apenas como complemento alimentar. Percebe-se isso nos depoimentos 2º, 3 e 4º. Mas que de certa forma, pode-se dar um sentido de identidade ao lugar, já que nos três casos, seus proprietários são pessoas humildes, que residem no espaço há mais de duas décadas. E dizem não quererem sair desse lugar. O sentimento de apego é apregoado quando falam “aqui”. Dando-nos a ideia de uma forte relação de experiência e amor.

1º “Quanto a economia do local, a gente tem corrido atrás pra ver se a gente desenvolve. Mas a gente não tem conseguido muita coisa assim, porque os proprietários da região ainda são “domingueiros” [...] são funcionários públicos, do Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, médicos, etc., os adquirentes das chácaras na região. O plano é servir o cinturão verde, a produção de horticultura para manter uma Brasília sustentável, trabalhando na zona rural. A produção rural

hoje melhorou bastante aqui. Junto a EMATER, temos pensado o que fazer, para manter uma Brasília sustentável. [...] quem vem pra cá, vem a procura de emprego, e nem sempre sabe fazer o trabalho, a mão de obra é rudimentar. O seguro desemprego gera instabilidade do funcionário.” (C3/sic)

2º “Aqui eu pranto mio, feijão, faço minhas hortinhas, cri minhas galinhas” (C4/sic)

3º “Eu produzo pra mim e pra minha famia mesmo” (C1/sic)

4º “Na chácara a gente cria algumas galinhas, o lugar é pequeno, não plantamos” (C12, sic)

5º “Aqui na área rural é o maior sussego, de madrugada é só barulho de passarinho. [...]A EMATER da assistência pra gente aqui. A gente tem de tudo um pouco.Horta-raiz.Tiramo o sustento da terra. Fornecemos para o comércio em Planaltina. E vamos fazer uma agroindústria (já em construção). Trabalhamos como orgânico. Meu terreno está passando por um processo de limpeza química de outros anos. [...] A gente tá numa boua! Com 10 minutos de carro, a gente tá numa cidade e na outra.” (C7/sic/2015)

Abaixo deixam-se figuras que retratam a organização das atividades econômicas e produtivas que sustentam a identidade e ressignificam a relação com o ambiente natural e sociabiliza, numa perspectiva ecológica ou de conservação ambiental, da nossa participante e moradora do Jardim Morumbi.



Figura 23 - Produtora do Jardim Morumbi, orgulhosa da produção e dos certificados. Fonte:Professora-pesquisadora/2015

Por esse viés de análise na representação desse caso, como referência entre outros casos de preocupação ambiental e também a relação rural/urbano, fica bem claro nos registros, que há um imbricamento nas relações campo/cidade. A comercialização dos produtos para restaurantes e supermercados dão deixas desse entrosamento. O que é afirmado, “Enquanto as relações entre o mundo rural e urbano são complementares, o camponês integra-se a sociedade global conservando seu estilo de vida” (QUEIROZ, 1973 apud BRANDENBURG, 2010, p.421).

Embora de modo geral, o rural possa ser caracterizado como precário estruturalmente em relação ao mundo urbano, as condições de vida dos camponês tradicional, não são necessariamente inferiores as do trabalhador urbano.

As unidades de produção que antes eram familiar e voltadas para a subsistência agora é também direcionada para o mercado, e seus produtores precisam se adequar às exigências do comércio e da população que consome, o que é evidenciado no discurso: *“Fornecemos para o comércio em Planaltina. E vamos fazer uma agroindústria (já em construção). Trabalhamos como orgânico”*.

Enquanto isso observamos aqueles que não conseguem muito acompanhar o ritmo do mercado devido a muita burocracia do Estado, quando o negócio é um empréstimo para investimento em equipamentos modernos para melhorar e qualificar a sua produção e poder atender os centros urbanos; e quiçá fornecer para as escolas da redondeza a sua produção em forma de lanche, e ao mesmo tempo gerar renda e desenvolvimento na comunidade. Sobre isso ouvir de um produtor, quando lhe falei da proposta da Educação do e no campo:

“Ah professora! Penso que é muito difícil, aqui a gente conseguir fornecer a produção para o lanche escolar, o governo é muito exigente com o selo de qualidade, mas quando a gente tenta fazer um empréstimo não consegue já tentei por várias vezes”. (C3/sic).

São situações que às vezes, não condizem com uma proposição de Educação que atinja a realidade do homem do campo. É o que sempre vemos, o discurso é um e a prática é outra. E nessa conversa informal com esse depoente, tentei animá-lo, já que somos aqueles sujeitos envolvidos dentro das metas estratégicas da Educação do campo no País e no Distrito Federal.

Nessa propriedade da qual faz-se o relato, existe a produção de hortaliças que são vendidas na Ceasa em Brasília e em alguns comércios em Planaltina DF, além de já ter sido palco de uma granja. Hoje quase desativada por falta de apoio governamental, ficando restrita a penas algumas vendas de frango para a comunidade. Embora, o proprietário já esteja com uma instalação de maquinários para a manufatura da produção de couve. Conforme fotográficos, feitos durante a pesquisa de campo.



Figura 24 - Produtor do Vale Verde investe em tecnologia, para processar a couve e comercializar. Fonte: Professora-pesquisadora/2015

A realidade dessa comunidade nos parece bem dentro dos contextos de outras, que vem enfrentando os desafios das transformações ocorridas no mundo, país, e nas localidades regionais.

No trabalho de análise dos dados coletados durante a pesquisa de campo, detectou-se que muitos indivíduos repetem os mesmos discursos como nas e epígrafes que deram entradas ao assunto, que justifica a sua estadia no lugar por ele ser: “*calmo, tranquilo*” nessas falas sugere que morar na área rural ainda expressa, uma melhor qualidade de vida. Já que o stress do dia a dia do trabalho na cidade como realidade de alguns moradores, pode ser compensado por esses espaços.

ALVES (2013) faz uso da visão de Graziano para a seguinte explicação:

[...] está cada vez mais difícil delimitar o que é rural e o que é urbano. Mas isso que aparentemente poderia ser relevante, não o é: a diferença entre o rural e o urbano é cada vez menos importante. Pode-se dizer que o rural hoje só pode ser entendido como um *continuum* do urbano do ponto de vista do espacial; e do ponto de vista da organização da atividade econômica, as cidades não podem ser mais identificadas apenas com a atividade industrial, nem os campos com a agricultura e a pecuária”. (GRAZIANO, 2002 apud ALVES, 2013, p.32)

Essa menção vai em direção a esse discurso:

“As características daqui, é diferente das demais, os proprietários são poucos os que moram aqui. Os caseiros passam um tempo e vão embora, não tem raiz [...] ela tá perto das cidades, que influencia muito.” (C14/sic)

Neste sentido, a comunidade alvo deste trabalho passa por um processo de atração campo cidade, cidade campo.

A proximidade da região com duas cidades (Planaltina DF e Planaltina GO), parece explicar a especificidade local. “[...] *A gente tá numa boua! Com 10 minutos de carro, a gente tá numa cidade e na outra.*” (C7/sic)

Que de acordo com várias percepções é um rural mesclado de urbano. Na mesma direção de Cavalcanti, Filizola (2009, p. 112) afirma que a dialética entre o local e o global valoriza a ideia e a vivência dos lugares cria identidades territoriais, fortalece o sentimento de pertencimento a algo que nos pertence e reforça o sentido de lugar enquanto espaço de resistência aos mecanismos perversos da globalização.

Para Bittencourt (2004), a constituição de identidades associa-se à formação da cidadania, problema essencial na atualidade, ao se levar em conta as finalidades educacionais mais amplas e o papel da escola em particular.

Na ótica de Tuan (1983), o lugar é marcado por três palavras-chave: percepção, experiência e valores. Os lugares guardam e são núcleos de valor, por isso eles podem ser totalmente apreendidos através de uma experiência total englobando relações íntimas, próprias (insider) e relações externas (outsider). O autor supracitado distingue espaço e lugar: enquanto o espaço pode transformar-se em lugar, à medida em que se atribui a ele valor e significação; o lugar não pode ser compreendido sem ser ‘experenciado’ *Na cidade é muito violento né? A gente tem criança né? É difícil né? Em chácara não, né? É mais tranquilo. Se em chácara dá trabalho, imagina na cidade!?*”.

De acordo com Brandenburg (2010), na modernidade avançada do rural em reconstrução, a natureza é parceira e parte integrante das relações sociais. O rural ecologizado é um projeto advindo do cotidiano, do mundo da vida dos agricultores preocupados com a questão ambiental, se tornaram atores ecológicos.

*“Meu terreno está passando por um processo de limpeza química de outros anos. Trabalhamos como orgânico. [...] O plano é servir o **cinturão verde**, a produção de horticultura para manter uma Brasília sustentável, trabalhando na zona rural. A produção rural hoje melhora bastante aqui. Junto a EMATER, temos pensado o que fazer, para manter uma Brasília sustentável”.* (Sic-C3/2015)

Na comunidade encontram-se os saberes populares também nas plantas medicinais, que são utilizadas como remédio para a população. Passados de geração em geração, esses *saberes* estão em permanente transformação. E sua prática confere o sentimento de identidade e pertencimento às comunidades e grupos sociais. Essa riqueza *cultural* é vista nas realizações de uma moradora da comunidade Jardim Morumbi, carinhosamente chamada de

dona Leninha. Aliás, muitas mulheres a procuram para comprar garrafadas para engravidar, não apenas da comunidade, mas de outros locais.



Figura 25 - Dona Leninha e seus (remédios caseiros). E os cursos (SENAR) para aproveitamento rural. Fonte: Professora-pesquisadora/2015.



Figura 26- O letramento jurídico e de cidadania: comunidade quer o asfalto. Fonte: ex-aluna e moradora da comunidade/2015

Nota-se que espaço rural é diferenciado e têm muitos atores, ele não é homogêneo. E que o rural brasileiro é o rural do diverso e é esse o rural socioambiental. No caso da comunidade foco do nosso estudo, o povo luta para que os traços do urbano cheguem até Eles. Observa-se pelo registro da foto acima, em que a comunidade reivindica o asfalto da DF 131.



Figura 27 - O uso do celular e as redes sociais (*Whatsapp* e *Facebook*) na comunicação dos moradores.

Percebe-se que há por parte dos moradores um (multi) letramento político e tecnológico, à medida que utilizam a sua força de organização coletiva, para reivindicar o que é bom para essa comunidade. Aliás, esse movimento é fruto de arranjos políticos na região. Conforme participação da pesquisadora em uma reunião na comunidade citada, para tratar justamente desse assunto. Lá estavam presentes um ex-deputado, a associação de moradores e comunidade. Portanto há uma troca de favores, entre políticos e comunidade.

É perceptível ainda, que as manifestações ocorridas no Brasil, refletem em outros lugares. Mesmo sendo ele bem pequeno, como a comunidade do Monjolo. Torna-se relevante, dizer que os *multiletramentos* fizeram parte nesse movimento. Pois muitos dos alunos têm acesso aos dispositivos multimidiáticos, para interagir e obter acesso às informações e comunicar as pessoas. Inclusive a foto acima é fruto de uma postagem no *whastapp*, feita por uma moradora e ex-aluna. E assim ela escreve na mensagem: “olha *professora*, a nossa briga pelo asfalto.

Outra moradora e mãe de aluno se manifesta com indignação e desabafo junto aos amigos virtuais quanto às promessas de políticos junto à comunidade, em época de eleição, e depois não cumprem com o prometido. E esse sentimento é expresso no facebook, conforme figura 27. O que se nota aí é um grande letramento, por quem se diz “*esquecida e cansada*” de tantas conversas de políticos, que não têm interesse pela sua comunidade em virtude da quantidade de votos que ali têm. Essa fala foi me dirigida pela moradora por telefone, o que tornou possível a sua permissão para utilizar seus dados neste trabalho.

Para Helena Callai (2004, p.2), este é um espaço construído como resultado da vida das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam, como se manifestam e como fazem/usufruem do lazer. É portanto cheio de história, de marcas que trazem em si um pouco de cada um. Percebe-se nessa menção que é no dia a dia da vivência que as coisas vão acontecendo, configurando o espaço e dando feição ao lugar. E nesse espaço vivido de experiências renovadas é que esses habitantes conseguem driblar as lutas e desafios do seu cotidiano.

Portanto, o mundo da vida (os diversos letramentos locais) precisa entrar na escola, para que ela seja viva, e acolha os seus estudantes e possa dar-lhes meios para o desenvolvimento crítico e ampliação de percepção de mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para iniciar esta conclusão de pesquisa, vale citar um trecho que marcou a memória da professora–pesquisadora, “*Aqui é o único lugar rural do DF, que é regularizado (escriturado)*” essa fala foi recorrente nos depoimentos dos moradores da comunidade do Núcleo Rural Jardim Morumbi. Cabe frisar que praticamente 100% dos entrevistados locais mencionaram esse assunto com uma entonação pautada por um sentimento de “*orgulho*”, e por estarem com a situação fundiária regularizada e todos se considerarem “estar dentro da Lei”.

Conhecer mais os diversos “*lugares*” da comunidade escolar e seu entorno, facilitou compreender e apoiar o *ser humano (estudante)*, que se encontra dentro do espaço escolar. Nessa perspectiva, pensando no lugar definido por Callai, que a escola e o professor, podem exercitar a sua *pedagogia de letramento*.

Lugar é onde vivemos, moramos, trabalhamos, enfim, onde acontece nossa vida. Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são o resultado da vida em sociedade, dos homens na busca pela sobrevivência e pela satisfação de suas necessidades, significa “estudar o lugar para compreender o mundo” (CALLAI, 2002).

Esta pesquisa apresenta muitas descobertas e também muitos desafios. Um dos primeiros desafios foi a tentativa de colocar no papel tantas histórias contadas e recontadas pelos participantes deste estudo. O que não foi possível devido a limitação acadêmica e temporal. Neste contexto, aconteceram coisas muito boas, como a oportunidade de entrar em diversos espaços da comunidade e conhecer aquilo que até então só ouvia dizer. As ruas das chácaras, o caminho que leva os meus alunos até as suas casas. Cada pedaço de chão percorrido trazia-me a realidade de como era aquela comunidade. Quais eram as suas dificuldades, mas também quanta sabedoria aqueles moradores demonstravam ter.

Em uma comunidade rural, como o lugar da vida cotidiana, da relação de vizinhança, da identidade e das formas de solidariedade religiosa possibilita entender a relação dialógica do tradicional e do moderno. A adaptação e a substituição de antigos comportamentos, atividades e costumes, como o uso do telefone, do carro, dos eletrodomésticos e dos automóveis, são alguns dos símbolos de transformações recentes vividas pelos moradores da comunidade.

Nesta pesquisa o tema foi: *O letramento histórico-socioambiental, no estudo do lugar, pelo viés da história memória, para uma re(construção) da identidade e pertencimento*, o apoio nos teóricos, Rojo, Sasaki, Callai, Tuan e Alves que trabalham com essa temática, além da compreensão do papel da escola e do professor na ressignificação do espaço/lugar.

O trabalho trouxe como resposta que: A escola apesar de tantas modificações em sua modalidade de atendimento, continua com mesma estrutura física, o que tem trazido prejuízos aos alunos, uma vez que, ela não conta com o mínimo, como por exemplo, uma biblioteca, para que o letramento seja melhor explorado em suas múltiplas faces. Se falar da escola em sua origem, ela teve relevante transformação. Mas se situar na realidade, ela é caótica. No que diz respeito a Educação do/no Campo, ela está a passos de tartaruga. Os conteúdos trabalhados são de um currículo que não atende a proposta da Educação do Campo uma vez que o mesmo não foi construído considerando a realidade local. As ações, nesse sentido, são pulverizadas. Além disso, a percepção tanto dos alunos quanto dos professores é de uma formação para exercer o trabalho na cidade. Embora, nossos estudantes digam gostar de onde sua escola insere, e não se sentir diminuído em relação às escolas da cidade. Demonstrando aí certo grau de afetividade para com o seu espaço.

Nota-se que embora hajam tantos desencontros, alunos, professores, servidores, pais e comunidade geral, aprovam a instituição escolar. Sentindo-se bem acolhidos por ela.

Na perspectiva do trabalho pedagógico, percebe-se a necessidade urgente de novos paradigmas. A escola não pode fechar os “olhos” para a sua realidade ambiental. Questões de meio ambiente como o lixo na comunidade, cachoeira do Morumbi, as nascentes d’água no Vale Verde etc., são sugestivos de trabalhos com projetos interdisciplinares, para desenvolver novas aprendizagens. Papel que a escola e professor devem assumir com afinco. Exemplo disto é a mobilização em que a comunidade escolar se encontra em prol da resolução do problema do lixo, atividade desencadeada pela sensibilização promovida na escola pela realização da presente pesquisa.

Em relação aos espaços onde ocorrem *as práticas sociais de letramentos*, pode-se afirmar que eles vêm carregados de história e recheados de significados. Cada ambiente, tem uma história. A capela Nossa Senhora Rosa Mística, onde ocorre o letramento religioso, é um espaço de solidariedade entre os membros. Ela traz também a *mudança*, é uma *construção nova*, mas *antiga no imaginário* de muitos moradores.

As associações locais, órgãos representativos legítimos, precisam se unir mais à escola, para que juntos possam conseguir as benfeitorias para essa comunidade, que tanto cobra melhorias como: ampliação da escola, limpeza das estradas, asfalto, eletricidade, praças

de lazer, agentes de saúde e transporte para a comunidade, já que não contam mais com o ônibus. Uma comunidade precisa estar sintonizada com seus representantes.

O novo veio e trouxe com ele, novas esperanças: O mercado Morumbi, o asfalto da DF 205, modernidade e a tecnologia com o uso do celular e a internet. E com toda essa novidade, os multiletramentos estão a todo vapor, na vida dos estudantes e da comunidade. São eventos que mudam as estruturas. E a escola precisa acompanhar essas mudanças. O que é mostrado na narrativa da professora que fala da sua percepção quando à escola chegou, comparando-a com o momento, para compreendermos a realidade que temos:



Figura 28 - Evento na ESCOLINHA embaixo do pé de Sucupira. Fonte: Professora Vera/1994

“Alunos tranquilos, carentes quase todos moravam nos arredores da escola, outros tinham que andar muitos km para chegar até a escola. [...] Eu pegava o ônibus para Planaltina GO e descia numa parada perto, porém tinha que andar 1 km de terra levando poeira e chuva na cara e nos ombros, para chegar à escola. A escola era pequena, mas muito aconchegante. Fazíamos as festas debaixo de um pé de sucupira. Eram ótimas as festas. Toda a comunidade participava. Tínhamos muitas dificuldades, mas era muito gratificante. O grupo era muito unido. Depois de algum tempo, construiu-se uma nova escola, com toda a estrutura e a antiga foi demolida. O número de alunos aumentou com as novas salas. Tivemos mais recursos para trabalharmos. Com a chegada do asfalto, até a nossa escola, tudo melhorou não pegávamos mais poeira[...] Foi um choque quando sai... sofri muito, sentia muitas saudades dos colegas de trabalho, éramos uma família”. (Prof.^a Elaile/ narrativa de memória/2015)

A questão da memória impõe-se por ser base da identidade, e é pela memória que se chega à história local. Além da memória das pessoas, escrita ou recuperada pela oralidade, existem “lugares da memória”, expressos por monumentos, praças, edifícios públicos ou privados, mas preservados como patrimônio histórico. Os vestígios do passado de todo e qualquer lugar, de pessoas e de coisas, de paisagens naturais ou construídas tornam-se objetos de estudo, logo, objetos de letramento.

Nessa perspectiva fez-se um diálogo com os nossos referenciais teóricos no campo da Geografia Humanística e fenomenológica, da História memória e da pedagogia dos multi (letramentos) que subsidiaram essa pesquisa.

Ao trazer para essa investigação lugares que representam espaços vividos (escola, cachoeira, comércios, igreja, placas, faixas, letreiros e narrativas) buscou-se ressignificar tais espaços pelo *multi (letramento) ambiental*.

As saídas a campo proporcionaram aos alunos e aos envolvidos na pesquisa, um novo jeito de aprender e compreender o meio no qual estamos inseridos. As conversas informais nas quais a pesquisadora/professora tecia com os alunos os levaram a valorizar a memória dos moradores e professores antigos. Tal fato, despertou a curiosidade e o gosto de muitos para a pesquisa. Na fala a seguir, nota-se o quanto o aluno se sente valorizado ao ver que seu lugar/realidade, foi alvo de conhecimento.

“É, o que mais achei interessante não foi nem a gente sair, foi que a professora interessou pela nossa região, os outros professores não né, vem e dão sua aula e vão embora.” (Sic/ relato 8ª A /Passeio –Leitura /2015)

Algumas alunas (mais que os alunos) não mediram esforços para entrevistar, relatar, fotografar e registrar as diversas etapas em que se deu esta pesquisa. Outro aspecto relevante foi o entusiasmo da comunidade escolar ao saber que a professora/pesquisadora estava fazendo um trabalho em que elegeu a comunidade na qual trabalha, para ser objeto de estudo.

No que diz respeito à *cachoeira*, que sempre foi um lugar que por muito tempo, serviu de espaço de lazer para todos, até a presente data continua fechada, e sob o comando de um proprietário. Apenas alguns moradores ainda se aventuram ir ao local. Só que agora o acesso está interdito à comunidade. Um grande prejuízo.

“Não concordo que tenha uma só dono, a cachoeira é de todo mundo, o rio, a água não tem dono, acho que todo mundo pode chegar a beira d’água”

“Penso que não devia estar cercada. Não pode ter um dono só. O dono somos nós da nação”

“Conheci a cachoeira quando no momento da venda o corretor me levou na cachoeira pra mostrar a área destinada pra preservação e para lazer da comunidade”⁶

Conforme Pires (2010, p.114) é necessário convergir a discussão do espaço juntamente com os sujeitos, organizações e lideranças comunitárias para serem protagonistas na construção de uma gestão horizontalizada [...] Suas consciências de mundo revelam o

6 - Depoimentos concedidos à equipe do projeto: Educação e Pesquisa Ambiental Participante: uma comunidade em defesa de sua cachoeira, coordenado pelo professor Carlos Hiroo Saito (UnB).

sentimento de pertencimento espacial e a significação dada aos sujeitos e objetos defrontados ou não.

O que nos faz recorrer a Tuan (1999, apud NOGUEIRA, 2004) para a definição de localização, para ele é:

O lugar tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto “especial” que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e as aspirações das pessoas. Os homens não se movem num lugar abstrato e sim num lugar que é concreto e pessoal. O lugar não é um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado (TUAN, 1999 apud NOGUEIRA, 2004, p. 85).

E é com a perspectiva de dar significados à cachoeira, numa história frustrada, que os moradores através de seus representantes, recorreram à Justiça, para poder voltar a usufruírem daquele “lugar” tão desejado por todos.

Na fala de Nogueira (2001),

Ao ser retirado do lugar, o homem sente-se exilado, deslocado, desorientado. O retorno ao seu lugar para muitos significa o retorno à vida, assim um lugar é sempre um onde particular, delimitado com uma identidade própria construída ao longo de um tempo. Essa identidade é partilhada, muito estreitamente com os sujeitos que nele vivem e o experienciam (NOGUEIRA, 2001).

Os discursos demonstram o descontentamento dos moradores e demais proprietários em relação ao monopólio de um espaço, que era de coletivo.

“É uma agressão à natureza, ao que a natureza pode oferecer para nós. Uma área como aquela tem que ser pública e aquilo ali não pode ser de ninguém, seria igual cercar as praias do Rio de Janeiro. Não temos praias, mas temos cursos d’água, cachoeira, poções que a gente toma banho e não pode de forma alguma ser privado.”

Infere-se: o “depoente” se sente agredido e não necessariamente percebe a natureza agredida. O que se pode observar é que os moradores e proprietários não se conformam pela perda do “espaço”, que a eles pertencem e com ele se identificam. Inclusive os nossos alunos, que hoje se manifestam contrários a tal decisão.

De acordo com (RELPH apud MOREIRA e HESPANHOL, 2007, p.52), “a relação do indivíduo e a comunidade com o seu lugar permite e reforça a identidade destes, mesmo com as modificações introduzidas”. Nesse aspecto quando essa comunidade se une em busca de reivindicar um espaço, a ela negado, demonstra que há um sentimento de pertença.

Esse sentimento ficou registrado na revista Educação Ambiental (2009, p.21), período em que a escola participou do projeto Reeditor Ambiental, Junto à Estação Ecológica de

Águas Emendadas, com tema: *O cerrado e o seu uso sustentável*, (6º ao 9º ano) pelas professoras, Vera Lúcia (Geografia) e Ziziléia (Ciências), onde as *práticas sociais de letramentos* estiveram presentes conforme essa fala:

“Na pesquisa vimos que algumas coisas pessoas tem horta. E nas hortas algumas usam produtos caseiros ou químicos. E uma coisa importante é a nossa saúde. Eu vi que as pessoas plantam e consomem seu próprio alimento, isso é muito bom, porque a maioria dos produtos que nós compramos estão contaminados. Por isso temos que aprender a reagir, a plantar, produzir nosso próprio alimento.” (Revista Educação Ambiental, Jéssica dos Santos Xavier CED-Bacchin 5ª série A/2009, p.21)

Conforme Rojo (2009),

O letramento busca recobrir os usos e práticas sociais da linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam elas valorizadas ou não valorizadas, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola, etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural (ROJO, 2009, p 11).

Paulo Freire (1998), já esclarecia que era necessário, um processo de libertação das comunidades, que não pode ser cedido por quem está fora, mas deve ser vivido pelos seus participantes, que se libertam através da sua prática e reflexão sobre a realidade.

De posse das afirmações de Rojo e Freire, pode-se dizer que por meio de um diálogo multicultural, e lançando mão de letramentos multissemióticos, os sujeitos desta pesquisa revelaram-se agentes de *letramentos diversos e guardiães da memória*. Aliás, os elementos que permearam a construção das narrativas, como: *“o contar, o como e o porquê”*, deixou a pesquisadora e os participantes (estudantes) bastante encantados.

Acreditando em novos rumos para a escola, a professora-pesquisadora propõe como metodologia, o trabalho com a pesquisa, a temática deve ser o cotidiano, o letramento e as práticas sociais do aluno e da comunidade, pois com isso, o aluno pode adquirir competência para analisar, compreender, produzir, interpretar, aprender, conhecer e valorizar o seu ambiente, palavras confirmadas por Callai,

As possibilidades de trabalho com a pesquisa são inúmeras, inclusive envolvendo os pais, os vários familiares, os líderes locais, enfim, dando a palavra a qualquer pessoa da comunidade que tenha interesse em contribuir com a escola. Pode-se trabalhar a partir da aula de geografia ou tendo-a como parceira num trabalho interdisciplinar, a partir de diversas atividades que lhe são específicas e que exigem, inclusive, uma alfabetização cartográfica, a ser desenvolvida desde as séries iniciais. (CALLAI, 2010, p.39)

Percebe-se por parte de alguns alunos, agora, o despertar (gosto) pela pesquisa histórico-geográfica e um grande aprendizado no enfrentamento dos desafios no campo da pesquisa. Então o fazer junto, ajudou os alunos a serem protagonistas e terem iniciativa.

Enfatiza-se que, a escola não deve ficar simplesmente cumprindo conteúdos curriculares, mas desenvolvendo atividades que tornem o sujeito capaz de conhecer para mudar. E, principalmente, encontrar os caminhos para mudar. Estamos vivendo num mundo que precisa ser conhecido e compreendido, não pelo lugar em si, mas pelo conjunto no qual ele se contextualiza.

[...] Um contexto humano de vida e de partilha da vida que nós construímos através de nosso trabalho partilhado. Um modo humano de vivermos juntos ao qual damos o nome de sociedade humana. Um vivermos juntos em comunidades em que compartilhamos conhecimentos e valores, princípios de vida e visões de mundo, regras de convivência, poemas e preces, cantos e culinárias. E as teias e tramas em que entretecemos tudo isto para criarmos uma cultura: a nossa maneira de vivermos no nosso Mundo (BRANDÃO 2005, p.27).

E foi dentro desse contexto, de partilha, de conhecimentos e saberes, que a resignificação entrou em cena, por intermédio desta pesquisa. Expressão de admiração, discurso de gratidão, ficaram evidentes nas afirmações de pais, estudantes, profissionais de educação, moradores, proprietários e lideranças comunitárias *“Que legal professora! Isso é muito importante pra comunidade! Nossa que bom! Só assim alguém lembra da gente! Soma-se aqui, a ampliação das práticas letradas dos estudantes. Por tudo isso, posso dizer: Valeu a pena essa empreitada.*

Pretendeu-se por meio deste trabalho fazer uma análise histórico-socioambiental, com vistas a percepção da memória, do letramento ambiental e do sentimento de identidade e pertencimento da comunidade escolar do CED-Osório Bacchin e entorno. E ainda compreender o papel da escola e do professor, na resignificação do espaço/lugar. Para isso, identificou-se as mudanças e permanências no espaço geográfico/cultural, descobriu-se a contribuição das associações comunitárias locais, para re(construção) do sentimento identitário e pertença e o letramento ambiental e verificou-se algumas práticas sociais e eventos de letramentos.

Evidenciou-se muitas mudanças nos espaços pesquisados tanto na parte geográfica, quanto na cultural. Dentre elas estão: a cachoeira, a escola, o asfalto, o comércio, os moradores, os hábitos e costumes.

No que tange as associações locais, torna-se necessário um maior entrosamento com a escola e comunidade, ou seja, a parceria tem que ser fortalecida. O que pode trazer maior

benefício para a comunidade geral. Quanto ao letramento e ao vínculo identitário e pertença, é perceptível mesmo que, de forma embrionária e tímida, essas entidades dão sua contribuição. Mas delas espera-se mais envolvimento com os sonhos do seu povo, que por elas sentem-se representados. Embora alguns desconhecem e não identificam com elas. Mas sabem e reconhecem sua importância para a comunidade.

Verificou-se que as práticas e eventos de letramentos, estão presentes na comunidade por meio de placas, letreiros, eventos religiosos, questão ambiental e cultural, sonhos, semióforos, etc.

Os objetivos propostos foram alcançados, à medida que os resultados dão mostras, aliás bem além do esperado, uma vez que esta pesquisa desencadeou projetos e sonhos que terão continuidade no âmbito escolar e na comunidade, após o seu término (pesquisa).

E para aqueles (as) que almejam ampliar conhecimento, postula-se que há um campo vasto para pesquisa in lócus.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, Eliana Maria Sarreta. 2013. **O Trabalhador e as Exigências Letradas na Área Rural**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

ARROYO, M. G.; FERNANDES, B. M. **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**, vol. 2. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História. Fundamentos e Métodos**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

BORTONE, M. E. Letramentos e competências: construindo novos paradigmas na escola. **Entreletras**, Araguaia-TO, v.3, n. 2, p.192-203, ago./dez., 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos**: Escritos para conhecer, pensar e praticar o Município Educador Sustentável. Brasília: MMA, Programa Nacional de Educação Ambiental, 2005.

BRANDENBURG, A. Do Rural Tradicional ao Rural Socioambiental. **Ambiente & Sociedade**. Campinas, v. XVII, n. 2, 2010, p.443-454.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF, 1997.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB de 3 de Abril de 2002**. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília, DF, 2002.

_____. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Como criar e administrar associações de produtores rurais**: manual de orientação. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Defesa Agropecuária. 6. ed. Brasília: MAPA/ACS, 2009.

_____. Presidência da República. **Decreto nº 7.352**, de 4 de novembro de 2010. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. Brasília, DF, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm. Acessado em: 15/01/2015.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Indicadores sociais municipais**: uma análise dos resultados do universo do Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro: s/n, 2011.

BRASÍLIA. **Memorando nº 71/2009**. Diretoria de Organização do Sistema de Ensino da Secretaria de Educação DF.

BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLLETI, Antônio. **Perspectiva da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

CADERNOS AFT. Entrevista a Roxane Rojo. **Educação no Século XXI**, Multiletramentos. São Paulo: Fundação Telefônica, 2013, v.3, Entrevista Rojo, p.07-10.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para estudar o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia, práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2002, p.83-134.

_____. O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e do pertencimento. In: Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 8., 2004, Coimbra. **Anais...** Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2004.

_____. Escola, cotidiano e lugar. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica. Geografia: Ensino Fundamental - **Coleção Explorando o Ensino**. Brasília, DF, v. 22, 2010.

CALISTO, C.S.; VARGAS, G. M. O Ambiente como Mundo Vivido - Uma abordagem do Espaço Segundo a Geografia Fenomenológica. In: Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade (ANPPAS), 3., 2006, Brasília, DF. **Anais...** Brasília, DF: 2006.

CAMPOS ALMEIDA, Ana Lúcia. **Letramentos**. Curso de Extensão: Mestrado em Letras. UNINCOR, Três Corações, 2010.

CAMPOS, Ana Paula. Eventos de letramentos no Taquaral: o papel das práticas de letramento na comunidade Quilombola do Taquaral de Três Corações. **MEMENTO – Revista do Mestrado em Letras - Linguagem, Cultura e Discurso**, v. 6, n. 1, jan-jul, 2015.

CARLOS, Ana Fani (Org.). **Ensaio de geografia contemporânea** – Milton Santos: obra revisitada. SP: Hucitec, 1996.

CARTÓRIO DE 1º OFÍCIO DE NOTAS. **Escritura Pública de Doação**. Brasília, DF, 1991.

CARTÓRIO DE 2º OFÍCIO. **Fundação da Associação do Monjolo**. Ata Livro 1, registrada em 20/12/1988, Brasília-DF, 1988.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 16 ed, 2010.

DINIZ, A. M. A.; BORGES, F. A. C.; BRANDÃO, V. S. Sentimento de Segurança da População Brasileira em Relação ao seu Domicílio, Bairro e Cidade. In: HEIDRICH, A. L.; COSTA, B. P.; PIRES, C. L. Z. (Org.). **Maneiras de ler: geografia e cultura** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013, v.1, p.173-184.

ESTATUTO SOCIAL DA ASSOCIAÇÃO RURAL E COMUNITARIA DO JARDIM MORUMBI. Brasília, 12 de setembro de 2005.

ESTATUTO SOCIAL DA ASSOCIAÇÃO RURAL DOS PRODUTORES DO VALE VERDE. Brasília, 03 de julho de 2010.

FIGUEIRA, C. A. R.; MIRANDA, L. C. G. **Educação Patrimonial no Ensino de História nos Anos Finais do Ensino Fundamental: conceitos e práticas**. São Paulo: Edições SM, 2012.

FILIZOLA, R. **Didática da Geografia: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação**. Curitiba: Base Editorial, 2009.

FÓRUM DISTRITAL DE EDUCAÇÃO. Portaria nº115 designa os integrantes do Fórum Distrital de Educação. **Diário Oficial do Distrito Federal n 153**, Brasília: 02/08/12.

FONSECA, F. O. **Águas Emendadas**. Brasília DF, 2008.

FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler**. Em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1981.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREITAS, L.C. **Crítica da Organização do trabalho pedagógico e da didática**. São Paulo: Papirus, 2006, p.82-114.

HOLZER, W. O lugar na geografia humanista. **Território**, v.4, n. 7, 1999, p.67-78.

KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, Mercado das Letras, 1995.

_____. **Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Campinas, UNICAMP/MEC, 2005

LEFF, E. **Saber Ambiental. Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder**. Petrópolis, RJ, Vozes/PNUMA, 2001. 343p.

LEITE, C. M. C. 2012. **O Lugar e a Construção da Identidade: os significados construídos por professores de Geografia do Ensino Fundamental**. Tese Doutorado Brasília: Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

MESQUITA FILHO, J. **Os desafios da Pesquisa**. Franca: UNESP, FHDSS, 2006, p. 63-75.

MOLINA, M. C.; FERNANDES, B. M. O Campo da Educação do Campo. In: MOLINA, M. C.; JESUS, S. M. A. (Org.). **Por Uma Educação do Campo**. v. 5. Brasília, DF: Articulação Nacional “Por uma Educação do Campo”, 2004.

MOREIRA, E.V.; HESPANHOL, R. A. O Lugar e o Rural: os bairros rurais no município de Presidente Prudente. **Revista Formação**, n. 14, v.2, 2007, p.48-60.

NITSCHER, L. B., KOZEL, S. Reflexões sobre uma abordagem fenomenológica do espaço vivido de famílias rurais relacionadas à atividade turística. **Revista Eletrônica Geografar**, Curitiba, v.1, n. 1, jul./dez.2006, p-52-61.

NOGUEIRA, A. R. B. 2001. **Percepção e Representação Gráficas: a “geograficidade” nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas**. Tese (Doutorado em Geografia Física). Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. FFLCH. São Paulo, 2001.

_____. Uma Interpretação Fenomenológica na Geografia. In SANTOS, A. A. D. e GALEANO, A. (Org.). **Geografia, Ciência do Complexus: Ensaio transdisciplinares**. Porto Alegre, Editora Brasil, Editora Sulina, 2004.

_____. A Geografia e a experiência do mundo. In: BOMFIM, P. R. A.; SOUSA NETO, M. F. (Org.). **Geografia e Pensamento geográfico no Brasil**. São Paulo, FFLCH-USP, GEOPO-USP. Editora Annablume, 2010.

_____. Lugar como a representação da existências. In: HEIDRICH, A. L.; COSTA, B. P.; PIRES, C. L. Z. (Org.). **Maneiras de ler: geografia e cultura** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013, v.1, p.83-89.

NORA, P. **Entre história e memória**. A problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo: PUC, vol.10, n. 10, p. 7-28, dez/1993.

OLIVEIRA, E. D.; TEDESCHI, L. A. Nos Caminhos da Memória nos Rastros da História: um diálogo possível. **Revista Rascunhos Culturais**, v. 2, n. 4, 2011.

PINHEIRO, M. S. D. **A concepção de educação do campo no cenário das políticas públicas da sociedade brasileira**. In: GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação do Campo. Disponível em: <<http://www.gepec.ufscar.br/textos-1/textos-educacao-do-campo/artigo-aconcepcao-de-educacao-do-campo/view>> Acesso em: 6 set. 2014.

PRESENÇA PEDAGÓGICA. **Da concepção à materialização da escola do campo**. Ed. 120, nov/dez, 2014, p.36-42.

RELPH, E. As bases da fenomenologia da Geografia. **Revista Geografia**, v.4, n.7, Rio Claro, São Paulo, SP. Abril 1979, p.1-25.

REVISTA EDUCAÇÃO AMBIENTAL. **Estação Ecológica de Águas Emendadas**. Edição anual, nov /2009.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

SASAKI, K. A contribuição da Geografia Humanística para a compreensão do conceito de lugar. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador - BA, n. 22, dez/2010, p.112-120.

SOARES, M. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, V. M. (Org.). **Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001**. 2 ed. São Paulo, Global, 2004.

_____. **Alfabetização e Letramento**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SOUZA, C. G. et al. As principais correntes do pensamento geográfico: uma breve discussão da categoria de análise lugar. Centro Científico Conhecer, **Enciclopédia Biosfera**, n. 7, 2009.

TFOUNI, L. V. **Letramento e Alfabetização**. 8 ed. São Paulo, Cortez, 2006.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1994.

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

_____. **Espaço: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

ANEXOS

ANEXO A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) Senhor(a)

Gostaríamos de convidá-lo a participar de nosso estudo **RESSIGNIFICANDO, LETRANDO E REENCANTANDO: À LUZ DA HISTÓRIA MEMÓRIA “IDENTIDADE E PERTENCIMENTO” NA COMUNIDADE ESCOLAR DO CED-OSÓRIO BACCHIN**, que tem como objetivo fazer uma análise histórico-socioambiental da comunidade escolar CED-Osório Bacchin, com vistas à percepção da “identidade e do pertencimento”. A pesquisa, utilizando a metodologia da pesquisa história oral, consistirá na realização de entrevistas, questionários, filmagens, fotografias, gravações, intervenção pedagógica) junto aos participantes do estudo e posterior análise dos dados. Será conduzida dessa forma, pois pretendemos compreender o sentimento de pertencimento e identidade da comunidade do CED-Osório Bacchin, esperando contribuir com fonte bibliográfica com a história local, resgatar a história memória e fazer com que a comunidade escolar se sinta valorizada e reencantada com o seu “espaço”. Trata-se de uma Monografia, desenvolvida por Rosária Rosa dos Santos Ramos e orientada pelo Prof. Ms. Cristiano Calisto, do curso de **Especialização Práticas de Letramentos e Interdisciplinaridade nos anos finais 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, da Universidade de Brasília (UnB)**. A qualquer momento da realização desse estudo qualquer participante/pesquisado ou o estabelecimento envolvido poderá receber os esclarecimentos adicionais que julgar necessários. Qualquer participante selecionado ou selecionada poderá recusar-se a participar ou retirar-se da pesquisa em qualquer fase da mesma, sem nenhum tipo de penalidade, constrangimento ou prejuízo aos mesmos. O sigilo das informações será preservado através de adequada codificação dos instrumentos de coleta de dados. Especificamente, nenhum nome, identificação de pessoas ou de locais interessa a esse estudo. Todos os registros efetuados no decorrer desta investigação serão usados para fins unicamente acadêmico-científicos e apresentados na forma de monografia, não sendo utilizados para qualquer fim comercial.

Em caso de concordância com as considerações expostas, solicitamos que assine este “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” no local indicado abaixo. Desde já agradecemos sua colaboração e nos comprometemos com a disponibilização à instituição dos resultados obtidos nesta pesquisa, tornando-os acessíveis a todos os participantes.

Eu, _____, assino o termo de consentimento, após esclarecimento e concordância com os objetivos e condições da realização da pesquisa **RESSIGNIFICANDO, LETRANDO E REENCANTANDO: À LUZ DA HISTÓRIA MEMÓRIA IDENTIDADE E PERTENCIMENTO NA COMUNIDADE ESCOLAR DO CED-OSÓRIO BACCHIN**, permitindo, também, que os resultados gerais deste estudo sejam divulgados sem, ou com a menção dos nomes dos pesquisados, desde que seja, marcado o item abaixo.

- a) Autorizo o uso de imagem e registro de fala ()
 b) Não autorizo o uso de minha imagem, somente o registro da fala ()

Planaltina, DF _____ de _____ de 2015.

 Assinatura do Pesquisado/da Pesquisada

 Rosária Rosa dos S. Ramos

 Cristiano de Souza Calisto (orientador)
 Universidade de Brasília - UnB

ANEXO B- QUESTIONÁRIO PARA O ALUNO/ 8ª SÉRIE

1- Qual é a associação rural e comunitária, com a qual você se identifica?

 Você ou alguém de sua família participa de alguma associação?

() Sim () Não

Qual? -----

2- Como você percebe a **Associação Rural e Comunitária** de sua comunidade?

() Boa

() Regular

() Ruim

() Não sei

3- Você acha importante uma **Associação Rural e Comunitária**?

a) () Sim b) () Não c) () Não sei

4- Você percebe alguma influência das **Associações Rurais e Comunitárias** na região da nossa escola?

a) () Sim b) () Não c) () Não sei

Qual? -----

5- Você tem conhecimento ou já ouviu falar de alguma contribuição dada à escola, digo ao CED- Osório Bacchin, por alguma das **Associações Rurais e Comunitárias** da região?

O quê? -----

a) () Sim b) () Não c) () Não sei

6- Você já participou de algum evento (festa, bingo, galinhada, feijoada, assembleia, reunião, cursos e etc,) feito em sua comunidade, pela **Associação Rural e Comunitária**?

a) () Sim b) () Não

De quê? -----

7- Através de quem ou onde, você fica sabendo dos eventos que tem em sua comunidade?

a) () Pela escola

b) () Pela Associação Rural e Comunitária

c) () Pelos vizinhos

d) () Não fico sabendo

e) () outros

8- Moro na comunidade:

() Palmeiras

() Bonsucesso

() Jardim Morumbi

() Monjolo

() Vale Verde

() Assentamento

() outros

QUESTÕES SOBRE A ESCOLA ENQUANTO “ ESPAÇO VIVIDO”.

9- Em relação à escola (CED-Osório Bacchin). Ela é:

ótima boa regular ruim

10- O lugar onde se localiza o CED-Osório Bacchin, na sua visão pode ser classificado como:

muito bom bom regular ruim

11- Quanto ao estado de conservação da sua escola pelos alunos, ele é:

ótimo muito bom regular ruim

12- Se você tivesse que sair da escola (CED-Osório Bacchin), você acharia:

muito bom bom ruim

13- Em relação ao “espaço escolar”, nele eu me sinto:

muito bem

bem

mais ou menos

mal

ANEXO C- QUESTIONÁRIO PARA FUNCIONÁRIOS DA EDUCAÇÃO DO CED-OSÓRIO BACCHIN

1-A região que você mora é rural ou urbana? -----

2- Na sua opinião a região urbana é mais importante que a rural? Por quê?

3- A distância que você percorre até à escola é de até:

20km 30 km mais de 30km menos de 30km

4- O tempo gasto na estrada (ida e volta) é de aproximadamente:

1 hora mais de uma hora menos de uma hora

3- Há quanto tempo trabalha na Instituição Escolar?

mais de 20 anos menos de 20 mais ou menos 1 ano

4- Que percepção você tem da escola, na qual trabalha?

ótima muito boa boa ruim

5- Você se identifica e se sente pertencente a ela?

muito pouco nada

6- Você trabalha em uma escola do campo (antiga zona rural). O motivo é:

Porque gosto e acho tranquilo.

Por falta de opção.

Porque me identifico com a vida no campo.

outros

7- Você sabe ou já ouviu falar da história da região, onde se insere a escola?

sim não um pouco gostaria de saber

8- Quanto à preservação histórico-socioambiental, qual é a sua visão em relação ao “espaço” físico/imaginário, da comunidade escolar?

tenho observado e percebo que é bem valorizado pela comunidade escolar.

tenho observado e percebo que não é valorizado pela comunidade escolar.

Não tenho observado, portanto não sei mencionar.

outros

9- Você conhece algum lugar na região onde a escola se encontra, ou no seu entorno que merece cuidado por parte dessa comunidade escolar, trazendo contribuição para todos?

sim não

10- Caso você não conheça, gostaria de conhecer?

Sim não

11- Na sua percepção o alunado da escola demonstra sentimento de “pertencimento e identidade” para com o “ espaço escolar e sua comunidade” ?

muito pouco nada outros

12- Em relação a comunidade escolar (pais, alunos, servidores, professores), como é a participação na escola, no que se refere aos projetos pedagógicos?

ótimo bom regular ruim

ANEXO D- ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PESQUISA COM MORADORES**ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PESQUISA COM MORADORES MAIS ANTIGOS DA REGIÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR DO CED-OSÓRIO BACCHIN/ HISTÓRIA MEMÓRIA**

- 1- Nome/ idade/ endereço
- 2- Há quanto tempo mora na comunidade? Veio de onde?
- 3- Sua família é proprietária das terras ou caseiro?
- 4- Você considera a região urbana ou rural?
- 5- Você sabe como surgiu esse lugar?
- 6- Com relação à prática cotidiana :como é essa comunidade? Quem são os moradores? Como vivem? E o que fazem?
- 7- Como você avalia a relação escola comunidade local?
- 8- Quais são as principais atividades socioeconômicas do lugar?
- 9- Em que a Associação contribuiu para o desenvolvimento da comunidade escolar?
- 10- Você é feliz morando nessa região? Você gostaria de se mudar? Para onde?

ANEXOS E- LUGARES ONDE A PESQUISADORA ESTEVE

Figura 1- Propriedade de seu Riquelme Vale Verde. Fonte: Professora-pesquisadora



Figura 2 - O comércio é feito em casa: propriedade no Vale Verde (C3)



Figura 3 - Propriedade no Jardim Morumbi- Trabalhadores: seu Tião e Eva Jardim Morumbi/ Fonte: Professora-pesquisadora abril de 2015



Figura 4- Assembleia na APROVALE em 11 de abril de 2015. Fonte: Professora-pesquisadora



Figura 5 - Residência de seu Enedino, antes da casa nova. Fonte: Professora-pesquisadora



Figura 6 - Nova residência de seu Enedino. Fonte: Professora-pesquisadora março/2015



Figura 7 - Seu Enedino com a filha e amiga- nossas alunas. Fonte:Professora-pesquisadora/2015



Figura 8 - Associação Rural e Comunitária do Jardim Morumbi. Fonte: Professora-pesquisadora

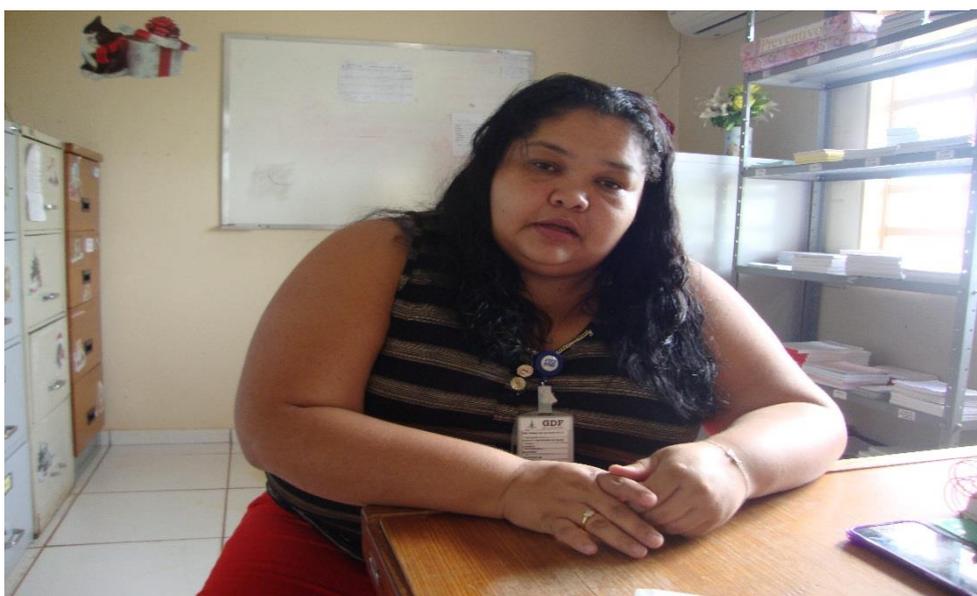


Figura 9 - Agente de saúde do Posto do Morumbi. Fonte: Professora-pesquisadora

ANEXO F- ALGUNS ENTREVISTADOS E A PESQUISADORA



ANEXO G- AS NARRATIVAS DAS PROFESSORAS ANTIGAS (MEMÓRIA) E A PERCEPÇÃO DAS NOVATAS NA ESCOLA



Alessandra Afonso

UEG- Universidade Estadual de Goiás
Licenciada em Química e Pedagogia
Pós Graduação em Química e Orientação Educacional
Pós em Química pela UFLA – Universidade Federal de Lavras
Pedagogia pelo IBE- Instituto Brasileiro de educação
Pós em Orientação Educacional pelo IMPAR.

Tenho 33 anos e trabalho há 2 meses na escola. Fui muito bem recepcionada pela escola. A comunidade eu ainda não pude conhecer pelo tempo na escola, só achei um pouco mais afastada de tudo quando comparada a uma escola urbana. Os alunos são um pouco mais tranquilos. Os colegas são muito mais comprometidos e companheiros. Os funcionários muito agradáveis, grande parte deles estão na escola há muito tempo. Quanto aos pais não tive oportunidade ainda de conhecê-los.

A escola tem muito potencial e o grupo é muito dedicado, só que é necessário que o governo invista no ambiente para melhorar o trabalho e a educação no geral. Falta biblioteca, uma sala de coordenação, uma quadra para os meninos. Há tanto para fazer e pouco interesse do governo para isso.

Um sonho: *Que a educação seja uma prioridade.*

Contando minha história na escolinha

Uma das primeiras professoras: **Tânia Regina M. Sousa Fernandes**- 47 anos

Cheguei em fevereiro de 1988 e sai fevereiro de 2006. No ano de 1987 trabalhei numa escola grande no Gama. Quando cheguei na escolinha, olhei deu vontade de voltar, era uma casa com 2 salas, uma cozinha e 1 banheiro interditado. Tínhamos que usar o mato. Quando chovia tínhamos que ficar encostados na parede, pois molhava tudo. Na época ainda tinha o turno da fome (três turnos). Nas turmas de 1ª séries frequentavam alunos de 7 até 14 anos. Quando iniciou havia apenas uma professora conhecida como “Responsável”, ela assumiu a parte administrativa e a pedagógica. Na época não havia servidora, a professora limpava a sala, fazia a merenda e também dava aula.

A água era tirada da cisterna, depois foi fornecida pela chácara de seu Domingos. Os alunos foram aumentando e foi cedido o espaço da associação do Jardim Morumbi para funcionar 2 salas e a cantina. O convívio com os pais era muito familiar, os professores e servidores iam almoçar e lanchar nas casas dos alunos. Nos anos de 93/94 funcionava o noturno na escola, e não tinha energia elétrica, mas até o ponto do ônibus era um breu, os alunos nos acompanhavam com lanternas. Nessa época tinha o cargo de apoio pedagógico (fazia de tudo desde os cuidados com a escola, vigias, até controle da secretaria (diários). Nesse mesmo ano foi liberado a construção da escola, para onde mudamos em 1995, surgindo o cargo de diretor, no qual assumi a vice direção. Trabalhei em 88, com a turma de 1ª série com alunos de idades diferentes e nos outros anos também, pois gostava de alfabetizar, os pais entregavam seus filhos e falavam “*tome conta professora, se precisar pode bater.*” Os colegas de trabalho eram como uma família, entrávamos em acordo quanto ao projeto escolar, forma de trabalhar e festas.

No início, confesso que tive vontade de voltar, depois fui me apegando aos alunos, aos pais e àquele aconchego de zona rural. Tenho mais saudade da convivência com os pais dos meus alunos na época, éramos como parentes. E não gostaria de lembrar de alguns conflitos, no qual em toda escola há, pois não somos todos iguais. Saí da escola no ano de 2006, por motivos pessoais e voltaria trabalhar na escola. Para meus ex-alunos, peço desculpas pelos erros que cometi e sei que fui muito importante em algum momento. E aos ex-colegas, lembro muito de momentos felizes e difíceis que enfrentamos juntos. Para quem está trabalhando lá até hoje, que faça com amor tudo que propor. Sou apaixonada pelo que faço então me sinto realizada profissionalmente.

Recordando-me de mais uma das nossas façanhas, nos anos de 90/91 levávamos os alunos para passear na cachoeira perto da escola, levávamos almoço feito na escola mesmo, íamos andando era uma farrá. ***Valeu muito a pena!***



As professoras Tânia e Elaile narrando sobre a história do lugar. Fonte: Professora-pesquisadora/maio de 2015

Elaile do Carmo Barreto Ribeiro Idade: 49 anos

Iniciei no dia 28/08/89.

Demorei 3 anos para passar no concurso. Quando passei foi a primeira escola que fui. Era pequena, só com três salas, casa discreta, com turmas misturadas. Mas fiquei muito feliz em iniciar.

O responsável da escola era um colega de sala e junto comigo foi uma amiga para chegar lá pegava o ônibus para Planaltina GO e descia numa parada perto, porém tinha que andar 1 km de terra levando poeira e chuva na cara e nos ombros.

As primeiras turmas que peguei eram de CBA. Alunos tranquilos, carentes quase todos moravam nos arredores da escola, outros tinham que andar muitos km para chegar até a escola. Saia cedo de casa e só voltava à tarde. Passava a maior parte do tempo na escola. Éramos uma família unida. Levávamos marmitas e algum tempo depois fazíamos as compras e pagávamos uma pessoa para cozinhar para nós. A escola era pequena, mas muito aconchegante. Fazíamos as festas de baixo de um pé de sucupira. Eram ótimas as festas. Toda a comunidade participava. Tínhamos muitas dificuldades, mas era muito gratificante. O grupo era muito unido. A comunidade escolar era muito aconchegante.

Depois de algum tempo, construiu-se uma nova escola, com toda a estrutura e a antiga foi demolida. O número de alunos aumentou com as novas salas. Tivemos mais recursos para trabalharmos. Com a chegada do asfalto até a nossa escola, tudo melhorou não pegávamos mais poeira. Logo comprei o meu fusca e tudo ficou mais fácil.

Alguns anos depois, ocupei o cargo de Vice –Diretora com o professor Elson (Diretor). E depois com a Solange (Diretora). Amava ir para a escola. Nunca tinha passado por minha cabeça sair. Aposentaria lá. Era maravilhoso trabalhar numa escola rural. Com o tempo as coisas foram mudando.

Casei, tive filhos e passava a maior parte do tempo na escola. Muitas vezes saia às 06hs da manhã e só voltava às 18hs. Marido reclamando... Quando engravidei do meu 2º filho, resolvemos que deveria vir para mais perto de casa ... foi um choque quando sai... sofri muito, sentia muita saudades dos colegas de trabalho, éramos uma família. Continuei a frequentar a escola, a participar das festas juninas, dos encerramentos, no final do ano. Até hoje temos algum contato e nossos filhos chamam de tia (os nossos amigos).

Sinto muita saudade daquela época... éramos uma grande família. Devemos amar o que fazemos. Tudo com amor, se torna mais fácil.

Nunca devemos desistirmos dos nossos sonhos. Vim de uma origem humilde e venci. Sou professora com muito orgulho! E abençoada... Pois quando sai desta escola, fui para o Centro de Ensino especial 01 e “amo” trabalhar com esses anjinhos...

Atualmente estou em processo de aposentadoria, aposento em julho e feliz por exercer esse ofício.



Pesquisadora e professoras Elaile e Tânia. Fonte: Professora-pesquisadora/maio 2015

Narrativa da professora Lidiane

Sou Lidiane Andrade, tenho 31 anos e há 10 anos sou professora. Atuei por 4 anos como regente em turmas de 1º ao 5º ano e há 6 anos atuo como professora de Artes Visuais.

Comecei lecionando no interior do Estado do Rio de Janeiro, nos municípios de Barra Mansa e Porto Real e há 2 anos faço parte da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

Neste ano de 2015, atuo pela primeira vez em uma comunidade rural, a comunidade de Bonsucesso, em Planaltina-DF.

Tenho observado que alguns alunos, moram na área urbana e se deslocam em busca de uma melhor qualidade de ensino e também tranquilidade. Em contrapartida, tenho a impressão que os alunos da comunidade do Bonsucesso têm pouco acesso à área urbana, porém, não os considero isolados, pois de certa forma, têm acesso a vários meios de comunicação e informação.

Em relação à disciplina, antes de iniciar minhas atividades na escola, criei boas expectativas, pois é senso comum que em comunidades rurais os alunos são tranquilos. Realmente não tenho grandes dificuldades em relação a isso no turno em que trabalho, o matutino, porém, ouço os professores do turno vespertino reclamando bastante da indisciplina das turmas.

Em relação à aprendizagem, vejo uma certa defasagem de pré-requisito, mas ainda assim consigo desenvolver meu trabalho de forma satisfatória. O que me deixa preocupada é a pouca expectativa que os alunos têm em relação a um futuro próximo, pois não os vejo interessados em dar continuidade aos estudos.

Quanto a relação com os demais professores, senti-me muito acolhida. Senti uma preocupação por parte da direção em acolher bem os novos professores. Embora haja algumas divergências de opiniões, sinto que de forma geral é um grupo coeso.

Ainda não tive contato com os pais dos alunos, porém, pelo que ouço dos demais colegas e dos próprios alunos é que são pessoas trabalhadoras e que lutam muito para sustentar os filhos em meio a tantas dificuldades. Muitos alunos me relataram isso em uma atividade em que fiz em sala. Relataram uma profunda admiração pelos pais, por ver esse esforço por parte deles em sua criação.

A percepção que tenho dos funcionários é de uma equipe bem competente, pois mantém a escola limpa e bem organizada. Das vezes que fiz alguma solicitação aos funcionários, fui bem tratada e tive meu pedido atendido com eficiência e boa vontade.

Em relação ao espaço escolar, acho que deveria haver uma preocupação maior por parte do governo, pois a escola não oferece uma boa estrutura para os alunos, como um laboratório de informática, de ciências, espaço para práticas de esporte e as próprias salas de aula são precárias, não abrigam de forma confortável os alunos matriculados.

Ainda não tenho certeza em relação ao meu futuro nessa escola, porém muitas coisas me motivam a continuar, como os colegas, os próprios alunos e até mesmo os desafios.



Professora Lidiane

ANEXO H- NARRATIVA SOBRE O EVENTO DA FESTA DE SÃO SEBASTIÃO E A HISTÓRIA DO “MEU LUGAR”

**Entrevista realizada pela aluna Vanessa Nobrega 3º ano do Ensino Médio em
24/08/2015
Com sua tia Rita de Cássia [sic]**

Narrativa da Festa de São Sebastião na Comunidade Monjolo

Começou por conta dos nossos avós ali. Vó Martinha e vô Luis (choro eu sou muito emotiva), E todo mundo participava. Meu avô por parte de pai era assim o festeiro da época e vó Martinha. Eles cediam a casa né. E tinha os noveneiros, eles levavam biscoitos, doces era 9 dias de novena. Nessa época tinha muita chuva, muita chuva! Tinha o mastro, tinha fogueira. E aí o mastro tinha assim, uma velinha (risos) que não apagava de jeito nenhum. O Martinha fazia o mastro né. Tinha o mastro feito de cera (riso)

No dia de São Sebastião tinha comida tradicional: carne de porco, galinha, macarronada com queijo. Era uma festa muito bonita! A comunidade era pouca mas todos participava. Podia contar nos dedos, mas participava. Meu avô Ozana gritava o leilão. Era assim a comunidade tinha emoção. Nós organizava a festa, a novena, cantava. Chegava janeiro, pra arrumar a festa, preparar o mastro vermelho e branco, as rosas que fazia era vermelho e branco. O mastro era o mártir, era todo vermelho. E o branco a paz do Espírito Santo. A festa teve um tempo parada né. Depois que o vô e vó Martinha morreu.

O significado da festa é que as pessoas vem em busca Deus né, pela fé e pela oração. E estão juntos nas casas. Isso que é o significado da festa de São Sebastião. Pedir a proteção de São Sebastião, porque no núcleo rural tem que ter a proteção de São Sebastião que é mártir, militar, protege as fazenda, as lavouras.

Capela de São Sebastião Comunidade Monjolo. Fonte:
Professora-pesquisadora /2015



Núcleo Rural Palmeiras

Palmeiras é uma comunidade tranquila, além de ser pobre, mas pra quem mora lá vale a pena, porque lá todo mundo ajuda o outro. Eu vim morar na comunidade Palmeiras quando eu tinha 3 anos de idade, antes eu morava no Buritis III.

Antigamente quem morava lá eram meus bisavós, que foram os primeiros a conhecer. E aí depois foram meus avós e aí por diante. Onde eu moro as estradas são horríveis. Na escola na minha época, só tinha 5 alunos na minha sala. Mas mesmo assim a educação era excelente.

Na Palmeiras, as pessoas que moram são as próprias donas de suas casas e trabalham em Planaltina, que é um lugar que tem emprego mais perto. Na comunidade poderia ter pelo menos um campo de futebol e um mercado próximo. No colégio Osório Bacchin onde eu estudo tem professores de altíssima qualidade, porque sabem ensinar os que precisam, na escola as pessoas são calmas e sabem respeitar, mas na escola o governo podia fazer uma quadra nova, fazer salas e ajudar mais a escola.

Aluna: Emily Micaela de Brito Silva

Vale Verde

A comunidade onde moro é bastante diferente das cidades, em vez de prédios e centenas de casas, temos plantas e árvores. Aqui não temos festas sempre. Em minha comunidade não temos comércios nem mercados então recorremos à Planaltina ou um mercadinho que tem na comunidade vizinha, o Jardim Morumbi. Aqui no Vale Verde não temos postos de saúde e muito menos hospitais, só temos um pequeno posto de saúde na comunidade vizinha, a mesma que falei agora a pouco. Não temos iluminação pública, então resumindo minha comunidade é bem esquecida. Aqui onde moro temos uma escolinha que fica mais longe de onde moro do que onde estudo. Aqui no Vale Verde temos dois locais que alugamos para festas, é uma das coisas boas daqui. As qualidades desse local é que aqui você pode ter uma forma de vida saudável, apesar de não termos hospitais, é que aqui você pode ser feliz mesmo sem ter muitos lugares para festas, e mesmo sendo a maioria das vezes esquecidos, somos fortes e trabalhadores e não desistimos por qualquer problema que aparece, a maioria de nós sempre tenta buscar seus direitos.

Aluna: Lídia Holanda Ferreira (7º ano B)

ANEXO I- UMA HISTÓRIA, UM LUGAR, UMA VIDA

A luta pela terra

No dia 17 de abril de 2002, 485 famílias ocuparam a fazenda Congado no Sarandi, ao lado da UPIS, formando o acampamento Sol Nascente. Eram integrantes do Movimento de apoio aos Trabalhadores Rurais (M.A.T.R.) Em novembro do mesmo ano as famílias levantaram acampamento e se fixaram em frente a fazenda Monjolo na beira da estrada. Nesse período, apenas 285 famílias foram cadastradas por funcionários do INCRA, (Instituto de Colonização e Reforma Agrária), pois as outras famílias desistiram do processo. Por seis longos anos, as famílias enfrentaram sol. Chuvas e ventos residindo em barracos de lona preta, castigados pelos agrotóxicos que eram lançados nas lavouras dos fazendeiros vizinhos ao acampamento. No ano de 2008, as famílias finalmente entraram a fazenda formando o pré-assentamento, agora com o nome de Márcia Cordeiro Leite, em homenagem póstuma a uma funcionária do INCRA, que muito ajudou no processo da mudança das famílias para a área. Por mais seis anos aguardamos a resolução do processo. Nesse meio tempo, alguns companheiros vieram a falecer, sem ver a realização dos seus sonhos. Muitos desistiram, vencidos pelo cansaço e outros foram convidados a se retirarem da área, pois não conseguiram se enquadrar no perfil e nas linhas orgânicas do movimento. Finalmente, em dezembro de 2014 o assentamento foi regularizado com 64 parcelas de quase 6 hectares cada uma. Hoje um pouco mais de 350 pessoas compõe a área do Márcia Cordeiro Leite, incluindo homens, mulheres, idosos, jovens e crianças. Todas as famílias são cadastradas no Bolsa Família, alguns recebem o benefício, outros não. Alguns participam do Projeto Brasil sem Miséria, outros não. Alguns já receberam o primeiro financiamento, o chamado Crédito Instalação, outros não. Nossas mulheres são artesãs trabalham com fibras de bananeiras, bordados a mão e também trabalham com os frutos do cerrado. Todos são alfabetizados, pois a seis meses eu realizo esta tarefa, assistida pelo projeto ALFA-SOL do banco Santander de São Paulo, que trouxeram para o assentamento os cursos de aproveitamento dos frutos do cerrado. O método de ensino é diferenciado, trabalhando com a nossa realidade, usando o tema . por uma educação do campo, mas que seja no campo, empregando o método de Paulo Freire, que traz como lição de vida o lema: “Feliz é aquele que ensina o que aprende, mas acima de tudo, aprende o que ensina”. Recentemente foi registrada aqui no assentamento uma associação para realizar a venda dos nossos produtos, e a Cooperativa Habitacional e de Consumo de Samambaia (COOHACOSAM) realizará a construção das casas, financiadas pela caixa Econômica Federal. A EMATER, nos garante a assistência técnica e também temos parceria com a UnB de Planaltina DF. Inúmeras vezes participamos de cursos de agro florestas e agroecologia, marcamos presenças em palestras e seminários sobre diversos temas, trabalhamos com teatro e transformação social, realizamos festas tradicionais como : festas juninas no Márcia Cordeiro Leite, festa da pamonha no Renascer, festa de confraternização no Por- do- Sol, festa de aniversário no fascinação entre outras das nossas tradições. Todo ano realizamos o amigo oculto entre os moradores, somos uma comunidade unida, temos nossas diferenças mas isso é comum.

Em 2013 eu fui convidada a compor a coordenação e ajudar na organicidade do movimento, a minha vida com meu marido e filhos é corrida, mas juntos superamos as

dificuldades. Todos nós somos gratos ao MATR e ao coordenador geral Antônio Júlio, pela luta e persistência junto ao INCRA para que fosse regularizada a nossa área, pois todas as famílias do Márcia Cordeiro Leite, já assinaram o Contrato de Concessão de Uso, (CCU) graças ao MATR e primeiramente a Deus, pois o MATR luta pela paz, luta pela vida e luta pela terra que a nós foi prometida.

(Mãe da aluna Sandy 7º ano B /2015)

ANEXO J- AS ASSOCIAÇÕES RURAIS E COMUNITÁRIAS

Associação Rural e Comunitária Jardins do Morumbi

Fundada em 10 de maio de 1986. Conforme diário oficial de 23 de maio de 1986, p.59. Sua finalidade estava assim definida: promover a integração sócio comunitária dos proprietários de chácaras autônomas da Comunidade Rural Jardins do Morumbi, com objetivo de buscar seu constante desenvolvimento socioeconômico, promover o intercâmbio de informações e de cooperação técnico-científica com entidade congêneres, órgãos de iniciativa privada ou agência do governo, com objetivo de propiciar aos integrantes da Associação a melhoria da produção e da qualidade dos produtos das culturas agrícolas praticadas na comunidade; promover junto às agências de financiamento públicas ou privadas a obtenção de recursos para aquisição de insumos básicos de agricultura a serem repassados a preço de custo aos associados; promover a execução de ações objetivando obter por intermédio dos Órgãos do Governo do Distrito Federal, a instalação de equipamentos comunitários para uso da comunidade (Escola Rural, Posto de Assistência médica, eletrificação rural, telefonia rural, lazer comunitário e outros). A sua sede provisória ficava na chácara 01, do conjunto Q, da Comunidade Rural Jardins do Morumbi. Sua duração será indefinida, e sem fins lucrativos. E estava de acordo com o Código Civil Brasileiro. Seu 1º presidente foi o Sr. Otávio e o vice Torquato. Ambos residentes em Brasília na época. Seus membros estavam em torno de 43 associados, conforme listagem apresentada na documentação analisada.

O Estatuto atual é de 2005. Ele está em consonância com o novo Código Civil Brasileiro - Lei n. 10.406. Seu registro data de 19 de maio de 2005 em cartório.

Sua sede está localizada na chácara 22, Gleba “G”, Loteamento Rural –Jardins do Morumbi, às margens da Rodovia DF-128 e 205 região administrativa de Planaltina DF, onde também se encontra o CED-Osório Bacchin. Essa área era pertencente a antiga Fazenda Bonsucesso, conforme dados da escritura pública de doação, pela **Bacchin Empreendimentos Imobiliários LTDA.**

Tivemos acesso as cópias dos estatutos e do diário oficial que continha a sua fundação.

Associação Rural e Comunitária dos produtores Rurais do Vale Verde (APROVALE)

Fundada em 19 de fevereiro de 1984, é uma sociedade de natureza civil, sem fins lucrativos, destinada à representação e defesa dos Produtores associados. De acordo com

seu estatuto, são considerados produtores aqueles que se dedicam aos diversos ramos da agricultura, arrendatários ou parceiros de estabelecimento rural. A sua administrativa fica no Município de Planaltina DF.

De acordo com o capítulo III , seção I, art.4º do estatuto , pode associar-se à Associação, salvo se houver impossibilidades técnicas de prestação por parte desta, qualquer pessoa que se dedique às atividades agrícolas em imóvel de sua propriedade ou ocupado por processo legítimo, dentro da área de ação da sociedade, tendo livre disposição de sua pessoa e bens, que concorde com as disposições deste Estatuto e que não pratique atividade que possa prejudicar ou colidir com os interesses e objetivos da entidade. São Categorias de sócios: Fundadores, Efetivos, Beneméritos e Honorários.

Sócios beneméritos ou honorários serão submetidos à apreciação da Diretoria e aprovados pela Assembleia Geral. No art. 9º que reza sobre o direito a voto diz: Só terão direito a votar e serem votados os sócios fundadores e efetivos, quites com a Associação, em pleno gozo de seus direitos e deveres estatutários.

O Estatuto foi reformulado e redigido nos termos do Código Civil Brasileiro, Lei n. 10.406/2002 e demais legislação vigente e aprovado por deliberação da Assembleia Geral Extraordinária realizada em 03/07/10.

Associação Rural e Comunitária do Monjolo (ARCOM)

Fundada em 28 de abril de 1988, conforme o livro Ata. A reunião para a sua fundação se deu no grupo escolar do Monjolo. Seu primeiro presidente foi Jociene Benvindo Ramos e o vice Benedito José Custódio. A taxa de contribuição foi estipulada em \$200,00 (duzentos cruzados). Os presentes e membros dessa associação eram em número de 41, na época de sua fundação.

De acordo com seu Estatuto, sua sede provisória está localizada no Sítio “Cio da Terra” no município de Planaltina DF, de propriedade do prof. Paulo Sérgio Martins.

Atualmente a Associação tem como presidente, o senhor Vagner Delgado, conhecido por (Vaguinho), que gentilmente nos forneceu documentos como atas e estatuto para análise.

No art.5º do seu estatuto os sócios são todos os indivíduos que comprovadamente, residam no Monjolo, assim como todos os proprietários de terras do Monjolo e adjacências, mesmo que residam fora da região, que não tenham impedimentos legais e que sejam aprovados pela Diretoria da Associação, e mantenham em dia a suas contribuições mensais

estipuladas pela Assembleia Geral e que mantenham fiel obediência a este estatuto e deliberações da Associação.

No art 6º diz que só tem direito a voto na Assembleia o sócio contribuinte quite com as contribuições sociais. Embora exista as duas categorias de sócios: Os contribuintes e os beneméritos. Os sócio benemérito não elege e nem pode ser eleito.

O Estatuto consultado data de 20 de dezembro de 1988 (seu registro em cartório).

Em 1999 é comprado o terreno da Associação Rural dos Produtores do Vale Verde com uma área 2,97 hectares, de terras na Fazenda Monjolos, Distrito Federal.

A Associação doou esse terreno supracitado à SEEDF, para construção da Escola Classe Vale Verde. De acordo com o PPP da escola que traz no seu início a historicidade, ela surgiu da necessidade de ter uma escola mais próxima da casa dos moradores desta comunidade, pois as já existentes eram afastadas como as escolas do Monjolo, Palmeiras e Osório Bacchin.

Aproveitando-se da antiga sede da associação, a Secretaria reformou e adaptou para uma escola em 2004. E no ano de 2005 a escola teve suas atividades iniciadas.

Ressalta-se que a leitura dessas associações locais, foram feitas pelos instrumentos: entrevistas, estatutos, atas de fundação e participação em algumas reuniões, como na ARCOM (Associação Rural e Comunitária do Monjolo) e APROVALE (Associação dos Produtores Rurais do Vale Verde).

ANEXO K- GALERIA DE FOTOS DOS EVENTOS DA METODOLOGIA DA PESQUISA

Realizações da 8ª série B. Fonte: Professora-pesquisadora/2015

A- Respondendo o questionário 8ª B- abril 2015. B- Passeio- Leitura 8ª B/ junho de 2015
C- Placa de inauguração do asfalto da DF 205. D- Roda de conversa 8ª B



Realizações da 8ª série A / Saída a campo em 25/06/2015



ANEXO L- CÓPIA DA 3ª PARTE DA ESCRITURA DO TERRENO ONDE ESTÁ LOCALIZADA A ESCOLA (CED-OSÓRIO BACCHIN)


TABELIÃO MAURÍCIO GOMES DE LEMOS
CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO DE NOTAS: Asa Sul: Q. 504 - bl. A - Loja 18 - Fones: 321-3334 - 321-7039 - Brasília-DF
Asa Norte: Q. 703 - bl. I - Loja 25 - Fones: 226-5483 - 224-7129

L LIVRO **1646** FOLHA Nº **041**

com o exercício de 1990, devidamente pago, e tendo as seguintes características em hectares: Área Total - 233,7; Mód. Fiscal - 5,0 ; Nº de Mód. Fiscais - ... 48,74; Fração Mínima de Parcelamento - 2,0; Guia nº 018777, datada de 25.07.91 no valor de Cr\$ 9.680,00, referente ao Imposto de Transmissão Inter-Vivos, sobre o valor tributável de Cr\$ 484.000,00. Eu, Carlos Roberto Martins, Técnico Judiciário, fiz datilografar, li e encerrei o presente ato, colhendo as assinaturas. E, Eu, Tabelião, a subscrevo. (aa) Maurício Gomes de Lemos. Roque Bacchin. Antonio Luiz do Amaral Rego. Irany Felipe Navarro. Valdir Guida Campelo. NADA MAIS. Extraída por Certidão, na mesma data. Eu, Roberto Fernandes de Oliveira, Auxiliar Judiciário, a datilografei e conferi. E, Eu, Tabelião, a subscrevi, dou fé e assino.

OFÍCIO DE NOTAS
BRASÍLIA - DF
W. ...
REGISTRO DE IMÓVEIS
DISTRITO FEDERAL
333
283.698
92

CARTÓRIO DO 3º OFÍCIO DO REGISTRO DE IMÓVEIS
DISTRITO FEDERAL
Matrícula Nº 124031 (3º Of. - Distrito Federal)
Inscrições: ...
em 04/01/92
Maurício G. Lemos
Táb. Judiciário

rfo/crm.